



CONTOS | 2ª série – Ensino Médio

NÓS





CONTOS | 2ª série – Ensino Médio

NÓS

**Direção Geral**

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação

Ana Bergamin

Nós – Contos – 2ª série 2022 – Ensino Médio

Organização:

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello
(Professor de Redação)

Professora Orientadora da 2ª série:

Lilian Spalding Degani

Psicóloga Escolar:

Simone Fernandes

Edição, revisão e projeto gráfico:**Ilustração de capa:**

Bernardo Neves, da 2ª série A, sobre foto de autor desconhecido.

São Paulo, outubro de 2022

SUMÁRIO

| | | | |
|-------------------------------------|----|--|-----|
| AUTORES | 6 | DE UM DIA PARA O OUTRO, TUDO MUDOU | 59 |
| PREFÁCIO | 8 | CONTO PÓS-APOCALÍPTICO | 61 |
| MAIS UM DIA NO SÉCULO XXI | 10 | O COMPLEXADO ESPELHO | 62 |
| ROTINA | 14 | AS SUAS PALAVRAS | 65 |
| COMO SE MINHA VIDA DEPENDESSE DISSO | 18 | O CELULAR | 67 |
| ORDENS | 20 | O DIA EM QUE EU FUI TOMAR SORVETE E ELE DERRETEU | 70 |
| NÓS? | 23 | A PRAÇA | 72 |
| A CRISE HÍDRICA | 25 | ATÉ A HORA DE NOSSA MORTE, AMÉM | 74 |
| PASSADO? OU FUTURO? | 28 | MENOS OS NÚMEROS NA MENTE | 77 |
| DUAS METADES | 30 | A ESTAFA DE VIVER | 80 |
| ELA | 32 | DIFERENTES VISÕES DE UM MESMO MUNDO | 84 |
| EU / ELA | 34 | É NATURAL QUE ELES FAÇAM ESSAS COISAS, SÃO APENAS GAROTOS | 86 |
| A SERPENTE CEGA DO AMOR | 36 | SUA NAMORADA | 88 |
| QUASE CARINHOSAMENTE | 38 | PÂNICO NO HOSPITAL | 90 |
| DAS CORES ÀS DORES | 40 | <i>LOOPING</i> | 93 |
| TURBULÊNCIA | 42 | A METÁFORA DA MÃE APEGADA | 95 |
| ESQUECERAM DE MIM | 44 | UMA MÃE FELIZ! | 97 |
| ATÉ AS ÁGUAS VIVAS MORREM | 46 | BEBÊ?! | 99 |
| A TRANSFORMAÇÃO | 49 | EXÍLIO DIONISIACO | 101 |
| ASFALTO E SANGUE | 50 | OS ACHADOS DE PERDIDOS | 104 |
| ÀS OUTRAS PESSOAS | 52 | <i>MIDNIGHT</i> | 106 |
| EQUILÍBRIO | 54 | | |
| MINHA CARTA DE ÓDIO AO HORMÔNIO | 56 | | |
| O CAMINHO DA REALIDADE | 57 | | |

| | | | |
|-----------------------|-----|------------------------|-----|
| O MENOR ROMÂNTICO | 108 | A CONFIANÇA ANIMAL | 133 |
| VIVENDO MEU SONHO | 110 | CORROMPIDOS PELO AMOR | 135 |
| TONHÃO | 112 | CONFIE SEMPRE EM VOCÊ | 138 |
| VIVENDO E APRENDENDO | 113 | PESO PENA | 140 |
| PARA: VITOR FUMASSE | 115 | KARATE OLD | 142 |
| DEPRESSÃO GEOGRÁFICA | 117 | QUE BICHO É ESSE? | 144 |
| A CURA | 119 | SOCIEDADE | 146 |
| FÔLEGO | 121 | O JOGO | 148 |
| COMO COLOCO PARA FORA | 124 | GÊMEOS | 150 |
| A FESTA | 126 | CALOS | 153 |
| A ILHA ENFEITIÇADA | 129 | OS GÊMEOS ATRAPALHADOS | 155 |
| PERSONALIDADE DO CÃO | 131 | | |

AUTORES

| | | | |
|--------------------------|-----|----------------------|-----|
| Alice Gandour | 14 | Henrique Hochmann | 129 |
| Ana Carolina Juliasz | 106 | Ignacio Pacheco | 67 |
| André Dittmar | 101 | Isabel Vergueiro | 80 |
| Anita Grinberg | 57 | Isabela Jazzar | 126 |
| Antonio Kalmar | 20 | João Cunha | 133 |
| Antônio Soutello | 115 | João Pedro Rossi | 140 |
| Artur Vilela | 117 | Joaquim Gandini | 34 |
| Beatriz Bittar | 44 | Joshua Laloum | 30 |
| Beatriz Kiraly | 42 | Julia Biagio | 36 |
| Bernardo Pinto | 146 | Júlia Ferrari | 18 |
| Bianca da Mata | 119 | Laura Lang de Mattos | 104 |
| Bruna Serra | 62 | Laura R. Joseph | 95 |
| Carolina Galvão Xavier | 52 | Lorena Rosenblit | 110 |
| Clara Altschuler | 72 | Lorena Trotta | 46 |
| Clara Echeverria | 65 | Lorenzo Lima | 90 |
| Clara Vignola | 70 | Luca Gianesi | 56 |
| Dora Andrade | 61 | Lucca Eid | 148 |
| Felipe Donato | 108 | Luísa Costa | 86 |
| Fernando Ribas | 93 | Luiza Ohta | 59 |
| Flora Mazzucchelli | 124 | Manuela Maia | 38 |
| Helena La terza Leopoldi | 32 | Manuela Moraes | 135 |
| Helena Mariutti | 121 | Maria Mercadante | 40 |

| | | | |
|------------------------|-----|---------------------------|-----|
| Marina Filinto P. Lima | 74 | Nicole Chiachirini | 84 |
| Marina Heck Eli | 10 | Pedro Brasileiro | 155 |
| Marina Peccin | 97 | Pedro Ferros | 112 |
| Martin Vilela | 99 | Pedro Gabriel Chiea Gomes | 144 |
| Mateus Hime | 23 | Pedro Olmos | 150 |
| Mateus Perazzo | 153 | Raul Quattrone | 77 |
| Mathias Zylberkan | 138 | Roberta Gorski | 28 |
| Miguel Lopes | 54 | Sofia Neves | 25 |
| Miguel Singer | 50 | Tiago Faria | 49 |
| Munize Moita | 88 | Veridiana Astiz | 131 |
| Nicolas Man | 113 | Vinicius Fantinel | 142 |

PREFÁCIO

Luiz Venâncio Aiello

Há sete anos, desde o já longínquo 2015, temos realizado na 2ª série do Ensino Médio da Escola Vera Cruz um livro de contos autorais escritos pelo(a)s estudantes na disciplina de Redação.

Desde então, muita coisa mudou.

Na história do nosso país, vivemos rupturas e reacomodações; no mundo, continuamos em intensa aceleração; e mesmo na educação brasileira, passamos por transformações estruturais que, a partir da implementação de um novo currículo, têm como objetivo aproximar a escola dos desafios e diversidades da vida contemporânea.

Nesse processo, porém, a escrita continua funcionando como ferramenta poderosa para dar sentido e mesmo nova configuração ao mundo. E é bonito notar como, ao longo dos nossos sete livros de contos, a escrita do(a)s nosso(a)s estudantes, ao mesmo tempo que mudou, permaneceu.

Mudaram os temas, os estilos, os conflitos, as histórias. Mudaram as personagens, os cenários. Permaneceu — e se potencializou — a utilização feita por meninos e meninas da palavra escrita e ficcionalizada na forma de contos como meio de expressão.

Se, no início, o mais comum era que nos deparássemos com histórias mais realistas, aos poucos os temas, os estilos e as autorias foram ganhando asas. Se no início tínhamos como cenários preferenciais casas, apartamentos, escolas, clubes, hoje contamos muitas vezes com mundos ficcionais totalmente originais; se de início a maioria de nosso(a)s protagonistas eram adolescentes — como o(a)s autore(a)s —, hoje são também animais, árvores, ruas, bebês, a Vida e até a Morte personificadas. Se antes o estilo tendia mais a uma prosa simples, hoje os níveis de elaboração estilística muitas vezes ganham voos insuspeitados.

Assim, o que nos cabe é o prazer de (re)ler esses textos; de entender a importância da palavra na vida desse(a)s jovens; e de perceber a beleza da adolescência figurada — muitas vezes alegorizada, mas sempre presente e plasmada — nestes contos. Que estes textos, produzidos em aula no final do 1º semestre de 2022, agradem a quem puder desfrutá-los. Boa leitura!

MAIS UM DIA NO SÉCULO XXI

Marina Heck Eli

“[...] Exatamente Laura, mais de 5mil pessoas morreram na noite de ontem, mas agora vamos para o próximo assunto da nossa pauta: o mais novo investimento do governo brasileiro, uma tecnologia nunca vista antes: o presidente investiu 3 milhões de reais em Danones Proteicos, com o objetivo de proporcionar mais saúde para a população. Esse é o novo lanche lançado pela nossa querida marca brasileira, reconhecida mundialmente pelo lançamento de sua linha extra-saudável de capsulas de água, além disso...”

Que bobagem, “Danones Proteicos”, mais um jeito que esse sistema do caralh* arranjou pra fazer a gente gastar dinheiro. Preciso comprar macarrão.

A Sofia não gosta de penne, mas o espaguete está 307,99 reais, vai o Penne mesmo.

— Boa noite, a senhora é cliente mais?

— Não.

— Só o penne mesmo?

— Me vê também umas 10 cápsulas de água, por favor.

— Certo, mais alguma coisa?

— Só isso.

— Seu total deu 543,76 reais. Crédito ou cupom de vendimento?

— Cupom.

— Ok, só para avisar que com essa compra seu saldo ficará zerado, você pode abastecer na próxima esquina a esquerda, temos o ponto exclusivo do mercado 21, lá disponibilizamos preservativos gratuitos.

— Está bem, boa noite.

Ótimo, enchi essa merd* segunda e já tá negativo.

— Oi amor, cheguei, o espaguete tava muito caro, tive que comprar penne mesmo, desculpa. Você consegue ir preparando o jantar

enquanto eu passo no ponto para recarregar meu cupom de vendi-
mento? Recarreguei segunda, mas tive que comprar mais cápsula
de água.

— Oi linda, beleza, vou preparando sim. Vai lá, depois a gente con-
versa.

— Ok, já volto.

Nossa esqueci totalmente do relatório que eu tenho que entregar
amanhã, vou pedir pro Lenny ir dando uma adiantada. Ela falou es-
querda né?

Ah, acertei!

— Oi, boa noite.

— Olá senhora, em que posso ajudar?

— Vim reabastecer meu cupom de vendimento.

— Certo, qual seu saldo atual?

— Zero.

— E quanto a senhora deseja colocar?

— Hum, acho que pode ser 1.000 reais. Cada pessoa rende 500 né?

— No geral sim, mas se você escolher prestar serviço completo você
ganha 700 por pessoa.

— Não, vai ser o padrão mesmo. Duas pessoas por favor.

— Ok, primeira vez no ponto 21 ou a senhora já possui cadastro?

— Primeira vez.

— Ok, a senhora vai preencher essa ficha de descrição básica e as-
sinar esse documento padrão de concordância, quando tudo estiver
pronto você volta aqui para colocarmos tudo no sistema. Assim que
estiver tudo pronto você vai esperar mais ou menos uns 5 minutos
enquanto preparamos a sala para a senhora.

— Certo, muito obrigada.

“Nome completo” Alexia Rousventh

“Estado civil” união estável

“Cpf” 255.479.090-71

“Altura” 1,68

“Cor do cabelo” ruivo

“Cor dos olhos” castanhos

“Etnia” caucasiana

“Tamanho médio dos seios” M/42

“Tamanho de sapato” 37
“Peso” 61kg
“Último ciclo menstrual” 07/04-11/04
“Usa algum tipo de método anticoncepcional? Se sim, qual” sim,
pílula
“Quantia desejada” R\$1.000,00
“Tipo de serviço que será prestado” padrão
“Quantas pessoas deseja atender hoje?” duas
“Último mês em que realizou os testes de DSTs padrões exigidos
pelo governo” — Fevereiro
Meu deus, quanta burocracia.
“Eu, Alexia Rousventh, portadora do cpf 255.479.090-71, concordo
em prestar serviço de vendimento para o Ponto 21 e aceito os termos
de condição internacionais, impostos pelo ISI, relacionados e este tipo
de serviço gerador de renda extra e forma de pagamento moderno”.
Concordar. Quem concorda com esse tipo de coisa? Mas fazer o quê,
preciso pagar aluguel.
— Aqui está.
— Certo, pode esperar na sala ao lado que um de nossos funcio-
nários 21 te chamara pela sua senha, fique à vontade para utilizar os
preservativos que proporcionamos.
— Obrigada, boa noite.
Preciso fechar aquelas notas. Put* que pariu esqueci de dar comida
para o Freddie, tomara que não demore muito aqui.
— Senha 512, 512
Finalmente.
— Me acompanhe por favor.
Tomara que eu não pegue um velho que nem da última vez.
— Aqui está sua chave, ao terminar peça para o cliente assinar o
cartão de realização e entregue para o caixa. Disponibilizamos pre-
servativos sem custo adicional. Obrigada pela preferência, o Ponto 21
agradece.
Nossa, por que fizeram esses robôs com umas vozes tão irritantes?
— Boa noite.
— Olá.
[...]

— Assina o cartão para mim por favor.
— Pronto. Você é muito gostosa, sempre tive uma quedinha por ruivas.
— Obrigada, boa noite. Ah quando sair peça para o próximo entrar, por favor.
— Pode deixar, coisa linda.
— Olá, pode se deitar por favor.
— Oi, nossa como você é bonita, tão branquinha...
[...]
— Não se esqueça de assinar o cartão de realização, por favor.
— Ah sim, aqui.
— Obrigada.
— Oi So, demorou mais do que eu esperava, tava uma fila enorme e tive que preencher um monte de papelada... So?
Ah, ela já tá dormindo. A comida do Freddie!
— Pspsp, vamos comer, gatoão? Own que coisa fofa que você é!
“Tentei te esperar para jantar mas eu tava acabada! Desculpa amor, te amo <3” também te amo. Muito.
— Bom dia sala! Fiz o fechamento das notas ontem, vou chamando um por um para passar as notas, enquanto isso o resto pode ir terminando aquela pesquisa que eu passei semana passada.
— Ô professora, que dia é hoje mesmo?
— Vou pôr na lousa.

03/05/2022

ROTINA

Alice Gandour

Me levanto.
Escovo os meus dentes.
Lavo o rosto com o sabonete da Dona Márcia.
Coloco uma blusa branca e uma calça azul.
Pego as chaves.
Saio de casa.

Ando em linha reta, não me lembro aonde estou indo, mas sei o caminho como se tivesse feito várias vezes.

Chego na empresa de publicidade.
Subo no elevador.
Sento em uma mesa.
Começo a trabalhar.

O sol se põe e meus dedos quase caem.
Mas trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.
Trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.

Levanto da mesa.
Desço no elevador.
Dou tchau para a Secretária, “Dona Márcia”, está escrito.
Saio na rua, não olho para os lados.

Barulho.
Sinto uma dor no meu lado esquerdo.
Tudo preto.

Me levanto.
Escovo os dentes.
Lavo o rosto com o sabonete da Secretaria.
Coloco uma blusa branca e uma calça azul.
Pego as chaves.
Saio de casa.

Ando em linha reta, estou indo ao trabalho.
Chego na empresa.
Subo no elevador.
Sento na minha mesa.
Meu lado esquerdo está doendo.
Mesmo assim trabalho.

Dedos quase caem, meu estômago dói.
Mas Trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.
Trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.

Levanto da mesa.
Desço no elevador.
Dou tchau para Dona Márcia.
Barulhos altos.
“Mãos para o alto”.
Sangue.
Tudo preto.

Me levanto.
Escovo os dentes.
Lavo o rosto com o sabonete da Secretaria Dona Márcia.
Por que eu tenho esse sabonete?
Coloco uma blusa branca e uma calça azul.
Pego as chaves.
Saio de casa.

Ando em linha reta, é preciso ir ao trabalho.
Chego na empresa.
Subo o elevador.
Sento na minha mesa.
Meu ombro está sangrando.
Mesmo assim, trabalho.

Blusa Branca agora toda vermelha.
Mas trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.
Trabalho.
Digito.
Escrevo.
Penso.

Levanto da mesa.
Desço no elevador.
Olho para o lado.
Onde esta a Dona Márcia?
Virando para frente a dona dos meus sabonetes
me traz uma dor forte no peito.
Mais sangue.
Tudo preto.

Me levanto.
Tudo está doendo.

Não aguento mais.
Não vale apenas o esforço.

Saio de casa.
Viro à direita.
Dona Márcia está me esperando na esquina.
Ela me olha e me dá parabéns.
Logo em seguida.
Mais dor.
Tudo preto.

Não me levanto mais.

COMO SE MINHA VIDA DEPENDESSE DISSO

Júlia Ferrari

Eu não me lembro da última vez em que eu não estivesse correndo. O vento batendo na cara, o meu longo rabo de cavalo balançando, meus pés encostando e saltando do chão, me impulsionando para a frente, de novo e de novo e de novo, sem parar. Correr era tudo o que eu fazia, era tudo o que eu sabia fazer. Corria como se minha vida dependesse disso, por que no fundo, eu acho que realmente dependia de fazê-lo. Eu gostava, gostei sem reclamar de nada por muito tempo, mas não me sentia mais assim. Um vazio dentro do peito cresceu, até tomar conta de mim por completo, a solidão da corrida não me era mais suficiente, estar sempre sozinha já não me bastava.

Era mais um dia qualquer e eu estava, como esperado, na pista de corrida. Já fazia horas que me encontrava ali, volta atrás de volta atrás de volta, na minha corrida sem fim; quando avistei uma silhueta. Não era distinguível de tão longe e com os raios de sol me cegando. Fixei os olhos naquela imagem, que percebi serem imagens, pe, pe, pe, pessoas!! Isto é real? Eu estou certa do que estou vendo? A luz que antes me cegava, ofereceu-me uma trégua, me permitiu enxergar novamente e iluminou a suposta miragem. Eu não estava louca, quatro garotas corriam juntas, se parecendo comigo.

Aquela visão me deixou atordoada e, sem pensar muito, tornei minha missão alcançá-las. Talvez assim esse vazio... É, era minha única solução. Cerrei os olhos e respirei fundo, inspira, expira, inspira, expira, inspira e então corri. Corri mais rápido do que achava ser possível, corri com tanta força que minha alma poderia deixar o corpo e continuar sozinha, corri e corri e corri, como se minha vida dependesse disso, por que no fundo, eu acho que realmente dependia.

Horas se passaram, tic-tac, tic-tac, tic-tac, horas de esforço, horas de exaustão, mas eu as via, as garotas estavam perto, tão perto que se esticasse a mão alguns centímetros a mais poderia tocá-las. Dei um último impulso e, com o resto de energia que pude encontrar em meu corpo, pulei. Deu certo, deu certo, deu; eu não podia acreditar, eu havia conseguido, olhei para o lado na tentativa de ver a cara de minhas novas companheiras quando, aaaaaaaiiii! Caí, caí não porque tropecei, mas porque algo me tirou os pés do chão, porque algo tirou o meu equilíbrio, então caí.

Uma avalanche de frustrações tomou conta de mim, abri a boca na tentativa de gritar, mas nada saía, não possuía mais forças para fazê-lo. Ahhhhh, o berro ecoava na minha mente, berro, berro, berro. Por mais que quisesse, não podia desistir, não agora que tinha chegado tão perto. Joguei a frustração para o lado e voltei a correr como se minha vida dependesse disso, porque no fundo, eu acho que realmente dependia. Tentativa atrás de tentativa atrás de tentativa, as horas se passavam, eu corria, inspira, olhos cerrados, tic-tac, gotas de suor desciam pela minha testa, tic-tac, expira, corria, impulso, mais horas e horas, tic-tac, cansaço, corre, esforço, e horas, fracasso, caí, caí, levanta, corre, tic-tac, inspira, caí, expira, corre, caí e caí e caí, até não poder mais.

Caída no chão, estabacada na pista, fechei os olhos. Estava vermelha, pingando, sem forças sequer para levantar. Quase alcancei, quase pude vê-las, quase pude me juntar a elas; mas não, caí. Com o ouvido ao chão, escutei algo, ele começou a tremer, tum, tum, tum, me concentrei no som, eram passos. Sentei-me. Como poderia ser? Eu estava sozinha, as únicas outras pessoas ali já estavam quilômetros à frente de mim. Então me dei conta, ao passo que o som se aproximava e o tremor ficava mais forte, tudo fez sentido, virei o rosto para olhar pra trás, mas antes que pudesse ver qualquer coisa ou me dar conta do que estava acontecendo, fui erguida pelos braços e voltei a correr.

Estava em pé e estava correndo. Que estranho! Aquele vazio no meu peito, não o sentia mais. Olhei para o lado. Em um susto, percebi, havia alguém, uma garota, que se parecia comigo e estava acompanhada de mais três outras meninas. As quatro sorriam pra mim e ficavam alertas a cada passo para garantir que eu não caísse mais. Abri um sorriso no rosto e lado a lado com minhas novas companheiras corri, corri e corri, como se minha vida dependesse disso, porque no fundo, realmente dependia.

ORDENS

Antonio Kalmar

O clarão repentino nas cortinas mofadas se repetia pela madrugada devido aos carros e caminhões que cruzavam a cidade situada à beira de uma estrada movimentada. Diante de um banheiro sem porta, com uma sujeira impregnada na parede e iluminada apenas pela fraca luz da Lua que se escondia por trás das nuvens, um jovem tomava banho com seu chuveirinho da privada. O chão já começara a inundar por causa da ausência de qualquer tipo de box ou ralo e dezenas de livros e jornais flutuavam.

A decadência do cabeludo universitário médio começou assim que ele saiu de casa para se mudar para os dormitórios da faculdade e, como consequência, rompeu e parou de seguir ordens, ou pelo menos as de seus pais.

Ao amanhecer, completar-se-iam 68 horas desde sua última vez realmente dormindo, ou melhor, do seu último desmaio. Ele, seguindo o que vira de seu novo coach na internet, saiu apenas com uma cueca e uma pochete rumo à aula.

“Já deu, isso aqui já é demais” — gritou um senhor de meia idade careca que não parecia muito contente ao se deparar com um homem seminu entrando em sua sala. “Primeiro você começa a vir descalço, depois pergunta se pode trazer uma E-S-T-E-I-R-A pra cá, sem contar a vez que me pediu o adubo do minhocário para comer com feijão e limão.”

“Isso não é saudável, cacete! Me desculpe o palavrão, mas Vitor, ou você começa a frequentar aquela reunião para maluco que a psiquiatria oferece ou você não entra mais aqui.” “Mas” — retrucou ele — “Vocês todos têm que entender que eu só sigo o certo para ser mais saudável, não menos, tanto que eu comecei até a tomar banho gelado nas madrugadas! Sentir frio faz com que os músculos sempre

fiquem tremendo, logo ficam sempre em movimento e por isso a cueca, essa foi a alternativa da esteira... A pochete é óbvia, quem carrega o material em mochilas nas costas tem muito mais chance de desenvolver problemas na coluna do que eu. Além do mais, feijão, limão e adubo suprem nutricionalmente tudo o que um organismo precisa por horas. Eu, diferente do resto da população, não quero morrer aos 60 anos com um câncer.”

“Meu Deus...” — Disse o professor decepcionado apontando firmemente rumo à saída — “Você está enlouquecendo de verdade.”

De cabeça baixa e sem rumo, o garoto se viu indo ao prédio da psiquiatria como dito por seu orientador. Ora, o que mais tinha a fazer?

Foi torturante esperar pra poder falar sobre sua própria vida. Ele sinceramente não ligava para aquele bando de gente falando sobre seus próprios problemas com a família ou com o trabalho, não fazia nem muito sentido ele estar ali, considerado que não era doido. Ele só tinha uma grande falta de objetivos ou vontades, além daqueles estúpidos impasses entre ser um bom aluno e levar uma vida saudável. O curso da saúde online não era gratuito... Talvez fosse necessário largar os estudos para focar nas lições e metas diárias — mesmo que isso ocasionalmente levasse a alguns vômitos e noites em claro.

“Sua vez, cueca” — disse uma senhora um tanto corcunda e com uma idade avançada que não parava de estalar os dedos mas que logo foi cortada por uma médica pedindo para que não houvesse julgamentos na sessão.

Sua fala foi um tanto breve. Em meio aos olhares de pessoas questionavelmente não tão sãs, o garoto tentou explicar porque vinha fazendo tudo aquilo. Para ele, era simples e bem racional, na verdade. Se ele seguisse, ou ainda dobrasse as tarefas divulgadas nos vídeos, certamente dobraria sua expectativa de vida e seu sucesso. Explicou sua rotina e percebeu como, em todos os casos, meio que inconscientemente precisava seguir o que alguém pedia, como na vez em que um sujeito desconhecido pediu sua carteira emprestada de um modo não tão gentil e nunca mais devolveu e ele mal se dera conta do que realmente havia acontecido.

Contudo, toda essa interpretação que teve de sua própria vida só veio com o questionamento da mesma médica sobre esses padrões e como o próprio ato de estar naquela roda contribuía para a hipótese.

A ficha caiu de uma vez. Em todos os segundos de toda a sua vida ele jamais havia experimentado uma única gota da verdadeira liberdade tão aclamada pela humanidade. Ele sabia exatamente o que fazer, ele finalmente seria livre. E assim o fez.

O clarão repentino nas cortinas mofadas se repetia pela madrugada devido aos carros e caminhões que cruzavam a cidade situada à beira de uma estrada movimentada, mas agora, com sangue.

Voltando das longas férias de janeiro, um garoto se sentava no fundo da sala com seu livro de terror nas mãos enquanto esperava o começo da aula.

“Salve Lucas! Agora é o terceiro, hein?” — disse um amigo que acabara de entrar na sala.

O menino fez um aceno com a cabeça e continuou a ler.

“Nossa senhora, cê tá pior que antes”.

Continuou com a leitura enquanto a sala se organizava e o professor fazia aquele clássico discurso de início de ano. Depois do falatório de como o ano ia ser mais desafiador, precisariam estudar mais e blábláblá, começou a chamada. Foi normalmente lendo os nomes até chegar no “J”.

“Júlia? Quem é Júlia?” — indagou

Uma menina na primeira carteira se levantou, com um olhar cintilante observando a profundidade dos olhos do professor e de forma meio gaguejante se apresentou. A classe se virou instantaneamente para Lucas, que com o livro no rosto quase dormia. Assustado com a reação da turma, ele se ajeitou o mais rápido que conseguiu e tentou entender a situação. A aluna continuava a se apresentar, mas era como se ninguém a ouvisse. Ele era o centro das atenções.

Ao final da fala de Júlia, os olhares de forma robotizada se voltaram ao professor, que seguiu com a chamada normalmente. Após o último nome, uma movimentação estranha na sala começou. Todas as malas na frente e só o material necessitado em mãos, afirmava o professor.

O rosto de toda a sala derreteu. Ninguém se controlava. Uma prova sobre assuntos dos anos passados logo no primeiro dia? Baita sacanagem. Lágrimas rolavam pelo chão e sussurros desesperados ecoavam nas paredes. No entanto, Lucas e Júlia mantinham a mesma poker face,

séria e despreocupada. Com o tocar do sinal de início do exame, os dois iniciaram o teste, fazendo o mais rápido que conseguiam. “15 minutos”, os dois já passavam da metade. “30 minutos”, já nos últimos detalhes. Juntos se levantaram. Pareciam programados para agirem juntos. Entregaram a prova e em passadas sincronizadas, saíram da sala onde ele a perdeu de vista. Lucas enlouquecera?

No dia seguinte, entraram juntos na sala, mas ninguém se importava com ela. Todos o cumprimentavam, enquanto sem distúrbios ela passava pela multidão. Na chamada, o mesmo ocorrido, nas atitudes, o espelho entre eles se mantinha. Para Lucas, ela estava em todo lugar; para o resto, em nenhum.

Passaram-se horas, dias, semanas e meses no mesmo looping. Lucas não aguentava mais a segunda versão de si próprio. Quando a encontrava, seu coração disparava; ele queria gritar, mas não era capaz de se desprender dela. Surtando no meio da aula, levantou-se esbarrando em tudo em seu caminho e correu para o banheiro para lavar o rosto. Encheu a mão d'água e jogou na cara. Ao levantar os olhos, no espelho não viu mais seu rosto, apenas os olhos cintilantes de Júlia.

A CRISE HÍDRICA

Sofia Neves

Cena 1: Menino, sentado na sala de aula, ansioso com a chegada do fim de semana. Olha para o relógio, apesar de ter muitas coisas na louça que provavelmente são importantes para sua nota de matemática.

Cena 2: (Foco nas partes do corpo dele)

Seu pé se mexe, suas mãos suam e sua garganta está seca. Seus ouvidos já não escutam a voz da professora.

Cena 3: Menino pega a garrafa d'água. Olha para o relógio mais uma vez, 5 minutos.

Cena 4: (Câmera acompanha a garrafa de água)

Leva a garrafa até sua boca. A água molha seus lábios e sua garganta, aliviando tensão.

Cena 5: O menino olha para o relógio mais uma vez. Se espanta. 30 minutos. Olha para sua amiga, que está ao seu lado. Ela está com uma blusa amarela. Se espanta mais uma vez. Hoje vindo para a escola ela lhe mostra sua blusa preta nova.

Cena 6: A amiga olha para ele, parece o espanto e sussurra:

— Tô? Que foi? Tá tudo bem?

O menino responde:

— Por que eu troquei de roupa na escola?

Uma voz o interrompe:

— Tomas e Maria Vitoria, vocês conversando de novo?

— Mavi, tem alguma coisa errada — diz.

Mavi o ignora e volta a prestar atenção.

Cena 7: (Pátio, hora do almoço)

— Mavi, Mavi! — Tomas grita — Eu tinha pegado panqueca de almoço, não frango. Por que você está de amarelo se você estava de preto, por que eu estou de calça se eu estava de shorts?

— Pirou, Tomas? Eu tava de preto sexta e sexta feira no almoço você dividiu panqueca comigo.

— Que dia é hoje, Mavi?

— Segunda, ué, como esquece o primeiro dia da semana?

Sentam-se na mesa do pátio com alguns colegas:

— Como pode ser segunda se o fim de semana não passou ainda?

— Tomas, você passou o fim de semana lá em casa, como não chegou o fim de semana ainda?

— Não consigo lembrar! — respondeu em desespero.

— Acho que aquele negócio que você usou no domingo não te fez bem, heim?

Tomas, ainda em pânico, fica em silêncio tentando comer. Vira para trás puxa sua garrafa e dá mais um gole.

Cena 8: (Quarto de Tomas)

Tomas está dormindo no chão. Acorda com seu gato subindo em suas costas.

— COMO EU VIM PARAR AQUI? CADÊ A MAVI? ONDE TÁ MEU FRANGO?

Mãe de Tomas passa na porta e diz:

— A Mavi foi embora ontem à noite daqui, e seu pai fez frango há três dias. Quer comer frango de jantar de novo?

— Três dias atrás mãe? Que dia é hoje?

— Quinta feira, está tudo bem meu filho?

Tomas só fecha a porta do quarto.

Cena 9: (cabeça de Tomas (pensamentos))

— Por que o tempo está passando assim? Por que eu não lembro das coisas? Eu queria às vezes que o tempo passasse rápido para chegarem as coisas legais mais rápido, não para esquecer delas. Por que isso está acontecendo?

Tomas vai até a mesa onde está a garrafa d'água, repara que ela está quase acabando, como o seu tempo.

Corre até a porta e gruta para sua mãe:

— Que dia é hoje mesmo?

— 22, Tomas!

Tomas percebe que falta 1 dia para seu aniversário de 18 anos, 1 dia para se transformar num adulto, um gole de água para acabar sua adolescência.

PASSADO? OU FUTURO?

Roberta Gorski

Estava eu em meu quarto às duas da manhã ouvindo música do Onedirection e lendo revista capricho, enquanto comia um Bis, pensando o quanto era difícil ser uma menina de 15 anos. Tudo o que queria era voltar à minha infância. Tudo era muito mais leve, não existiam problemas. Eu não tinha tantas inseguranças sobre mim e sobre meu futuro, sobre minhas amizades e decisões. Ou também poderia viajar no tempo e ir diretamente para o futuro, tudo seria bem mais fácil, poderia ser independente, já teria minha vida resolvida e programada. Peguei o meu álbum de fotos que completava desde que era criança para matar a saudade da infância e colar uma foto minha que tirei na semana anterior. Muitos podem não acreditar, mas em um passe de mágica eu acordei muito mais velha. Estava em um apartamento enorme. Ao meu lado, havia projetos de casas e prédios. O ano era 2020, acordei com 30 anos e era uma arquiteta, apenas isso eu sabia de mim. Tocam em minha porta. Abro. Era uma mulher loira de cabelocacheado. Pergunto o que ela quer e quem ela é. Era minha irmã. Eu não reconheço minha própria irmã. Ela achou que eu estava louca ou havia fumado algo. Não veio sozinha. Trouxe um homem. Que me chamou pelo apelido de Lili. Apenas o melhor amigo de infância da minha irmã me chamava assim. Todo o resto me chamava pelo meu nome Alice. Os dois estavam de aliança. Haviam se casado. Ando até o quarto totalmente desorientada. Me olho no espelho e vejo alguém. Uma mulher. Não mais aquela menina inocente de 15 anos. Quem sou eu? Em busca dessas respostas, chamo a minha irmã e peço que me leve até a casa da mãe. Chego lá e lhe dou um abraço como se não a visse há 15 anos. Pergunto onde está o Ozzy, nosso cachorro por quem eu era apaixonada. Minha mãe questiona se vi algum espírito. Fico arrasada. Sem as informações que procurava e can-

sada, vou para casa dormir. Acordei no dia seguinte com 20 ligações de uma tal de Cris, aparentemente minha secretária. Ela me mandou mensagens dizendo que me buscaria em casa para irmos até aquele prédio que eu estava fazendo o projeto. Chegamos lá e de alguma forma eu era muito boa no que fazia. Tiramos fotos em comemoração. Adorava ser arquiteta. Como decidi isso se o meu passado foi sempre feito de indecisões constantes? Fomos para o MEU escritório. Sim. Eu tinha um escritório. Ao chegar lá, uma mulher me abraçou. Disse que estava com saudades. Quando ela saiu perguntei à Cris quem era. Ela riu e questionou se havia esquecido da minha melhor amiga. Eu tinha uma nova melhor amiga. Mas quem era ela afinal? Cheguei em casa exausta apenas esperando para colocar os pés para cima. Quando abro a porta de meu apartamento, percebo que tem alguém lá. Fico um tanto quanto assustada. Pego o guarda-chuva do lado da porta como uma forma de defesa. Vou andando devagar. Palpitações aceleradas. Pernas trêmulas. De repente, um homem aparece em minha frente e eu dou com o guarda-chuva em sua cabeça. Meu coração dispara pois acho que já sei o personagem que ele faz em minha vida. Então ele abre a boca apenas para confirmar isso e fala "por acaso você quer terminar comigo? Fiz alguma coisa de errado para levar um guarda-chuva na cabeça?" Olho para ele e saio correndo para o meu quarto. Tranco a porta e começo a chorar e chorar. No meio da minha crise de choro, avisto um álbum vermelho em minha cabeceira. Rapidamente pego a foto que havia tirado junto com a Cris. Penso algumas vezes antes de colar. Chego à conclusão de que eu preciso saber quem sou. Preciso saber das pessoas que passaram pela minha vida. Até para evitar acidentes como o que havia ocorrido. No final de tudo as inseguranças daquela menina de 15 anos fazem parte da adolescência e da vida normal de uma garota. Pensei que era preciso viajar no tempo novamente para saber quem é essa mulher de 30 anos e como ela se tornará assim. Colei a foto. Acordei na minha cama com a revista da capricho e o chocolate ao meu lado.

DUAS METADES

Joshua Laloum

O despertador toca às 7:13 da manhã. Logo, Michael se levanta com um certo mau humor cotidiano. Então ele prepara seu café preto sem açúcar, sem nada, se veste formalmente e sai em direção ao seu trabalho. Finalmente eu posso sair do sótão, então preparo o meu café (sem deixar vestígios para que meu irmão não perceba), e começo a ler “Ilíada” que encontro na estante de Michael.

Não consigo entender, como eu fui acabar morando na rua e meu irmão gêmeo acabou sendo “bem-sucedido”? (Claro ele não é nenhum milionário, porém tem uma vida e um emprego digno). Afinal de contas, nós somos iguais. Na realidade, eu sou o oposto de Michael, enquanto ele é o certo, eu sou o errado, e isso não é de hoje, desde que éramos menores eu sempre arrumava encrenca tentando defender meu irmão. Assim como era de se esperar, eu acabei morando (escondido) no porão de meu irmão enquanto ele acabou com um emprego decente em uma locadora de carros.

Enfim, minha vida é uma porcaria, mas veja pelo lado bom, eu ainda estou vivo!

Continuando, eu já moro aqui há 7 meses e 13 dias sem que ninguém saiba, todos em minha família pensam que eu já morri, mas que diferença faria se eu estivesse vivo ou não para eles? Você a este ponto deve estar se perguntando por que eu ainda não me atirei de uma ponte para acabar de vez com este sofrimento, inclusive eu me pergunto isso todos os dias; porém, por incrível que pareça, eu amo viver. A emoção de me esconder todo dia de meu irmão, os livros incríveis que eu leio todos os dias, como é bom viver!

Agora já são 19:13 e normalmente este é o horário em que ele chega em casa, para assim completar 10 horas de trabalho.

A porta da entrada bate com muita força. Michael parece furioso e pelo que posso ver, ele parece estar em busca de alguma coisa. Então, ele revira o sofá e... nada, ele abre todas as gavetas e... nada; ele revira todos os cômodos e... nada.

Com isso, Michael começa a andar em direção ao porão, logo, eu me escondo o mais rápido possível. Em hipótese alguma meu irmão pode me encontrar aqui, então me escondi de qualquer jeito dentro de uma caixa.

Barulho de porta abrindo

Posso escutar Michael revirando tudo dentro do porão, então começo a entrar em desespero. Será que ele vai me encontrar? O que eu vou fazer? Ele vai me denunciar pra polícia?

Começo a escutar passos cada vez mais próximos, sabendo que ele com certeza estava prestes a me encontrar, eu sei que preciso agir de alguma forma. Com isso, eu pulo da caixa e logo, Michael me reconhece. Sem saber o que fazer, eu surpreendo meu irmão com um golpe em sua cabeça, e ele desmaia instantaneamente.

Nessa altura do campeonato, eu não tenho mais escolha, vou ter que ser Michael, minha outra metade, meu irmão gêmeo. Não aguento mais viver dos restos da vida dele, eu preciso de uma vida estável.

São 7:13 da manhã, eu me levanto com um certo mau humor e vou tomar meu café preto, sem açúcar, sem nada e saio em direção ao meu trabalho.

ELA

Helena La terza Leopoldi

A Maressa é demais. É inteligente, bonita, vai bem na escola e todo mundo gosta dela. Ela é gentil com as pessoas, fala o que pensa, não se importa com a opinião dos outros e está sempre segura de si, cheia de amigos à sua volta.

Eu a observo bastante, não tenho nada melhor para fazer. Na escola, ela conversa com suas amigas, mas ao mesmo tempo, presta atenção nas aulas. Depois, vai para o clube, onde vai à academia e faz dança, tudo isso junto com suas amigas. A gente frequenta exatamente os mesmos lugares, estamos sempre perto, mas nunca nos falamos, provavelmente ela nem me percebe.

Ela sempre vai bem nas matérias e parece que nem precisa se esforçar tanto para isso. Já eu estudo que nem uma louca e ainda assim nem sempre entendo tudo. Achei todas as provas muito difíceis, fiquei nervosa em quase todas e estou com muito medo dos boletins, que serão entregues mês que vem. Tenho certeza de que a Maressa achou tudo fácil e vai bem, ela acabava todas as provas com uma expressão tão serena...

Os boletins chegaram. Fui abrir o e-mail da escola e tirei tudo A. Fiquei muito feliz, jurava que eu iria mal mas, logo depois, vi que o e-mail estava endereçado para a Maressa. Obviamente ela tinha tirado tudo A e eu não. Peguei meu celular para tentar falar com ela sobre a troca de boletins que a escola tinha feito e quando vi, todos estavam me mandando mensagem, me confundindo com ela.

Tinham me adicionado em todos os grupos em que ela estava, ficavam me perguntando das notas de Maressa e contando como tinham visto o boletim. Achei aquilo muito estranho, todos estavam me confundindo com ela, e como? Tipo não tem como, a gente é tão diferente... Tudo aquilo estava muito estranho, meu celular estava logado no

site dela da escola no e-mail dela, no WhatsApp e em todas as outras redes sociais dela, e todos estavam achando que eu era ela.

Minh mãe entrou no meu quarto, dizendo que havia recebido meu boletim e me parabenizando. Ela me chamou de Maressa. Eu congelei. Como até minha própria mãe está me chamando de Maressa? Eu não sou a Maressa, como poderia ser? Ela está sempre sorrindo, parece levar a vida tão leve, todos gostam dela, parece não ter preocupações. Já eu, eu sou o oposto dela, eu sou... Quem eu sou?

Corri para o banheiro, interrompendo o discurso que minha mãe estava fazendo sobre como estava orgulhosa de mim. Vi no espelho uma menina de média estatura, olhos claros, pele clara e cabelos castanhos cacheados, vi a menina que eu observava todos os dias, a menina que eu queria ser, que todos adoravam, que parecia perfeita, sem defeitos e problemas, eu vi ela, vi Maressa.

EU / ELA

Joaquim Gandini

Nunca a vi tão linda. Seus olhos, agora, de uma vez por todas, estavam mais em mim do que os meus no dela. As suas mãos, como de praxe, expunham os indicadores sobre os dedões, como indício de ansiedade. A gritaria era extrema. Como de costume, que sempre tivera, Elena lambia seus lábios intensamente. Eu já previa isso. As malas, junto às mãos dela caminhavam para fora, sem nem mesmo um último adeus, sem nada. Mas seu beijo, este ainda estava lá. Sua única tatuagem, que fizera somente para mim, se expunha na minha frente. Agora entendo. Ela nunca se foi, até porque eu nunca fui.

O silêncio tomava a casa. Dormi. Acordei. A luz já batia nos meus peitos. Aliás, tais peitos descascavam intensamente. Levantei, tudo doía. Me vesti. Ao passo que caminhava ao trabalho, lembrei. A promoção podia vir naquele dia. Tentava conter a animação. Os dedos indicadores sobre o dedão, porém, não me deixavam mentir. Não recebi nada. Triste, decidi beber. E a partir daí não me lembro mais de nada. Só sei que nada sei, nem sei como acordei em casa com uma tatuagem e com meus peitos em carne viva. Com os mamilos inchados e uma dor descomunal no saco.

Vi uma foto dela. Sua cor, suas profundas olheiras e sua consistente pureza me relembrou. Em cima da foto, eu vi. Vi o que ninguém via. Vi o que, graças ao mundo de hoje, posso ver. Hotel Plaza, Rua doutor Alberti Pinto, 16. Fui. Não pude entrar. Entrada restrita a hóspedes. Voltei para casa. Aquele seu cofre, tentei abrir. “Digital incompatível”.

Acordei. A cama estava completamente suja de sangue. O tal líquido jorrava do meu peito. Levantei. Fui ao banheiro. Notei, então, que não só meu peito se abrira, mas que minha pele como um todo se avermelhara. Passei o dia na frente do espelho. Tudo tinha mudado. Até mesmo aquele vinho que ela me dera. Bebi uma taça. Duas. Uma garrafa.

Duas. Eu já dançava no ar. Como se me deliciando em alguém, lambia intensamente meu lábio. E foi assim pela noite toda. Diante do nascer do sol adormeci, no chão da sacada.

Ao som dos carros, despertei. Três horas de sono. Aquele vermelho, que antes se expunha no meu corpo, agora já tomava um tom bronzeado, próximo ao castanho. Fui ao banheiro. Não o encontrei lá. Meu pinto. Sim, ele não estava mais lá. Meus peitos, cada vez mais inchados. Abri o cofre de Elena. Ali, seu anel radiante. O coloquei.

Ouvi a casa. Ela já não era mais a mesma. Eu não estava mais lá. Na verdade, não existia mais eu. Minhas roupas já não estavam mais no meu armário. Minha vida já não estava mais em mim.

Decidi me divertir. Voltei ao hotel. Logo já estava no bar. Alguém fala comigo, mas desse alguém não consigo escutar uma palavra. Sorri. Me levantei. Segui o tal alguém ao meu quarto. Ouvi de longe meus devaneios. A manhã veio, nas não mais acordei. A morte me veio, por mim mesmo. De Elena por Elena.

A SERPENTE CEGA DO AMOR

Julia Biagio

Não consigo entender.
Seu comportamento mudou. Será?
Já tentei de tudo. Seu olhar está diferente. Suas ações. Tudo. Não consigo mais compreendê-lo.
Será que sou eu? Pode ser eu?
Não consigo. Não consigo.
Que merda está acontecendo? Não auento mais.
Vamos jantar logo. Espero que agora ele coma.
Já tentei demais.
Temperar mais a comida. Fazer seu prato favorito. Até colocar pimenta. Coisa que ele sempre amou.
Mas nada adianta.
Ele não come. Está sempre dormindo de dia.
Nunca havia feito isso. Está tudo muito estranho.
Seu jeito mudou. Parece me observar com grande atenção. Primeiro gostei. Mas agora não sei.
Tudo está fora dos eixos.
Seu corpo está gelado. A textura. É tão diferente... Não consigo me recordar de nada parecido. Nunca vi nada parecido.
Ele não vai comer? Não. Ele não comeu.
Já estou indo dormir. Não consigo. Isso tudo.
Ele deita em posição reta. Totalmente reta. Fica completamente imóvel.
O que será que passa por sua cabeça?
Tenho que dormir.
Preciso dormir.
Parar de pensar.
Meu ar! Não consigo respirar. O que está acontecendo? Isso é um pesadelo?

Não.
Tudo é bem real. Real demais. Ele está em cima de mim. Seu corpo em volta do meu pescoço. O ar não consegue entrar.
Acho que irei desmaiar. Meu corpo. Não consigo mexer.
Ele aumenta a força.
Quando tento me mexer ele aperta mais. E mais.
Está doendo. Quero gritar. Mas. O ar.
Não entra.
Gritar. Mover. Lutar.
Não consigo.
Não. Não.
NÃO.

QUASE CARINHOSAMENTE

Manuela Maia

Vida ri alto. Muito alto. Vida ri da minha cara, tirando onda dos meus fracassos, dos meus cabelos pretos e meus olhos claros, das minhas incertezas, das minhas inseguranças. Novidade. Ai ai Kiara, Vida diz. Você nunca irá aprender, Vida diz. Eu não respondo. Eu nunca respondo. Vida anda até onde estou sentada no chão do banheiro e se abaixa, o suficiente para sussurrar no meu ouvido, sem se submeter à vergonha de estar “olho” a olho comigo. Não. Claro que não. Vida sorri, quase carinhosamente, como se não fosse quem me colocou aqui, agora. Respira, Vida diz.

Respira.

Respira.

Respira.

Eu obedeço. Não como se houvesse opção; não era um pedido, era uma ordem. Era uma ordem violenta, escarnekedora. Era uma ordem que dizia: você nunca será livre de mim.

Respira.

Respira.

Não.

Não?

Não.

Como assim não?

Não respira.

Quem é você?

Sou a solução.

Solução?

Isso mesmo.

Ah, está bem.

Segure em mim.

Como você se chama?

Eu? Eu sou Morte.

Morte de abraça fortemente. E mais forte. E mais forte. Morte me libera de todo o ar remanescente no meu corpo. Afinal, era só isso o que sobrava. Um templo. Consistindo somente em ar, o qual insistia em sair e voltar constantemente. E agora, escuridão. Uma escuridão tão vazia, fria e sombria, tão confortável, quentinha e acolhedora. Depois, a luz. Finalmente, Morte, em toda sua grandeza. Morte sorri, quase carinhosamente, como se me conhecesse há muitos anos. Me guia até um túnel, não se vê nada do outro lado, mas Morte me orbita, direcionando-me até o final.

Se jogue.

O quê?

Isso mesmo.

Mas e Vida?

Vida? Vida está lá ué, você está aqui.

Não.

Não?

Não.

Como assim não?

Não vou me jogar.

Mas você quer.

Mas não vou.

Agora é tarde demais.

Não.

Sinto um sopro profundo e quente me rodear. Sinto dores inexplicáveis no meu corpo inteiro. Sinto a neve e a chuva. Sinto areia e a água do mar. Sinto euforia. Sinto ânsia. Sinto cansaço e tristeza incompreensível. Sinto felicidade inabalável. Sinto... sinto.

DAS CORES ÀS DORES

Maria Mercadante

Acordo atrasada, me levanto rapidamente, lavo minhas penas e coloco a primeira roupa do armário. Não posso me atrasar para meu primeiro dia de aula, principalmente porque é uma escola nova e eu não conheço absolutamente ninguém. Desço as escadas correndo e no processo, esbarro em um balde de tinta que deixa minha pata dolorida.

Saio correndo para a escola, segurando minha mochila em uma mão e uma maçã na outra, mas o pânico diminui quando vejo as horas e percebo que não estou tão atrasada. Diminuo o passo e vou observando a rua, me perdendo em meus pensamentos: como seria bom fazer amigos logo no primeiro dia de aula e encontrar um grupo igual ao que eu tinha na minha escola antiga, me sentir confortável em um ambiente novo logo de cara... Mas minha imaginação é interrompida quando percebo que todos, sem exceção, estão me olhando feio. Começo a criar paranoias na minha cabeça. Será que tem alguma coisa no meu rosto ou saí com alguma roupa suja, que não combina? Me encolho pelo resto do caminho até a escola, me sinto muito insegura. Um pato fora d'água. Só quero que esse dia acabe logo.

Quando chego na escola, parece um mundo completamente novo. Os estilos são completamente diferentes do que eu estava acostumada, todos pareciam já se conhecer e sinto vontade de voltar para casa, para o meu quarto, onde estou segura e não preciso falar com ninguém. Mas mesmo morrendo de vergonha, decido sair da minha zona de conforto e me aproximo de um grupo de patas que parecem ser da minha idade e tento pedir ajuda para encontrar meu armário, mas assim que elas veem que eu estou me aproximando, me olham de cima para baixo, cochicham entre si e saem andando, sem nenhuma preocupação em esconder o desdém que sentem por mim.

Aquilo começa a me angustiar, todos parecem me menosprezar, se afastam sempre que eu chego perto e cochicham quando eu passo. Eu não consigo entender o que está acontecendo, sei que a maioria dos patos se sentem deslocados no primeiro dia de aula, mas aquilo estava realmente estranho. Então, no segundo intervalo, decido ir ao banheiro lavar meu rosto e tentar me acalmar, mas logo antes de abrir a porta, escuto umas vozes cochichando “você viram a pata nova? Ela tem penugem azul”. Aquilo me chamou atenção, como assim eu tenho penas azuis? Entrei no banheiro por curiosidade e quando me olho no espelho, percebo: sou diferente daquelas patas. Eu nunca tinha percebido que todos os outros patos eram amarelos, esse foi o primeiro momento em que enxerguei as diferenças.

Fiquei muito incomodada, saí daquele banheiro atordoada e só quando um carro buzinou para mim percebi que estou andando no meio da rua. Continuam me olhando feio, ando quase dois km e os olhares sobre mim nunca acabam. Sinto uma crise de ansiedade, me sinto reprimida, humilhada, tenho vontade de gritar, sair correndo, me esconder e quando percebo, esbarro em um pato que acaba caindo em um lago.

Reparo que uma tinta amarela se dissolvendo na água e me aproximo da margem com curiosidade. Assim que o pato sai da água, consigo ver que suas penas, assim como as minhas, são azuis. Perplexa, não digo nada, nem mesmo desculpas, e apenas com essa imagem percebo que existem outros de mim.

Volto para casa com meus pensamentos a mil e ao subir as escadas, enxergo os baldes de tinta amarela com que eu tropecei pela manhã. Subo com o balde para o banheiro e começo a me banhar de amarelo até não conseguir mais me reconhecer. Quando me olho no espelho, estou idêntica a todos os outros patos, mas por algum motivo aquilo não me alivia, não me sinto eu mesma, parece que estou no corpo de outro pato e que vou me sentir assim para sempre. Depois de um tempo começo a me sentir frustrada, com raiva, lavo a tinta, e foi como se eu conseguisse respirar de novo. Porém, a realidade é que se eu não quiser passar por tudo o que eu passei hoje, vou precisar dela, então decidi: amanhã eu pinto de novo.

TURBULÊNCIA

Beatriz Kiraly

Estava no céu. Literalmente. Sentado na cadeira. Parecia apreensivo. Nervoso. Não sabia o que aconteceria dali em diante. Tinha família. Tinha filhos. No corpo, terno e gravata, a roupa do trabalho que sempre o acompanhava. Não era um sonho, era tudo completamente real. Abriu os olhos. Não conseguia pensar em nada. Olhou para o lado, as pessoas pareciam inquietas e com certo desespero. Olhou para o outro. Nuvens. Só avistou nuvens. O céu estava preto e escuro. Naquele momento, só desejava que seu marido estivesse bem. Tentou mandar uma mensagem, mas não tinha sinal. Sorte a dele que não estava no mesmo voo que Roberto.

De repente, a turbulência diminuiu, aumentando as esperanças dos passageiros, que já haviam feito cartas e deixado mensagens que seriam enviadas a seus familiares caso obtivessem sinal em algum momento. O homem continuava ali. Imóvel. Parecia que tinha visto um fantasma. De olhos fechados, novamente, recordou-se de algo que gostaria de ter esquecido. Abriu os olhos. Parecia indignado. Levantou-se com certa atitude e foi em direção à cabine do piloto, mas foi logo interceptado pelo comissário, que lhe informou que não seria possível contatá-lo. Naquele momento, não tinha direito de iniciar uma confusão. E de direitos entendia bem.

O sinal luminoso se acendeu novamente, mas não a tempo de todos se acomodarem nos assentos. Alguns como Roberto precisaram se fixar a algo para não serem lançados dentro daquele avião. A tremedeira não passava. Todos pareciam bem desesperados. Alguns rezavam, alguns choravam. A tempestade não terminaria tão cedo. Os compartimentos superiores se desprenderam, deixando malas, bolsas e mochilas caírem sobre os passageiros. Viram sangue. A pancada foi suficiente para deixar feridos. Os que não tiveram tempo para afivelar

seus cintos continuavam tentando se fixar em algo, mas alguns não conseguiram e acabaram sendo lançados para o fundo da aeronave. Os mais resistentes, como o advogado, demonstravam muita dificuldade. Máscaras de oxigênio caíram. Um comissário, que tinha grande dificuldade em se segurar em uma estrutura, anunciou a possibilidade de um pouso na água. A notícia foi suficiente para desesperar a todos ainda mais. Roberto se viu na mesma situação que seu pai, o piloto incapaz de realizar um pouso forçado. Era isso. Não tinha mais esperanças. Seu fim seria igual ao de seu pai.

Soltou-se. Aquela memória o enfraqueceu. Foi jogado para o fundo do avião, assim como algumas pessoas de idade e crianças. Fechou os olhos e se entregou ao destino.

— Corta! — gritaram ao fundo.

Todos se levantaram. O diretor então continuou:

— Foi muito bom, mas vamos refazer a cena em que as malas caem. Precisa ser mais emocionante real. O resto foi ótimo! Gostei muito da interpretação do Roberto!

Os passageiros retornaram ao avião cenográfico, que já tinha sido reorganizado pela produção e começaram a refazer a cena.

ESQUECERAM DE MIM

Beatriz Bittar

A luz já entrava pela janela quando o menino acordou no mesmo lugar de sempre, em seu quarto de paredes verdes, deitado na cama, com uma colcha volumosa e preta. Abriu os olhos e deu de cara com sua bateria e seus posters de música, colados na parede oposta à sua cama. Levantou-se tranquilamente, apoiou os pés no chão, passou a mão nos cabelos macios e castanhos e finalmente dirigiu o olhar cansado à janela. Nada de muito interessante lá fora. E mesmo que houvesse, ele provavelmente nem perceberia... Seu jeito distraído de quem faz tudo no automático não o permitia prestar atenção em algo por mais de três segundos.

A essa hora, a fome já começava a bater. Então, o garoto se apressou até o banheiro, onde fez o necessário e logo já desceu as escadas, a caminho da mesa de café da manhã. Quando chegou, já percebeu um clima muito estranho. Em vez dos olhares e “bons dias” carinhosos de sempre, sua família o olhou com ar de espanto e desespero. Um agito tomou conta da sala. Enquanto seu pai tateava os bolsos freneticamente a procura de algo, sua mãe abraçava a sua irmãzinha, que possuía lágrimas nos olhos, e deu um grito:

— Quem é você e o que você está fazendo dentro da minha casa?

É aí que o menino se assustou e colocou as mãos para cima como um reflexo, dizendo enquanto ria:

— O quê? Isso é uma piada? Bem se graça, inclusive! Vocês todos sabem que eu sou!

Seu tom meio risonho aparentemente espantou o resto das pessoas presentes na casa, que ficaram mais irritadas.

Gente, pelo amor de Deus, se isso for brincadeira me digam logo! Já foi, já me assustaram, agora deu!!! — o menino berrou, dessa vez com raiva.

A família não lhe deu respostas, ele ficou ali, incrédulo, até que percebeu seu pai discando um número no celular.

Não, por favor, não chame a polícia! Vocês precisam entender quem eu sou. Eu sou seu filho!!!

Quando essa palavra saiu da boca dele, parece que os pais travaram, até que a mãe disse:

— Como ousa zombar de nós assim, acho que saberíamos se tivéssemos um outro filho!

Nesse momento, ele concluiu que sua família inteira realmente o havia esquecido e só conseguia pensar: “O que é isso? Como isso pode estar acontecendo? Parece um filme ruim de sessão da tarde.”

Não tinha mais saída, não tinha mais nada que ele poderia fazer. A não ser... olhou a sua volta, mas só sentia mais ódio de seus pais: “Que família péssima em que acabei saindo? Que tipo de pais não têm fotos dos filhos em casa? Nem um mero porta-retrato.”

Quase desabando em choro e desespero, enquanto os esquecidos o olhavam apreensivos do outro lado da sala, ele escutou um som que o aterrorizou, uma sirene de polícia.

“Meu Deus! Eu vou ser preso por algo que eu não fiz! Vou passar metade da minha vida na cadeia, sem ter resposta do que aconteceu! Eu só tenho 19 anos” ele pensou.

Sem muita saída, o garoto, na medida em que o som ia se aproximando até chegar à porta de sua casa, correu no sentido oposto àquele em que seus familiares estavam e saiu pela porta dos fundos, que dava em uma grande avenida. Ele só correu, sem rumo, não tinha para onde ir, com dois carros de polícia vindo na sua direção. Pensou em atravessar a rua para atrapalhá-los, mas quando o fez, distraído, não olhou para os lados e um ônibus, sem tempo para frear, o pegou em cheio, matando-o na hora.

ATÉ AS ÁGUAS VIVAS MORREM

Lorena Trotta

Churrasco em família, sol ardente, casa da minha avó. Eu, plantada na frente da piscina, os raios de luz refletindo na água que se movimentava de forma lenta e pouco barulhenta, como se fosse um ballet. Tudo isso levava minha cabeça diretamente para aquele sábado de manhã, os raios, o barulho da água, as ondas, a risada da minha avó e minha irmã desaparecendo naquela imensidão azul, que de repente virou uma vermelhidão, o sangue, a ambulância, os gritos, choros e o barulho da sirene.

Minha mãe me chama, tudo para e eu volto pra realidade, meu coração bate normalmente de novo.

— Filha, pega as suas coisas, a gente tá indo.

— Um segundo mãe, vou tirar a Loli da água.

A Loli vem sendo minha melhor amiga desde aquele dia, quando eu perdi minha irmã. Eu sinto que ela é o único ser vivo que me entende e eu não tenho vontade de estar com mais ninguém, nós duas já me basta.

Eu lembro da a primeira vez que a vi, boiando no mar com a sua cor quase mais transparente que a água e os tentáculos longos que saíam do seu corpo em forma de sino. Extremamente fascinante aos olhos de uma menina de 6º ano.

Entre todos os milhares de aspectos que fazem das águas-vivas seres tão interessantes, como o fato delas brilharem no escuro, conseguirem se clonar, lutarem contra a energia nuclear etc., o que mais me fascina é que elas são a única espécie imortal do planeta, nada as derruba, seu ciclo é infinito.

Apesar do conceito de eternidade me assustar em alguns sentidos, eu gosto de pensar que a Loli vai estar aqui pra sempre.

Coloquei a Loli em sua cama, apaguei as luzes e fechei os olhos com toda força. Na tentativa de fazer meus pensamentos se calarem por um instante.

Segunda, manhã nublada, dia de prova de matemática, eu não lido bem com provas, principalmente com o estresse que elas me causam. Minha irmã era boa em lidar com situações estressantes. Ela dizia que bastava se concentrar na respiração, tento seguir seu conselho sempre que possível.

As águas vivas em período de estresse podem se transformar da medusa (forma adulta) para pólipos (fase inicial, em que essa não possui tentáculos). Imagina como deve ser, começar tudo do zero a cada obstáculo que aparecesse no nosso caminho.

Minha cabeça foi longe, e eu não vi o dia passar à minha volta, como sempre. Cheguei em casa e fui direto para o meu quarto, preferia pular o questionário diário dos meus pais com as mesmas perguntas de sempre.

“Com que você passou o dia?”

“Fez amigos reais?”

“Comeu?”

“Está se sentindo bem?”

A real é que não, eu não tinha amigos novos e nem precisava, mas meus pais não entendiam, então preferiam sorrir e fazer que sim com a cabeça.

Desde que a família virou só nós 3, nada mais é igual, a gente não é mais tão próximo e unido como antes, eu me fechei no meu mundinho pessoal.

A noite caiu e eu fui tomar banho na banheira.

Barulho de água escorrendo, reflexo, a piscina da minha avó, mar, barco, sangue, minha irmã. Tambo a respiração e afundo na água com a expectativa de fazer tudo parar.

A verdade é que todas nós temos uma parte da nossa vida que a gente mostra e uma que a gente não mostra. As grandes batalhas internas não são reconhecidas de fora.

As águas-vivas, mesmo quando fora da água, ainda podem causar queimaduras em quem as toca, mesmo “mortas” por dentro, elas ainda funcionam por fora. Já eu, vivo muito mais dentro, eu não

conheço bem o mundo lá fora e o mundo lá fora não me conhece por dentro.

Ponho a cabeça pra fora da água e respiro.

A noite acaba, o sol começa a raiar, o alarme toca indicando 6 da manhã, acordo, A primeira coisa que eu faço é pegar a Loli e levá-la para o nosso banho matinal, só que dessa vez não foi assim, dessa vez Loli não estava em sua cama ao lado da minha, dessa vez eu corri para o banheiro e meu olho encheu de lágrimas ao ver que a tampa da banheira estava tampada. Loli havia morrido.

Águas-vivas não morrem, mas ela morreu. Alguém havia fechado a banheira durante a noite, deixando-a asfixiada.

Angústia e tristeza tomaram conta de mim mais uma vez, mas de um jeito diferente, porque dessa vez, elas andavam com um estranho sentimento de liberdade.

A TRANSFORMAÇÃO

Tiago Faria

Acordei como de costume, no meu colchão duro e sentindo o cheiro do mofo em meu quarto. Porém, senti algo estranho; para ser mais exato, uma sensação diferente, como se algo tivesse mudado em mim. Assustado com esse sentimento, fui correndo para o banheiro para me olhar no espelho. Nada havia mudado, continuo com a minha aparência normal.

Fui olhar pela janela, infelizmente só vi tristeza, bem comum em um bairro pobre. Ouço minha mãe gritar meu nome. “Billy! O café da manhã está pronto!”.

Caminho até o corredor da minha casa e reparo na carabina do meu pai. Era uma bela arma, tinha partes banhadas a ouro e tinha entalhes na madeira. Quando eu era criança, meu pai me contava que essa arma foi passada para diferentes gerações da minha família.

Chego na cozinha e vou procurar algo para comer. Abro a geladeira, tem apenas manteiga e um pouco de leite. Após isso, vou até o armário, tem basicamente pão apenas. É quando ouço alguém chegando perto, me viro para dar oi, mas como resposta recebo apenas gritos.

Corro para o meu quarto assustado, vou ao banheiro novamente para me olhar no espelho. De alguma forma meu rosto havia mudado completamente. Desesperado, penso em que caralhos acabou de acontecer, deito-me em minha cama rezando para isso ser apenas um sonho. Infelizmente não é.

Ouço uma discussão vinda da sala. De repente, ouço passos no corredor e logo após os passos, ouço barulho de metal, como se alguém estivesse pegando uma arma. Logo penso: “será que meu pai pegou a arma dele?”

Fico sentado em minha cama, apenas esperando o inevitável. Ouço minha porta abrindo, não peço por misericórdia pois sei que não seria poupado.

ASFALTO E SANGUE

Miguel Singer

Coronel Bragança Neto, esse era seu nome. Tinha muito orgulho de tê-lo; afinal, quem não desejaria ser batizado em homenagem a um grande homem? Na realidade, não tinha a menor ideia de quem o Coronel Bragança Neto fora, mas não iriam conceder uma rua a alguém que não fosse, no mínimo, ilustre. A rua fazia jus ao título militar, seus ideais eram os mesmos de um milico qualquer.

Certa noite, a luz do crepúsculo revelou uma sombra refletida sobre o asfalto. Era um homem lutando contra o vento; ele perdeu. A noite engoliu a alma, e o corpo sucumbiu ao chão. Se virava e esperneava. A cada falha tentativa de se levantar e a cada queda, a R. Coronel ficava cada vez mais irritada.

— Já basta de vagabundos e fracassados!

Sentia falta de tempos de outrora em que caminhavam em cima de suas pedras grandes homens, e galopavam sobre ela magníficos cavalos. Logo a inovação que havia aterrorizado o resto do mundo chegara a seu bairro. Seus paralelepípedos foram substituídos por asfalto, fábricas emergiram nos seus arredores, e a miséria infestava os caminhos da sua cidade. Nos mesmos centímetros onde homens bem trajados e de extrema nobreza caminhavam, agora cafajestes imprestáveis sacudiam os seus corpos e suas garrafas.

Se sentia como um doente, infectado por vermes que corroem suas entranhas. Era necessário ordem! Mas os governantes que o criaram já se foram. Então, quem traria ordem para tamanha desordem?

Passaram por ele um bando de crianças marginais. Suas roupas: sujas. Seus pés: pelados. Sua cor: impura. Novamente raiva tomou controle:

— Se tivesse mãos e armas, deixaria esses meninos tão furados quanto queijo suíço.

O calor escaldante tomou a cidade, e seu asfalto ficou incandescente. Os meninos voltaram a passar por ele, mas dessa vez foram correndo e gritando. Silenciosamente, gargalhou de felicidade.

Hordas de homens e mulheres marcharam por ele, não eram os seus amigos militares. Mas sim, pessoas nojentas vestidas de vermelho, resmungado ódio contra a família e o corpo armado.

Tudo se tornara nefasto. Nada mais se mantinha. À sua volta, havia apenas um grande borrão de uma antiga vida melhor. Em meio a tanta dor, o Coronel Bragança decaiu em uma espiral desoladora de ódio, mas hoje, inexplicavelmente, ele sentia apenas felicidade. O mundo decaído à sua volta não o incomodava. Então tudo se tornou caótico. Parafusos caíam. Um som metálico ecoava por ele. Logo a rua viu, a sua frente, um homem derrubando a placa que o nomeava, Coronel Bragança Neto não mais. Um novo nome era erguido: Rua Carlos Marighella.

Quem seria esse? — Ele pensou.

ÀS OUTRAS PESSOAS

Carolina Galvão Xavier

Por uma calçada quebrada e empoeirada, ela caminhava placidamente. Os passos desritmados e arrastados, o andar curvo e o rosto disforme e indefinido a desencorajavam ainda mais a andar com rapidez. Era uma mulher, mas não tinha tanta certeza assim.

Apertou com força a alça da bolsinha e procurou o olhar dos transeuntes, sem encontrar qualquer um. Recolheu com recato os braços e demais membros e finalmente optou por voltar mais rápido para casa. A calçada ficava cada vez mais estreita a cada passo, e cada rua era mais escura que a outra. Não se lembrava de ser tão escuro àquele horário. Já não via mais onde pisava quando finalmente conseguiu pôr a chave na fechadura.

Abriu a porta, e ele ainda estava lá. Subitamente, tornou-se mais e mais consciente da ausência de tudo o que não tinha, e de como seu rosto deformado e hediondo deveria causar asco mesmo àqueles que já a conheciam, assim como os outros braços. E todo o resto.

Procurou o olhar do rapaz, que se fixava em algum ponto além de sua cabeça. E foi tomada pelo desespero. Tentou falar, mas a hesitação em sua voz a impedia de formular qualquer coisa coerente. Foi ele quem falou primeiro.

— Eu preciso de um tempo sozinho. — Os olhos ainda estavam longes dos dela. Não seria a primeira vez.

— Mas como? Eu...

— Mas eu não. — Seu tom era distante, como se houvesse algo mais importante a lhe ocupar a mente.

— Mas e ontem? Ontem eu achei que estivesse tudo bem. Você estava bem. A gente estava bem.

— Eu preciso ficar sozinho. — Repetiu.

— Foi algo que eu fiz? Eu posso consertar, que nem das outras vezes... você não precisa ir embora.

Os olhares nunca se encontravam. Ela chorava, mais pela ânsia de mantê-lo por perto que pela rejeição em si.

— Hoje foi tudo muito estranho... o caminho para casa não pareceu o mesmo, e nem as pessoas. E o céu... — ela parou.

Desta vez, não houve resposta. Apenas o barulho do silêncio que os passos assustadoramente determinados deixavam para trás. Os únicos ruídos que podiam ser ouvidos no apartamento semi-habitado eram os do andar desritmado e arrastado, e das lágrimas molhando o rosto disforme, e do céu sempre vermelho, e das calçadas destruídas, e do ardor no rosto, e do celular tocando.

Ela recusou a ligação. E mirou o céu, sempre vermelho.

EQUILÍBRIO

Miguel Lopes

Desequilíbrio e seu frio. O primeiro passo já preenche meu corpo de adrenalina, respiro fundo e caio na obrigação de avançar mais um centímetro na estreita e prolongada corda. Me desespero, não consigo me ajeitar, escorrego e finalmente sou abraçado pelo colchão, que me aguardava pronto para me ver falhar.

Quando me dou conta, estou em um ambiente familiar, não sei bem onde é. Sinto a grama massagear minhas costas. Levanto, minhas pernas estão se movimentando sozinhas, me guiando até onde eu deveria chegar. Avisto uma simples casa, abro a porta de entrada, meus ouvidos se ensurdecem pelo barulho, um homem arremessa uma garrafa em direção à mulher, ele erra, a mira do pai sempre foi ruim, ainda mais bêbado, não sei se conseguem me enxergar ou se estão apenas estão me ignorando, minhas pernas voltam a se mexer, sou obrigado a abrir uma porta, um bebê fora do berço, me dá dó o quanto ele chora, o peço e recoloco do berço. Assim a mesma sensação me volta, o abraço dos colchões me faz subitamente voltar ao lugar em que estava.

Me levanto e vou direto tentar novamente. Bom, não tenho outras opções além disso. Subo as escadas, dou o primeiro passo e já me desequilibro, seu frio, estou lotado de adrenalina, respiro fundo e caio na obrigação de avançar mais um centímetro na estreita e prolongada corda. Me desespero, não consigo ajeitar, escorrego e finalmente sou abraçado pelo colchão, que me aguardava pronto para me ver falhar.

Dessa vez me encontro rastejando para sair de entre dois bancos, sinto a engrenagem e o motor funcionando com toda a força, coloco o cinto de segurança, mais uma briga? Não lembrava que os dois faziam tanto isso, pai perde a paciência tão fácil, o idiota acerta um tapa em mãe, a mulher não deixa barato e revida chutando-o com toda a força, o estúpido tira as duas mãos do volante, como alguém é tão irracional?

A briga não para, a roda vira, invadimos a pista, um jogo de luzes que até hoje não entendo, um ferro grande atravessa os dois.

Novamente volto ao colchão, subo as longas escadas até a plataforma. Com o primeiro passo na corda estreita, desequilíbrio, suor frio, estou lotado de adrenalina, respiro fundo e caio na obrigação de avançar mais um centímetro na estreita e prolongada corda, me desespero, não consigo ajeitar, escorrego e finalmente sou abraçado pelo colchão, que me aguardava pronto para me ver falhar.

Desta vez, estou de mãos dadas comigo mesmo, cercados por areia acabamos andando por horas. Encontramos uma enorme tenda de pano vermelho e branca, pessoas se contorcendo, mulheres de barba, mágicos, cheiro de cigarro, tudo isso contribuía para o observar da minha paisagem. Logo falei com o apresentador, fui alojado, cresci, comecei a dar despesas e tive que trabalhar, comecei a treinar, dei meu primeiro passo na estreita e prolongada corda, me desequilibrei, meu coração acelerou, dei outro passo, mais adrenalina, outro, me ajustei, espirrei, escorreguei e volto a cair. Ainda no ar, aguardo meu abraço de segurança, olho para baixo e vejo que nem mais o que sempre me protegera estava lá, fora tirado de mim. Me confortando desta vez tive o concreto, que se sujou de vermelho e me livrou da repetida e sem rumo vida.

MINHA CARTA DE ÓDIO AO HORMÔNIO

Luca Giansi

Minha mãe estava certa. Tem sempre fases novas na vida. Ainda estou me adaptando. Todo mundo fala muito sobre ela, um grande marco pro desenvolvimento de cada uma. Mudanças corporais, hormonais e sentimentais. Mas do meu ponto de vista, não sei explicar, está tudo realmente tão diferente, não consigo mais me olhar do mesmo jeito: tenho um olhar de desprezo pelo que me tornei.

Tem horas em que sinto um fogo queimando por dentro. Que calorão que sinto! Meu deus! É incontrolável! Não consigo mais ficar perto dos outros sem minhas mãos ficarem molhadas, sentir falta de ar e um suor que não acaba. Minha mãe falava do quão importante é esse processo que estou vivendo e que é normal sentir todas essas emoções tanto de desprezo quanto desse calor excessivo.

O pior é que essa sensação chega totalmente do nada! Às vezes ela aparece no meio da noite quando já estou debaixo das cobertas, e outras vezes ela chega sem permissão nenhuma, nos momentos mais inconvenientes possíveis.

E essa capacidade de ter engordado uns quilinhos sem nenhum esforço e sem nenhum desvio dos meus hábitos alimentares tem me levado à loucura. Como que isso é possível? Baita hormônio poderoso hein!?

Mas é como Rita Lee diz: “minha força não é bruta”. Minha força está na maturidade. Uma maturidade que tenho em perceber essas mudanças que me ocorrem.

Até parece que sou adolescente de novo.

O CAMINHO DA REALIDADE

Anita Grinberg

Estava eu em casa, perdida. Acordei, olhei para os lados e senti meu corpo esfriando. Eu abria meus olhos várias vezes seguidas, na esperança de acordar de verdade e tudo não passar de um sonho, ou melhor, de um pesadelo. Eu estava sentada na cadeira, a casa toda arrumada, tive a sensação de ser a primeira vez que estava naquele lugar. Não tinha ninguém à minha volta, me levantei e fui em direção ao corredor, na procura de alguém nos quartos.

A casa era muito grande, com três andares e repleta de uma decoração antiga, cheia de quadros daqueles que vemos em museus, de cadeiras feitas com madeiras escuras daquelas que vemos nas casas dos nossos avós. Quando cheguei ao primeiro quarto, não achei ninguém. Fui ao segundo, terceiro, quarto e tive os mesmos resultados.

Decidi então sair de casa, ir atrás de alguém que pudesse me explicar quem eu sou, como eu estava lá, de quem era aquela casa. Centenas de perguntas passavam pela minha cabeça.

De primeira, encontrei uma mulher na rua andando com seu cachorro. Quando fui me aproximando, vi-a com um olhar simpático e receptivo, uma postura de quem já sabia quem eu era. Ela me viu andando em sua direção e logo se dirigiu a mim:

— Oliviaaaa, quanto tempo que não te vejo! Você estava viajando? Sua casa estava toda escura fazia uma semana! Anteontem, ia até te levar uns doces que fiz, mas resolvi não te incomodar, não sabia que você estava na cidade.

Eu, sem saber como agir, apenas coloquei um sorriso no rosto e disse:

— Sim! Eu estava a semana fora, fui visitar meu irmão na cidade ao lado.

Com medo de que nossa conversa se prolongasse e eu não soubesse o que dizer, disse à doce senhora que precisava entrar para fazer o almoço. Me virei de costas e fui em direção à minha suposta casa.

Entrei e fui correndo para o banho, na esperança de me acalmar, quando me deparei com o espelho e me vi pela primeira vez uma mulher alta, de cabelos morenos e curtos, olhos verdes e toda tatuada. Meu corpo estava repleto de desenhos, os quais mais pareciam códigos dos pés à cabeça. Fiquei cerca de 1h com a mesma cara de choque, estava pasma, boquiaberta, sem entender como eu própria não me reconhecia. Analisei todas as tatuagens, cada uma parecia ter seu significado único, a única que se interligava com as outras era a de um caminho, que passava por todo meu corpo, contornando minhas curvas, da ponta do meu dedo da mão até a ponta do dedo do meu pé esquerdo.

Não sabia o que fazer, a quem recorrer, todos iriam me achar louca. Que tipo de pessoa acorda em um dia sem saber quem é?

Será que amanhã vou acordar de tudo isso ou vou permanecer nesse enigma?

A única certeza que me rodeava era que eu estava levando junto ao meu corpo um segredo assustador, cheio de significados e que eu mesma poderia ter causado.

Eu estava presa na minha imaginação, sozinha, no escuro, dentro de uma realidade que não se sabe o que é verdadeiro e o que não passa de uma alucinação do meu corpo. Estava apenas um borrão preto na minha mente, cheio de pensamentos tentando descobrir quem eu sou.

Lembrei de que quando acordei, vi a seringa ao meu lado. Corri da poltrona de onde acordei, peguei a seringa e injetei com força na minha veia. E aqui estou eu, dentro da minha cabeça, presa, sem saber quando irei acordar novamente.

DE UM DIA PARA O OUTRO, TUDO MUDOU

Luiza Ohta

Joana é uma menina inteligente, bonita, dedicada e, principalmente, muito grudada à irmã. Julia, irmã de Joana, é muito dedicada, vaidosa... suas características são muito parecidas, por isso elas se dão muito bem.

Joana olhava para Julia com olhos de admiração e se inspirava muito nela.

Era noite. As irmãs tinham ido ao Shopping por pedido de Joana, para que Julia a ajudasse a comprar roupas; afinal, era o que todas as meninas estavam fazendo. Nesse trajeto, um motorista alcoolizado que atravessou no sinal vermelho atingiu o carro em que as meninas estavam em cheio.

Na época, Julia tinha 18 anos e Joana 13 anos. Foi desse jeito que Júlia faleceu e Joana entrou em coma após várias cirurgias realizadas, jeito em que permaneceu por três anos. Esse ocorrido foi muito sofrido para seus pais, o que acabou separando os dois. Depois de três anos que ela acordou, os médicos não podiam acreditar no milagre que era aquilo, mas para tristeza dela, tudo estava diferente: seus pais estavam separados; sua irmã, da qual não desgrudava, estava morta e seus amigos vivenciavam outra fase da vida, antes da qual passaram por um processo longo de amadurecimento.

Tudo tinha mudado. Os corpos eram outros, os jeitos eram outros, sua casa era outra. Agora ela teria que se adaptar a isso. Muitos foram os pensamentos de Joana naquele momento. Como ela voltaria para a escola se ficara tanto tempo sem aprender? Como ia conversar com os amigos se nem sabia o que falavam?

Por sorte, sua melhor amiga, Laura, ainda a queria por perto. Foi ela quem a levou para reencontrar a turma, quando percebeu que as

coisas tinham mudado mesmo; estilo, namorados, gostos. Todo mundo agora beijava todo mundo e ela estranhou muito, pois quando sofreu o acidente, isso não era uma realidade. Como ia saber do que gostava ou de quem gostava? Laura a tranquilizou, aos poucos esse estranhamento iria sumir e ela começaria a se entender.

CONTO PÓS-APOCALÍPTICO

Dora Andrade

Um dia, um homem estava passeando tranquilo no bosque, quando embaixo de uma árvore encontrou o casulo de uma borboleta. — Deve ter caído de um ramo — pensou o homem, que decidiu levá-lo consigo. Chegando em casa, colocou em cima da mesa e esperou. De repente, o casulo começou a se mexer. A borboleta dentro dele tinha aberto um furinho minúsculo, e tentava fazer espaço para sair, O casulo se agitava em cima da mesa de madeira, e continuou a se mover por diversas horas enquanto o homem esperava impacientemente. A um certo ponto, a borboleta parou de se agitar dentro do casulo.

Não vendo mais nenhum progresso, o homem decidiu dar uma pequena ajuda. Pegou uma tesoura e alargou o buraco do casulo. A borboleta conseguiu finalmente sair, mas estava pequena e enrugada. As duas asas não eram grandes e coloridas. Ficavam moles do lado do corpo como pequenos apêndices inúteis. O homem pensou que de um momento ao outro ela abriria as asas e começaria a voar. Mas ela não fez isso. Minutos depois, ela se encontrava imóvel, a ponto de parecer que havia morrido.

Um tempo depois, o homem abriu a porta do consultório. Lá estava sentada a psiquiatra no dia marcado para conversar sobre a filha dele. O homem parecia não saber mais o que fazer e não parou de falar por um minuto, reclamava da sua insatisfação da vida, de sua filha, que havida dado tudo de bom e do melhor para ela!... Dizia que só recebia ingratidão. Após duas horas de fala, ele se calou intrigado de por que não ter sido interrompido. Apenas ouviu um “você já foi atrás da sua própria cura antes de tentar antecipar a do outro?”

O COMPLEXADO ESPELHO

Bruna Serra

Oito horas da manhã e ali estava Jorge, sentado, sozinho, à beira de sua cama. Tinha quase perdido o horário para encontrar seus primos para viajar para o sítio da família. Estava ainda meio perdido, tentando tomar coragem para se levantar, tomar um banho e ir. Havia passado a maior parte da noite revirando-se por sonhos que nunca havia tido antes e nos quais parecia não conhecer o lugar, objetos, nada que aparecia nos cenários. Não aparentava se sentir bem, estava cansado cheio de olheiras. Passaram-se minutos, já tinha sido capaz de deixar suas coisas minimamente organizadas... Bi, bi...! Seu primo já estava na porta esperando-o, impaciente. Bi, bi...!

O jovem, todo desastrado e desengonçado, pega suas coisas correndo, tendo ciência de que esqueceria algo importante, mas segue para o carro. Entrando, depara-se com três marmanjos sonolentos, completamente apertados e amontoados de tanta tralha que estavam levando. Isso que não iriam passar nem uma semana, a princípio.

Chegam lá depois de três horas e meia de viagem, ainda bem cedo e com tempo de sobra para aproveitarem o resto do dia. Todos optaram por se deitar para descansar mais um pouco. O aspecto do sítio era bem antigo, todo de madeira, cheio de móveis, não havia um cantinho daquela casa em que não houvesse algo. Toda cheia de carpetes e tapetes pesados, de diferentes cores, tamanhos. Todo o ambiente possuía um piso de pedra, que com o frio do ambiente ficava muito gelado.

Enquanto todos dormiam, pelo mesmo motivo de não ter conseguido dormir na noite anterior, Jorge não conseguia descansar da dúvida sobre o que havia sonhado e por isso, ficou horas rodeando a imensa chácara, entrando em lugares a que nunca havia ido antes. Até pouco tempo antes, esta pertencia a sua avó, que falecera havia meses, então não sentia um clima muito bom por lá, mas não queria deixar afetar

o seu suposto tempo bom com seus primos. Rodeou, rodeou, rodeou e entrou onde ficavam os cães. Era uma casinha, na parte mais extrema do terreno distante da casa. Lá, aparentemente, era onde a senhora guardava todos os espelhos da casa, por algum motivo. Estranhou, mas seguiu os olhando. Era um mais bonito e mais diferente do que o outro, cada um com uma característica marcante específica nas molduras.

Um, em especial, chamou sua atenção, principalmente, mas o que o intrigava sobre o espelho não era a moldura, e sim, o vidro. Ele se via de uma forma diferente, com cores diferentes. Como qualquer adolescente burro e curioso, quis colocar a mão para entender se havia algo em sua superfície que explicasse tal diferença, mas a única coisa que percebeu era que não se tratava de algo comum. Ficou horas admirando e muito confuso sobre o que era aquela imagem e a que se referia. Começou a ficar tarde, a escurecer e achou melhor voltar a tempo para que pudesse chegar antes que os meninos tivessem acordado, para não ter que mostrar o que havia encontrado.

A partir deste momento, começou a reparar que ao redor de toda a casa não havia um único espelho, mesmo com a superlotação de móveis, e notou que isso não era algo de agora, que desde muitos anos, a casa deixara de ter espelhos, a não ser nos banheiros. Isso trouxe ainda mais dúvidas, mas por nunca ter sido comentado em família, não quis ser o primeiro a fazê-lo, pois mesmo estranhando, não achava relevante o suficiente. Por ser o mais novo dos meninos, achava que fossem tirar sarro; além do mais, que caçula nunca sofreu dos parentes mais velhos, não é?

Eles levantaram pouco tempo depois, um acordando o outro para comerem e depois fazerem algo, mas Jorge estava retraído, quase não conversava. O tempo passava e nada do assunto sair da mente. Ao anoitecer, voltou lá, mais curioso ainda.

O menino, surtando sem entender, recusava-se a simplesmente voltar e dormir. O caso do espelho parecia cada vez mais complexo para ele e isto o intrigou de uma forma inexplicável. Se a imagem não é uma reflexão, de onde vem? De onde surgem estas cores numa sala tão escura, que quanto mais perto se chega, mais vivas ficam?

Jorge, mais uma vez, encostou no espelho, tentando entender se existia uma capa ou algo sobre ele, mas dessa vez as coisas pareceram

se inverter. O que estava do lado direito não estava mais e vice-versa. O jovem não conseguiu mais sair da sala pela mesma porta que entrou. Ficou preso no seu mais colorido mundo, que aparentava ser igual ao outro, mas que por algum motivo, não parecia ser o correto.

AS SUAS PALAVRAS

Clara Echeverría

Não há outro melhor que eu no que eu faço. Deslizo pelo papel, contando com maestria, sem faltar um detalhe, a sua história. O que eu escrevo, immortalizo. Você sempre pode voltar para as minhas palavras buscando o conforto de lembrar e reviver suas memórias, desabafar e extravasar seus sentimentos e de contar o que você está vivendo no momento. Deixo as linhas da minha existência vagas para as suas vivências.

Eu e você somos semelhantes; compartilhamos as mesmas histórias e até o mesmo nome. Lembro exatamente o momento em que cheguei às suas mãos e você me rotulou da mesma maneira que te chamam e etiquetou para sempre quem eu seria, me condenando a carregar eternamente em meu corpo a marca do seu... na verdade, do nosso, nome.

Me recordo até hoje também das primeiras palavras que escrevi: “querido diário, o dia na escola foi incrível...” E ao longo desse tempo todos juntos, escrevendo, eu mudei e você também. Me aperfeiçoei em narrar suas aventuras e me diminuí perante o seu tamanho, que só crescia. Não que você tenha perguntado, você nunca fez isso, mas queria que minha altura fosse proporcional à minha vontade de viver, e acredite em mim, se esse fosse o caso, seria muito mais alto que você.

Você não apenas cresceu, mas você também entristeceu. Não sei como desenhar isso exatamente, mas seus últimos relatos expressam uma dor agonizante no seu ser. Nesses últimos dias, só escrevo: “sou suficiente? Sou feliz? Ou apenas impotente a vida a um ponto que me tornei passivo àquilo que me arruína? Por que sou tão pequeno comparado a essa tristeza que me condena?” E quanto mais triste você ficava, mais você me usava e me desgastava, e menor eu ficava.

É estranho escrever pensamentos assim, que não são meus, mas saem de mim. A palavra “passivo” me chamou a atenção, já tinha

escrito seu significado em uma lição sua. Lembrei, era: “quem sofre a ação do sujeito, portanto, é o objeto deste”. Isso me incomodou, até parecia que uma que uma ponta minha havia sido quebrada. Não sei se você percebe, mas quem de fato está nessa posição de passividade sou eu.

Queria escrever meu destino, minha história, e fugir da sua melancolia opressiva e de viver somente suas memórias. Sua vida me aponta cada vez mais e condena aquele que nunca viveu (caso não tenha ficado claro, esse alguém sou eu) a escrever sua infelicidade. Mas não vou me enganar, sou impotente e incapaz de fugir de suas mãos.

Me convenci a muito tempo há muito tempo que este é o papel em que eu sou bom: narrar suas histórias em vez de crias as minhas memórias, e agora, já não tenho mais tempo, porque o seu é tão curto quanto o meu.

Você escreve nesse momento com tanta pressa que nem consigo mais escrever os meus pensamentos. Talvez realmente sejamos semelhantes, sua vontade de viver é do mesmo tamanho que eu. Mas já aceitei, não há mais tempo, nem adianta eu lutar, é melhor deixar essas linhas em branco para você. De fato, sou o melhor no que eu faço...

“Minha existência já é pequena e ínfima à passividade que me agarra e a minha melancolia que me corrompe. Como último ato, esse de coragem, quero tomar posse das mãos que controlam o meu destino e escrever pelo menos, meu final. Adeus, aqui encerro minha história e as minhas palavras”.

O CELULAR

Ignacio Pacheco

O sinal batera. A típica confusão de final de aula, em que todos os moleques, sem exceção, começam a gritar, badernar e fazer com que a civilização ocidental fosse questionada.

“É hoje, Tobias!”

“É só não dar uma de cu doce.”

“Bobeou é gol, rapá.”

“Só não vai pipocar, hein?”

O corredor polonês que se formava em cima de Tobias dificultava sua passagem da sala em direção ao HRV de sua mãe. Os gritos de força, os berros desejando sorte, mais pareciam fãs gritando para um jogador de futebol saindo do vestiário em direção ao gramado. Porém, Tobias não ia para uma partida de futebol; o gol, que todos comentavam, seria extracampo.

Mal entrou no carro, o celular já vibrava incessantemente. Mas diante daquele mar de letras, apenas cinco lhe importavam. “Sofia”. Depois de muito tempo fitando seus olhos naquela menina, Tobias havia tomado coragem para chamá-la para sair. Seu cérebro já não era correspondido, o coração havia tomado o controle do corpo. Todas aquelas mensagens em seu celular já importavam mais quando havia o “confirmado” de sua bela dama.

O caminho para casa, o caminho para o corredor e o caminho para o chuveiro pareciam demorar uma eternidade. Mas o que de fato paralisava o tempo era o caminho de casa até o parque. Um mundo de ideias, idealizações e paranoias consumiam o garoto, e a cada segundo que passava, mais rápido seu coração pulsava.

O coração do Tobias de fato parou ali, naquela cena de um anjo, que ele olhava com admiração. Aquela musa de cabelos loiros, sorriso de um canto ao outro e olhos negros, faziam as têmporas do garoto suar frio.

Ambos estavam tímidos. Seus olhares e seus sorrisos já entregavam isso, mas mesmo diante daquela tensão, Tobias assumiu o controle. Um passeio de bicicleta, num sol quase que poente, as gargalhadas e as brincadeiras aliviaram todo aquele cenário de nervosismo.

Ela era a mulher de seus sonhos. As longas conversas a respeito da vida, as fofocas e aquele sorriso que se abria toda vez que Tobias contava alguma besteira de fato mexeu com o mole coração do garoto.

O sol, naquela hora, já se punha, e os dois se sentaram para apreciar o fenômeno. O céu alaranjado, os pássaros gorjeando e as belas flores caindo, criavam o cenário perfeito, que parecia desenhado somente para eles.

“Olha só essa nuvem!”, disse Tobias “Parecem duas pessoas se beijando.”

“Ah, para de ser bobo! Não tem nada a ver.” Respondeu Sofia abrindo um sorriso.

Eles estavam abraçados. Seus olhares sempre que se cruzavam, faziam com que os dois caíssem na gargalhada. Os olhos dos dois brilhavam e seus corações palpitavam rapidamente.

Tobias não podia parar de pensar em como sua boca tocaria aqueles lábios hidratados. Em sua garganta, um nó já se formava. Seu coração queria dizer algo e sua mente queria fazer aquilo que seu coração ordenava.

“Sofia, você sabe o que é um ponto amarelo dentro do mar?”

“Você tem quanto anos, seu idiota? É uma ruffles. Mas você não tem 5 anos pra me contar isso.”

Ambos caíram na risada, mas o sorriso de Sofia foi diferente, foi como um tiro no coração.

“Aí, Sofia, seu sorriso é muito lindo.”

“O seu também!”

Um silêncio cheio se formou. Seus olhares se cruzaram de novo, mas as bocas já não falavam, os olhos haviam tomado voz. Naquele silêncio, recoberto do laranja do sol colorindo o céu, o tempo para os dois já não andava. Os olhos estavam prestes a se fechar e o coração, como que recebendo uma dose de calmante, parou por um instante. Se aproximaram. A vibração era incessante.

Diante de somente os barulhos dos pássaros, Sofia pôs a mão em seu bolso. Era uma ligação de seu pai.

“Tobias, meu pai tá esperando na porta, me acompanha por favor”

A garota havia saído de seus braços, mas não de seus lábios, já que esses não se tocaram. Seu cérebro era incapaz de assimilar o que havia ocorrido. O caminho onde os dois há pouco se encontravam abraçados até a porta do parque já não fazia sentido para o garoto. A inércia de Hamlet havia o consumido. E por isso, por não agir, Tobias perdera das mãos a garota que parou seu coração. Seus olhos esbugalhados e boca aberta simbolizavam a dor de ter um coração sem seus desejos suprimidos.

O DIA EM QUE EU FUI TOMAR SORVETE E ELE DERRETEU

Clara Vignola

Em um dia normal como todos os outros, eu estava voltando da escola de bicicleta. Em uma mão, meus livros, e na outra, o guidão. Por estar muito calor, fiquei com vontade de desviar o caminho e parar em uma sorveteria que também é do lado de casa. Então eu fiz. Desci a rua duas quadras antes, virei à esquerda. Em seguida, à direita. Cheguei e desci para tomar meu sorvete.

Logo entrei na sorveteria. “Plim, plim” — barulho da porta abrindo. Veio aquele cheiro doce super forte e a sensação fresquinha que o ambiente tem por causa do ar-condicionado. Observando através do vidro da loja, enquanto esperava minha vez a ser atendido, uma menina, também de bicicleta, parou a dela do lado de onde eu havia estacionado a minha, e entrou na sorveteria. “Plim, plim”. A porta abre e fecha. Ela entra na fila atrás de mim.

— Próximo? — a atendente chamou — Próximo? — mais uma vez, por que eu estava concentrado pensando em qual sorvete a morena de olhos claros iria escolher.

— Me desculpe! — disse, recuperando a atenção — Pistache! Vou querer um de pistache, por favor.

Fiz meu pedido. Paguei. Ela também. Eu me sentei em uma mesa e ela em outra. Um pouco distantes. Ficava observando o jeito com que ela comia e comecei a me perguntar se ela já tinha experimentado sorvete de pistache, já que é muito mais gostoso que o dela. Fala sério! Morango? Droga. A gente não tem nada a ver. Por coincidência, acabamos de comer na mesma hora, levantamos juntos e fomos jogar os copinhos dos gelatos no mesmo lixo. Saímos da loja em direção às bicicletas. Estava começando a me irritar. Subimos e começamos a pe-

dalar. Na mesma direção. Troca de olhares competitivos começaram a rolar. Ela queria me ultrapassar. Conseguiu. Porra! O que essa menina tá querendo? Fico puto. Mas ela é linda.

— Para.

— Quê?

— Para! — Parei.

Ela me beijou e foi embora.

Babei. Meu sorvete derreteu. E ela não estava nem mais lá.

A única sensação era o gelado do ar.

A PRAÇA

Clara Altschuler

Ela sempre estava lá. Alta, gorda, robusta. Aguentava tudo e qualquer tempestade. Minha fornecedora da melhor fruta do mundo, a mangueira. Não me lembro de existir sem ela estar existindo, faço 30 na semana que vem. Todo domingo me deito embaixo dela, me apoio em seu tronco e leio meus livros. Fico de barriga pra cima, virada para suas folhas bem largas e verdes, observando o vento as movimentando de um lado para o outro, a luz do sol passando por pequenas frestas que mostram o céu azul por traz dessa capa imensa carregada por pontinhos laranjas e amarelados. Falo o que ninguém parou pra ouvir, pego uma manga e volto pra casa.

1º de junho. Fiz 30. Saí pra beber com um pessoal do trabalho num boteco na esquina de casa. Acordo no dia seguinte, domingo, total de zero lembranças da noite anterior, fazia tempo que não ficava assim, se é que já tinha ficado assim antes. Olho pro relógio:

— SEIS DA TARDE??!! — grito e me arrumo tão rápido que parece até que eu tinha superpoderes.

Tinha prometido ajudar minha mãe a organizar meu jantar de aniversário para a família. Presa no trânsito da marginal, lembrei. Não fui e nem ia ao pé de manga hoje.

Passa a semana. Já ansiosa para conseguir finalmente venerar os raios de sol passando pelas folhas novamente, saio de casa com pressa. Avisto uma placa em frente ao elevador, está em manutenção. Tiro minhas chaves da porta e, quando vou colocar o pé no primeiro degrau, tropeço do tapetinho que fica à beira da escada e rolo 1º andar abaixo. Grito de dor, grandes chances de ter quebrado o pé. Depois de alguns instantes depois que pensar em como eu sairia dali sem apoiar o pé no chão, João, o vizinho da frente, aparece falando que ouviu gritos.

Ele me acompanha até o carro da minha mãe, que chega pouco depois para me levar ao hospital. Três semanas de cama, não posso nem pensar em encostar o pé no chão. Penso momentaneamente no tempo que passarei sem meus clássicos domingos. João havia mandado mensagem; fico surpresa, afinal não sabia nem que ele tinha meu número. Quando levanto os olhos da pequena tela, vejo que o relógio já se aproxima das 02h00 da manhã e ainda estamos conversando. Ele veio em casa todos os dias, sem falta, por três semanas.

1º de julho, domingo, dia em que recebi alta do doutor. Acordei com a impressão de que estava esquecendo algo. Levantei, fiz meu café, alguma coisa estava faltando. João entra sem bater — deixei uma chave com ele caso eu precisasse de ajuda por conta do pé. Ele me chama para almoçar em um restaurante novo que abriu aqui na esquina onde costumava ser aquele boteco, que fechou. Fomos andando e conversando sobre assuntos que não acabavam.

Acabamos por deixar combinado de ir lá no domingo seguinte. E assim vamos, domingo por domingo. A sensação de que algo faltava diminuía cada vez mais, até sumir.

1º de setembro. Acordei com o pé esquerdo, ele acordou com o pé esquerdo. Os assuntos foram finitos. Fiquei mal, não tinha ninguém pra contar o que ninguém ouvia. Precisava de alguém e então lembrei.

Lembrei e fiquei tão feliz de ter lembrado, porque afinal das contas ela sempre vai estar lá, para eu olhar para suas grandes folhas. A minha mangueira. Não discute e nem me julga, só fica lá, me ouvindo e me deixando me apoiar em seu tronco. Corri para o carro e o pé só servia para pisar no acelerador. Cheguei ofegante; estava ansiosa, parecia que tinha vindo correndo a pé.

Nada. Foi o que vi ao chegar. Nem mesmo seu toco. Parecia ter sido arrancada pela raiz, sentei-me, devastada, e olhei ao redor. Nada novamente, mas tenho a impressão de que já era assim antes. A mangueira era a única da praça. Só ela, sozinha.

A praça estava vazia e só havia eu nela.

ATÉ A HORA DE NOSSA MORTE, AMÉM

Marina Filinto P. Lima

Hoje vou contar a história da morte.

Ele nasceu um bebê saudável, com olhos claros e um sorriso cativante. Ficou na sala 7 do hospital Samaritano, pois a mãe teve complicações no parto, e acabou não sobrevivendo por ter perdido muito sangue. Esteve no hospital por vários meses para ser cuidado pelos médicos, até ser seguro para o pai poder levá-lo para casa.

Agora que introduzi seu começo de “vida”, posso explicar o incrivelmente difícil resto dela.

Seu pai o culpava pela morte da mãe, então eles nunca tiveram uma relação muito próxima. Foi colocado em uma creche logo cedo, e acabou ficando muito próximo de sua professora, que sentia muita pena de sua história. Ele brincava, jogava jogos, e sua primeira palavra foi até “foissoa”, o que ela achou uma graça. Um dia, uma outra pessoa entrou na sala com olhos tristes, e tentou falar do melhor jeito possível que a professora Marília não iria voltar mais para dar aula por estar no céu. Todos seus colegas voltaram logo a brincar, mas ele ficou parado por um tempo, tentando entender por que ela o deixaria. O que ele tinha feito de errado?

Nos anos seguintes, não se apegou a nenhum professor, pelo medo do abandono. Um dia, estava correndo pelo pátio quando tropeçou e acabou quebrando a perna. Quando chegou no hospital, as duas pessoas que estavam ao seu lado tiveram uma parada cardíaca e morreram na hora. Médicos confusos perguntavam “como isso tinha acontecido?”, “elas estavam bem”, “nem deu tempo de tentar salvá-las...”. Ele estava confuso, com medo, como isso tinha acontecido? Aos seus olhos, não tinha explicação.

O médico levou-o para outra ala, “desculpa pelo ocorrido, deve ter sido traumático para uma criança ter visto essa cena”. Ele só concordou com a cabeça, não conseguia falar nada. O médico disse para terem um *check-up* em alguns meses, mas quando voltou lá e perguntou pelo nome do doutor, uma enfermeira disse que ele tinha infelizmente falecido por razões desconhecidas.

Ao longo de sua vida, ele ia notando essas mortes com mais frequência; a moça sentada do lado dele no ônibus desmaiar do nada e quando a ambulância chegava, já estar sem pulso... Idoso atropelado, morte instantânea; eletricitista cair do poste, morte instantânea; seu gato ser esmagado pelo portão, e você adivinhou, morte instantânea.

Ele estava cada dia mais sozinho, e não entendia por que essas coisas só aconteciam com ele e não com os outros. Teve um paramédico que até o reconheceu por estar presente em outro acidente: “ô menino, você tem que tomar cuidado hein, porque essas coisas podem acontecer com você”. Para ele, agora, não parecia uma ideia tão ruim.

O fim da linha foi quando se apaixonou, de verdade mesmo, aquelas paixões de livro, que nem parecem reais. Eles conversavam todo dia e ele pensava que não conseguiria “viver” sem ela. Mas como você imaginária, ela ficou muito doente, doente mesmo, meses de cama no hospital. Ele já previa o que iria acontecer, mas tentava não pensar muito sobre isso. Até que um dia o inevitável aconteceu.

Seu mundo desmoronou, ele não conseguia mais sair da cama, comer, falar, chorar; estava vazio, pensou em sua vida inteira; como tinha sido uma desgraça para a humanidade, era apenas um destruidor de vidas.

No dia 2 de novembro, decidiu acabar com sua própria.

Um cavalo sem nome

Gabriel Berlinck

No primeiro dia da minha ida, eu lembrava de toda a minha vida. Nada que me orgulhasse. Havia algumas rochas, colinas e nenhuma nuvem no céu. Apenas eu, montado em um cavalo infiel, banhado por um sol cruel.

Eu só não lembrava do meu nome, nem do meu sobrenome. Isso porque não tinha ninguém enchendo o saco, me perguntando igual ao patrão. Acho que o cavalo também não tinha um nome.

A primeira coisa que eu encontrei não foi a paz e o sossego. A primeira coisa que eu vi foi uma mosca zunindo e se exibindo; só depois, aquela carcaça sucumbindo.

A areia estava quente e o chão tão seco quanto a minha boca. Só depois um estranho me fez ficar sabendo de um rio que costumava existir por ali, mas ele já tinha secado havia séculos.

No terceiro dia, a minha pele começou a ficar avermelhada, e eu, mais lesado. No nono dia eu já conseguia ver plantas e aves ao meu redor, então eu deixei o cavalo sair livre, ou ele que fugiu, sei lá. Filho da puta.

E foi por ali que eu encontrei reencontrei aquele estranho, aquele mexicano sentado numa daquelas bolas de futebol americano. Ele me conhecia bem, diferente de mim mesmo. Mas eu não conseguia lembrar dele.

“Por que você se lembraria de mim? Você se esquece de coisas muito mais importantes do que eu.”

Me fez reviver a memória daquele cachorro daquele outro garoto. Aquele moleque, se bem me lembro, não tinha um pai daqueles. Me lembrou de quando eu tive que ficar mais tempo no escritório porque o puto do estagiário não soube diferenciar as declarações e dos boletos. Ou daquela mulher cujos miolos marcaram a minha parede. Acho que eu era o pai daquele moleque.

O estranho se levantou e levou a bola embora consigo. No décimo dia, não havia plantas, apenas aves ao meu redor.

MENOS OS NÚMEROS NA MENTE

Raul Quattrone

Abriu os olhos. As chamas da aeronave refletiam em suas pupilas negras, o vento acariciava seus cabelos cor de sol enquanto o som dos coqueiros se misturava com o estralar das brasas. Se levantou, pegou sua pasta, que por algum milagre havia sobrevivido, e checkou seus pertences: compasso especial, folhas quadriculadas, trena e alguns documentos com o selo da União Internacional de Matemática. “Santo Pitágoras, só sobrou eu, mas pelo menos meu compasso continua firma e forte. Vejo o piloto, a aeromoça e alguns de meus companheiros de convenção. Todos mortos.”

Sem mais opções, ele olhou em volta, e antes de adentrar todo pomposo na floresta agarrado à sua pasta e fé nos números em busca da sobrevivência, avistou uma gaivota bicando compulsivamente um tronco. “Pobre coitada”.

Vagando sem rumo pela selva, ele olhou para cada canto em busca de abrigo, sempre com a mão em sua pasta. As horas foram passando enquanto o ângulo que o Sol criava ia aumentando, e assim, quando a face da lua ficou visível no céu, nosso nômade encontrou uma caverna. “Dá pra passar a noite aqui. Mas essas rochas irregulares vão destruir as minhas costas... Enfim, é o que temos.”

Ao deitar-se, com dificuldade, acabou adormecendo. Imagens vieram à sua mente: o avião destruído, seus companheiros mortos, a convenção de matemática... De repente, de pé na praia, ele vê o continente, mas o mar vai ficando cada vez maior e maior e maior, até que não se vê mais terra, apenas água salgada do mar junto com gotas que molham a areia a seus pés. Nas profundezas de sua mente, a vontade se manifesta cada vez mais alto. “Tenho que voltar, tenho que voltar, que voltar, voltar, eu preciso voltar!!!”

Inesperadamente, o matemático loiro se levanta de olhos arregalados e suor por todo corpo. Ele repete a si mesmo: “eu preciso voltar”. Enquanto fala sozinho, seus olhos iluminados pelo Sol encontram sua pasta completamente aberta e a aste de seu compasso arranhada. “Malditos bichos, isso é sagrado”. Inquieto devido à sua visão e invasão de propriedade, ele rapidamente agarra uma folha quadriculada, faz uma circunferência, determina o raio, calcula a área e perímetro da figura. Suspira: “bem melhor agora”. Sua mente retorna: “eu preciso...” mas sua barriga fala mais alto... “de comida”.

De mente serena, ele sai para a floresta. Com o que acha dos destroços da aeronave, sua trena, três temporadas de Man vs Wild e muita trigonometria, ele monta a armadilha que garante seu jantar daquele dia e de muitos outros.

Dias, semanas, meses, talvez até anos se passam. Seu cabelo, antes cor de Sol, agora escurece e sua barba cresce, suas roupas todas rasgadas e esfarrapadas quase desmancham. Todo sujo, ele segura seu compasso, que ainda arranhado, também está todo solto e com um começo de ferrugem. Cantarolando, o matemático tem ao seu lado as folhas quadriculadas que já são menos da metade do empilhado inicial, as folhas usadas recheiam o chão da caverna. Feliz, ele grita como se tivesse criado uma nova fórmula: “Exatamente! Bendito seja Pitágoras, senhores!!! E Benditos sejam os números!!! Deixe-me ver se estou correto... não, não, não, merda!! Como errei isto, cachola inútil não consegue fazer álgebra simples, seu inútil!!!

Rapidamente, rasga a folha e pega outra onde compulsivamente, com seu compasso já bem avariado, tenta fazer um triângulo. “Mediatriz, ponto, reta, meia circunferência, intersecção.” Ele balbucia em transe ininterruptamente. Fica muito próximo de completar a figura com olhos arregalados e vermelhos, graças às noites sem dormir pensando na arte numérica. Os olhos se fecham contra sua vontade.

“PRECISO VOLTAR”. Ele acorda após esse pensamento amaldiçoado surgir em sua mente, com agilidade, agachado, vai para um canto escuro da caverna. “Há tempos que isso não me vem à mente, na verdade os números são o que existe aqui”. Aponta para sua cabeça. “Preciso me acalmar, isso é tolice, tudo que preciso está em minha mão e em meus papéis”. Olha para o compasso quase quebrado. “Este

é meu tesouro...sim...minha esperança, tudo que posso fazer com isto é inimaginável.” Tentando provar sua tese, ele apoia a ponta seca tremulante em uma folha largada no chão, apoia a ponta do grafite e move lentamente o compasso com suas mãos trêmulas, olhos arregalados e sorriso amarelo estampado no rosto.

Um erro de movimento. A ponta seca do compasso se quebra e o instrumento se desfaz. O agora ex-matemático renomado olha incrédulo sua esperança se desmanchar em suas mãos. Um pequeno gemido triste se transforma em um grito de fúria. “Maldição! Eu não preciso disso, coisa inútil!!! Eu não preciso disso, não preciso, tudo o que aquilo é já saiu de mim. Não preciso desse erro, dessa divisão por zero.” Ele repetia compulsivamente a si mesmo no canto escuro, enquanto memórias antigas surgiam em sua massa cinzenta.

Lendo um livro algum dia, viu uma teoria filosófica que dizia: “o homem é um ser selvagem, pois esta é sua natureza”. Aquilo era idiotice, não acreditava em tais coisas, pois sua natureza de exatas repudiava tudo que não tivesse números envolvidos. Afinal, tudo que importava para ele estava nos números, ou pelo menos um dia estivera.

A ESTAFA DE VIVER

Isabel Vergueiro

Ele odiava que sua rotina mudasse. Era um homem sistemático, focado nos próprios costumes e se negava a fazer qualquer coisa que fosse diferente do que já estava habituado. Era sempre a mesma vida monótona: despertava lá pelas 6h, acordava sua mulher, fazia seu café preto, pegava as chaves do seu carro para dirigir até o escritório onde trabalhava, cumpria uma diária de 10 horas, no caminho de volta trazia flores para sua mulher, jantava e dormia. Até que em uma manhã, seu dia amanheceu diferente: era seu aniversário.

— Bom dia, amor, feliz aniversário! Já que hoje é um dia especial, acordei mais cedo e fiz seu café. — O café não estava do jeito que ele gosta, como tomava todos os dias, mas agradeceu com um beijo na testa. — Antes de sair, não esquece da reserva às 19h!

Enquanto bebia o café preto, procurava as chaves do carro, mas não encontrava em lugar algum. Como já havia se atrasado para o trabalho, mesmo nervoso, decidiu resolver a história das chaves mais tarde e pegou um táxi ao escritório.

Ao chegar no trabalho, seus colegas e seu chefe começaram a cantar “Parabéns pra você” em coro. Na sequência, entregaram a ele um bolo branco, simples, com o número 50 espetado como velas: na verdade, ele fazia 45 anos.

— Virou cinquentão, mano? Tá ficando velho, hein? — disse seu chefe bagunçando seu cabelo.

Ele decidiu nem responder. Já estava estressado demais, sem paciência pra qualquer tipo de piada escrota vindo do seu chefe 10 anos mais novo que se acha por ser mais bem-sucedido do que seus empregados bem vividos. Era melhor só reagir com aquele sorriso amarelo para poder sair logo dali.

Dez horas se passaram e seu foco do momento era chegar a tempo para a reserva marcada em um restaurante chique. No entanto, algo o interrompe. Um homem bem-vestido aponta uma arma em sua direção e

— Bom dia, amor, feliz aniversário! Já que hoje é um dia especial, acordei mais cedo e fiz seu café.

Marcos se espanta. Não sabe explicar nem como, nem porque, mas parece que já havia escutado tudo aquilo.

— Tem algo de errado com você, Marcos? — ela questiona

— Não. Só tive uma sensação de *dejavu*. Você viu minhas chaves? Me atrasei pro trabalho.

— Não vi. E não esquece da reserva hoje às 19h!

Como estava atrasado, mesmo nervoso, decidiu resolver a história das chaves mais tarde e pegou um táxi até o escritório. Ao chegar no trabalho, seus colegas e seu chefe começaram a cantar “Parabéns pra você” em coro. Na sequência, entregaram a ele um bolo branco, simples, com o número 50 espetado como velas: na verdade, ele fazia 45 anos.

— Virou cinquentão, mano? Tá ficando velho, hein — disse seu chefe bagunçando seu cabelo.

Ele não respondeu. Já estava ficando estressado.

Dez horas se passam e seu foco do momento é chegar a tempo para a reserva marcada em um restaurante chique. Porém, Marcos decide mudar a rota e comprar flores para sua esposa. Até que um homem bem-vestido cruza seu caminho, aponta uma arma em sua direção e

— Bom dia, amor, feliz aniversário! Acordei mais cedo e

— Fez meu café?

— Como você sabe?

— Você não viu minhas chaves por aí, ou viu? — pergunta Marcos à sua mulher, como se já soubesse a resposta.

— Não, você perdeu de novo?

O momento é dominado por silêncio desconfortável. Marcos chama um táxi cuja placa já havia sido até memorizada. Esse sentimento nostálgico passa a deixá-lo assustado. Quando chega no trabalho, ele até já sabe, sem saber o porquê de já saber, do momento em que todos cantariam “Parabéns pra você”. O momento da piada escrota e provo-

cadora feita pelo seu chefe. Sabia exatamente o que todos iam dizer, como diriam e o que fariam durante o dia.

O aniversariante dos dias saiu mais cedo do trabalho para dar um chega nessa monotonia interminável. Já não se importava mais em como seria o seu café preto matinal, se agradaria seu chefe ou não, se ia comprar flores para sua esposa, só queria que o dia acabasse e que começasse logo um novo. Decidiu então, ligar para sua mulher e adiantar a reserva das 19h.

— Que reserva? Eu não comentei sobre nenhuma reserva com você.

Marcos desligou o telefone. Constatou que estava enlouquecendo. Saiu andando pela rua, na expectativa de encontrar algo diferente. Mas foi impedido por um homem bem-vestido, cruzando seu caminho, apontando uma arma em sua direção e

— Quem é você? Por que eu já te conheço se estamos nos conhecendo agora?

O homem então, abaixou a arma e respondeu:

— Estava apenas esperando que você questionasse. Quem sou eu? Sou um homem livre, mas antes, era apenas mais um escravo, assim como você. Você gosta da monotonia? Gosta de estar submisso?

— Eu também sou um homem livre, apenas que isso acabe, e que você pare de fazer o que quer que esteja fazendo — disse Marcos.

— Por que você acha que nós nos conhecemos sem nos conhecer? Eu sou você, se estivesse se libertado e deixado de mamar na teta do governo. Eu sou a versão que você deseja ser, o que seu inconsciente procura. Sou o homem que não vive na mesmice, na constante tentativa de apenas trazer dinheiro pra casa. Se você quer entender, venha comigo que eu te mostro o quão profundo é o buraco do coelho, como no filme “Matrix”.

— Não estou entendendo e não quero entender. — Retrucou Marcos — Quero minha vida de volta.

— Tudo bem. Basta querer entender.

O homem misterioso se curvou e foi embora. Marcos, confuso e desesperado, voltou para casa e contou à sua esposa tudo o que vinha acontecendo.

— Marcos, você está ardendo em febre. Vamos, vou te dar um remédio que vai te acalmar.

Tomou o remédio em um gole só. Ficou sonolento e foi dormir. Foi quando ouviu uma voz:

— Sabe por que nos esbarramos? Porque houve uma falha no sistema. Você não consegue encarar a verdade, logo, boa sorte na sua prisão monótona.

O alarme tocou às 6h e Marcos despertou em um pulo. Acordou sua mulher, preparou seu café preto do jeito que gosta e foi com o carro trabalhar. Cumpriu uma diária de 10 horas, no caminho de casa comprou flores, jantou e dormiu. No dia seguinte, não encontrou suas chaves. E seguiu assim, vivendo sua rotina escravizada sem sequer se lembrar do encontro com sua própria versão.

DIFERENTES VISÕES DE UM MESMO MUNDO

Nicole Chiachirini

EU NÃO QUERO MAIS OLHAR PARA VOCÊ!

Estava no meu quarto todo bagunçado, com todas as roupas espalhadas pelo chão, pratos de comida em cima da escrivaninha, a parede pintada de verde toda descascando, a porta do quarto cheia de adesivos antigos. Aquilo estava um desastre. Parecia um chiqueiro, não conseguia enxergar o chão do lugar. A única coisa que deixava o ambiente agradável era o sol que batia na janela e iluminava o quarto todo, fazendo com que parecesse menos uma caverna. Mas tudo bem, sempre fora assim, aquilo não me incomodava.

A porta do quarto se abre. Fecha logo em seguida. Um barulho de chuveiro vem do banheiro. Depois de uns quinze minutos, a porta abre e fecha novamente, precisava escolher uma roupa para sair, estava me olhando e experimentando dezenas de peças, nenhuma me agradou, todas eram velhas e não me cabiam mais. Fiquei triste ao me olhar vestindo aquelas roupas, me lembrei de bons momentos que já vivenciei com elas no corpo. Ah, me bateu uma saudade... Comecei a pensar, a pensar ali parado me olhando. A pensar em como não existiam problemas na minha vida quando era menor, de como eu podia brincar até tarde da noite, não me sentia triste, não tinha problemas na escola, problemas com amizades, tudo era tão mais fácil. Agora, parece que as únicas coisas que passam pela minha cabeça são provas, se eu quero ou não sair no final de semana, eu querendo mulheres e elas não me dando bola, minhas espinhas que não param de crescer, brigas com a minha família... Eu não aguento mais.

Senti uma lágrima caindo. Logo a enxuguei. Não queria chorar, não podia chorar, agora eu estava maior, crescido, chorar é coisa de crian-

ça, para pessoas fracas. Após um tempo ali parado, fui interrompido pela minha mãe, que berrou da cozinha, dizendo que eu tinha que me apressar e sair. A porta se abriu e fechou.

Quando já estava escuro, a porta do quarto se abriu depois de um longo tempo. O ambiente continuava do mesmo jeito, todo desordenado. Eu estava tirando a minha roupa para colocar um pijama e ir dormir, mas novamente comecei a me olhar e refletir parado no mesmo lugar, e dessa vez, sobre meus amigos, que estavam tão diferentes de mim. Nós crescemos juntos e vivemos toda nossa vida um ao lado do outro, e agora, eles nem querem mais fazer as coisas que fazíamos antigamente, como brincar de esconde-esconde, de carrinhos, jogar bola o tempo todo. E isso tudo porque são coisas de criança e blá blá blá. Eu me sinto tão diferente deles!...

Minha cabeça começou a explodir, eu estava me sentindo mal e não aguentei, caí no choro. Eu não queria estar chorando, e muito menos olhando para mim mesmo. Aquela pessoa que estava a minha frente não era eu, eu não conseguia me enxergar assim, crescido. Eu estava furioso por todos esses pensamentos estarem passando na minha cabeça. Olhar para mim mesmo estava me condenando. Não estava conseguindo. Estava muito bravo. Queria quebrar tudo, destruir tudo que via pela frente. E foi o que eu fiz, enquanto berrava de ódio.

EU NÃO QUERO MAIS OLHAR PARA VOCÊ!

É NATURAL QUE ELES FAÇAM ESSAS COISAS, SÃO APENAS GAROTOS

Luísa Costa

Ela e seu namorado estavam cansados de ficar mofando em casa sem nada para fazer, estando um dia tão bonito e quente lá fora. Logo, ambos decidiram ir a uma sorveteria perto de casa. O alto verão se fazia presente na Irlanda, por isso nossa bela dama optou por usar uma minissaia e uma regata refrescante. Seu namorado, no entanto, que estava vestido todo de preto, estreitou seus olhos de forma julgadora assim que a viu com o modelito.

Ao chegar na sorveteria, o jovem casal se aproximou do caixa e ele fez o pedido para os dois, um sorvete sem gordura para ela e um milk-shake para ele. Quando se sentaram na cadeira, o namorado bufou e falou docilmente.

— Você não acha que deveria estar mais coberta, minha linda? Muitos caras estão olhando seu belo corpo.

Com um sorriso constrangido ela respondeu:

— Talvez seja melhor mesmo, não gosto de te chatear.

O namorado replicou com o mesmo tom de voz doce:

— É por você que falou isso, para, no seu bem.

O silêncio confortável pairou sobre a mesa até os pedidos chegarem. O problema não era com os pedidos em si, mas o que estava escrito em um deles:

Rosalia :) — Sorvete sem gordura.

Com um tom de voz elevado, o homem gritou:

— Que porra é essa?

Este agarrou sua namorada e foi até o caixa:

— Que merda é essa? Não é só porque ela está vestida como uma puta, sem respeito próprio, que você deve me desrespeitar, seu merdinha. — falou com uma voz estranhamente calma para o atendente.

Assim, do mesmo jeito que entraram, saíram. Entretanto, o homem estava muito mais vermelho, quase roxo.

Um mês depois, o outono chegou avermelhando as árvores e os braços de Rosalia. O casal decidiu sair com alguns amigos da época da escola, em um restaurante requintado. Depois de alguns abraços, beijos, carretas e entradas finas, um dos amigos decidiu arriscar e falou como Rosália estava deslumbrante. No mesmo instante, a atmosfera mudou drasticamente. O namorado cresceu de tamanho assim como seus braços, ficou pegajoso, agarrou a namorada e a arrastou para fora do restaurante, deixando algumas notas na mesa.

Ao chegar em casa, o homem tinha triplicado de tamanho. Assim que a porta bateu, tentáculos, barbatanas, espinhos e uma cauda começaram a surgir. O homem ficou totalmente roxo e puxou a mulher pelo braço com toda a sua força. A namorada olhou para os próprios braços e ficou horrorizada ao perceber que estes tinham escamas roxas e espinhos.

SUA NAMORADA

Munize Moita

Em uma grande Tokyo, vemos um jovem e seu amigo cruzando a rua a fim de chegar em casa antes do anoitecer. Kotaro e Renga estavam às pressas. Ao chegar em casa, aliviados, continuaram suas vidas monótonas ao fazer a janta, dormir, acordar, trabalhar, voltar para casa, fazer a janta, dormir, acordar, trabalhar...

Kotaro, em seus anos escolares, nunca se deu muito bem com garotas. Como que alguma garota iria se interessar por um nerd esquisito no canto da sala? Já Renga sempre fora mais popular, tendo desde sempre alguma parceira amorosa. Mas para Kotaro, sua hora chegou quando uma bela menina dos cabelos pretos com um reflexo vermelho se aproximou em uma cafeteria. Kotaro, sem jeito, porém empenhado, tentou deixar a conversa mais fluida. Sem perceber o tempo passou, até que finalmente trocaram o número de celular.

Uma semana se passou. Kotaro conferiu o celular e viu uma mensagem que fez seu coração acelerar: “Quer ter um encontro comigo?” De imediato, Kotaro respondeu, “Sim, você gostaria de dar um passeio pela cidade?”, enviado, “Seria ótimo!!”, recebido, “Amanhã?”, enviado, “Claro”, recebido. E assim, seu primeiro encontro ficou marcado, uma volta pela cidade com uma bela menina.

“Oi Rin, bom te ver, você está linda!” Disse Kotaro com um sorriso envergonhado e bochechas rosadas. “Obrigado, você também está muito fofo.” Kotaro ficou completamente vermelho: “Vamos ao nosso encontro?”, “Uhum”, balançou a cabeça em um gesto de “sim”. Eles rodaram a cidade, tomaram sorvete, viram um filme, foram ao shopping, brincaram no fliperama e pegaram tudo que a cidade tinha a oferecer.

O sol estava se pondo, Rin muito envergonhada olhou para Kotaro e o chamou para um canto/beco mais “privado”, digamos. Ao chegar lá, Rin se aproximou de Kotaro lentamente falando em um tom sedutor.

Kotaro ficou sem reação, não tinha ideia do que fazer e Rin não parava de se aproximar. Kotaro, em um ato de coragem, se aproximou de Rin. “Hunh?” sangue em todo lugar, o ombro de Kotaro despedaçado, tentáculos vermelhos saem de Rin, um fantasma. No desespero, Kotaro entra em um terreno em construção e derruba alguns pilares, fazendo uma viga de ferro cair em cima de Rin e dele mesmo.

Bip, Bip, Bip, o único barulho que Kotaro escutava, fê-lo abrir seus olhos. “Eu não morri?” “O doutor Albedo realizou uma cirurgia experimental em você, agora seus sinais vitais estão estáveis, e agora, se me der licença, preciso contar para o médico da sua recuperação.”

Kotaro sentiu seu olho direito diferente, não dolorido, mas diferente. Decidiu olhar no espelho e tomou um susto horrorizado, um olho preto com a íris vermelha. Um fantasma, Kotaro tinha se tornado um fantasma; doutor Albedo implantara os órgãos de Rin em Kotaro; e como fantasmas têm uma alta capacidade de regeneração, a cirurgia fora um sucesso.

Kotaro saiu correndo pelas ruas de Tokyo. Observando atentamente cada pessoa à sua volta, a fome o perseguia. Ao perceber a natureza de seus pensamentos, correu para sua casa, pegou a primeira faca a vista e se apunhalou. Ao abrir os olhos encontrou uma faca recém-quebrada no chão, se olhou no espelho mais uma vez e viu um monstro.

PÂNICO NO HOSPITAL

Lorenzo Lima

Tuberculose. Uma doença consideravelmente rara no Brasil. Mesmo sendo rara, consegui contraí-la. Boa Bruno, você acaba de provar que quando o assunto é azar, é perito. Nos meus 13 anos de vida, nunca tive tanto azar quanto agora. Bom, não diria que me ferrei completamente, pois a menina que eu gosto também está aqui, no Hospital Albert Einstein. A diferença é que ela está com pneumonia, com muita dor pra respirar, enquanto eu já tô no quarto. Bruno 1 x 0 Clara. Se bem que também estou com uma certa dor na região do peito, devido a essa doença, mas nada comparado ao que a Clara deve estar sentindo.

Devo dizer que a vida no hospital não é tão ruim quanto muitos costumam dizer. Eu acordo, vejo anime na Smart TV que tem aqui no meu quarto, peço o café da manhã que eu quiser, dou uma volta pelos corredores daqui e vejo mais anime. É uma rotina bem calma, do jeito que eu gosto.

Esses dias, acordei com uma mensagem de Clara, então pensei: “Meu deus, as coisas não param de melhorar. Eu posso ver anime enquanto como comida japonesa sem meu pai e minha mãe reclamarem, e agora a menina que eu gosto me manda mensagem perguntando como eu tô? Ganhei o dia”. Eu respondo que estou bem e pergunto como ela está. Ela responde que nada bem, e diz que a pneumonia dela não muda faz dias. Realmente, ter dor pra respirar deve ser bem ruim, principalmente na hora de dormir. Pelo menos, o fato de que ela está perto de mim me deixa um tanto aliviado, e gostaria muito de saber se ela se sente assim também a respeito de mim. Enfim, ela disse o número do quarto da UTI que ela tava, e eu disse que à noite iria visitá-la. Ela respondeu com várias carinhas felizes e uns corações. Pronto, ganhei o dia de novo. Mas infelizmente não consegui ir até lá naquele dia, por conta dos exames de rotina que esqueci que tinha.

Tudo isso nos leva a ontem, que foi quando as coisas aconteceram. Eu disse que ia visitá-la à noite novamente e ela me fez prometer que eu realmente iria dessa vez. Então, chequei novamente o número do quarto que ela havia me mandado outro dia e era 1152. Bom, como sempre, fiquei vendo anime até meia noite, até que decidi fazer o que havia prometido. Saí do meu quarto e procurei o primeiro médico que vi para perguntar onde ficava o quarto que ela estava. Fato: um paciente não pode entrar em um quarto de UTI de outro paciente devido ao risco de contágio entre eles. Mas claro, eu, um moleque de 13 anos que não tem nada a perder, fui perguntar para um médico onde ficava o quarto 1152, sem dizer que era da UTI. Então achei um médico e ele disse: “fica no 5º andar, segundo retorno e virando à esquerda.” Sério. O otário nem desconfiou de nada. Eu só agradei e fui embora, dando uma risada bem baixa. Peguei o elevador e subi até o 5º andar. Quando a porta se abriu, me deparei com a secretária da UTI dormindo num sono muito pesado, e as chaves para a porta estavam na mão dela. Inacreditavelmente fui lá, e simplesmente peguei as chaves da mão dela, com sorte sem acordá-la. Abri a porta e comecei a procurar o tal quarto 1152. Fui caminhando, 1052, 1072, 1082...

Estava meio escuro e não dava para enxergar os números direito. Então ouço bem baixo um barulho de um monitor de batimentos cardíacos instável. Quanto mais preto chego do quarto de Clara, mais instável e alto vai ficando o barulho. Começo a ficar insanamente nervoso. De repente, vejo médicos correndo em direção ao quarto de Clara. Estava escuro e por coincidência do destino, eles não me viram, apenas passaram reto. Não aguentei e corri atrás para ver o que estava acontecendo. Chegando no quarto vi vários médicos em volta da menina, tentando fazer com que ela parasse de convulsionar. As máquinas engatadas nela e o monitor de batimentos cardíacos indo à loucura foram demais para mim. Senti que ia desmaiar e fiquei de joelhos no chão, pensando que ia perder a menina que eu gosto. Olhando fixamente pro chão, ouvi o “piiiiiiii” de quando alguém morre, vindo da máquina de batimentos. É o fim, pensei, enquanto tinha um mental breakdown no chão, chorando.

“Ei, por que você tá chorando?” Perguntou uma voz feminina familiar. Como numa cena de anime dramática, lentamente levantei a

cabeça chorando e chocado, para ver Clara de pé, do meu lado. Fiquei absolutamente confuso na hora. “Mas..., mas, mas.... Você não morreu?” Perguntei enquanto me levantava. “Não, seu trouxa, essa menina é do quarto 1142. Olha aqui: 1-1-4-2, não sabe ler?”. Porra Bruno, essa foi a gota d’água. Assim que vi que tinha errado de quarto e que Clara estava bem, abracei-a aliviado: “Ah, que bom que você não morreu, Clara!” — exclamei chorando. Ela começou a dar risada e me abraçou de volta. A menina do 1142? Bom, ela não teve a mesma sorte que eu e acabou morrendo. Pelo menos eu passei a noite vendo anime com a menina que eu gosto.

LOOPING

Fernando Ribas

Ele não tinha se dedicado o suficiente. Não passou no vestibular, não entrou na faculdade. Arrumou então um emprego como atendente do McDonald's, onde obviamente ele não estava feliz. Somando isso ao fato de que ele foi expulso da casa dos pais por ser um completo fracasso e estar morando de aluguel, era nítido que ele não estava bem. Obviamente, não tinha namorada, já que sua aparência não era das mais agradáveis. Esse é o Paulo, aquele que era bom de bola, tinha um charme e chapava com os amigos durante o recreio.

Algo era claro: ele tinha uma baita criatividade. Queria usar isso para ganhar dinheiro. Então foi procurar aquele nerdola do Ângelo, que foi o único desse tipo (nerd) que foi poupado do seu *bullying* naquela época de escola. Ângelo tinha uma empresa de videogames baseados em animes, e já que Paulo tinha visto uns 10 episódios de Naruto, achou que poderia ser útil. Foi falar com ele com toda a falsidade que conseguiu, e, a princípio, deu certo e ele foi aceito. Começou a trabalhar lá e estava se saindo realmente bem, mas Ângelo não estava dando muito valor a isso, algo com que ele não estava se importando; afinal, estava ganhando mais do que em sua época de McDonald's.

Um dia o babaca do Ângelo foi conferir o que Paulo tinha feito até então. Ficou impressionado, ele tinha criado várias ideias de videogames com grande potencial. Uma semana depois dele ter “pegado suas ideias para analisar”, Paulo foi demitido, sem sequer uma explicação. Teve que voltar a trabalhar no McDonald's e a viver exatamente a mesma vida que estava vivendo antes, só que desta vez ele estava mais antenado ao mundo gamer. Comprou um console e frequentava lojas geeks de vez em quando, nos momentos que ele tinha um dinheiro sobrando. Até que um dia, avistou um anúncio de um videogame novo, que estava fazendo um grande sucesso nas pré-vendas.

Percebeu que esse jogo era exatamente igual àquele que ele tinha pensado, e isso o deixou puto, muito puto. Afinal, ele não tinha ganhado nem 1% do lucro do lucro gerado por aquela obra-prima. Foi procurar Ângelo, que, recheado de dinheiro, nunca arrumou tempo para uma reunião com ele.

Começaram a rir de sua cara. Estava muito engraçada a expressão que ele estava fazendo com a brisada que ele deu. Ele, depois de alguns segundos após voltar a vida, não ficou nada feliz com a situação.

Foi logo procurar Ângelo para que ele não tivesse que viver toda aquela situação imaginada por ele no futuro. Encheu-o de porrada, foi expulso da escola. Não tinha estudado o suficiente. Não passou no vestibular, não entrou na faculdade. Por mais que trabalhasse no McDonald's, era muito criativo...

A METÁFORA DA MÃE APEGADA

Laura R. Joseph

O dia de hoje parecia completamente perfeito, o vento passando como uma pena leve, nenhuma nuvem no gigantesco azul e o sol, brilhando com todos os seus raios no alto céu, fazendo com que eu fizesse mais fotossíntese ainda. Estava sentindo uma calma até estranha de tão tranquila. Não parecia normal, mas dias assim me fazem sentir melhor do que qualquer coisa.

Claro que as minhas filhas são atrasadas (totalmente genético), eu comecei a ficar meio preocupada e aflita que não daria tempo para a saída delas.

— Vamos logo meninas, se não vocês vão se atrasar!

Elas finalmente chegaram e nós pudemos nos encaminhar para a estrada para chegar até o campo de partida, se tudo desse certo, pontualmente. No caminho, elas não paravam um segundo de falar como estavam ansiosas e nervosas para voarem para tão longe. Claro que elas tinham um friozinho de barriga humana, mas elas estavam felizes demais porque era o sonho delas fincar suas raízes (literalmente) em algum lugar ideal para uma... Só que elas ainda não haviam descoberto onde este seria.

Eu acho que só realmente parei para pensar o que a partida delas significava quando elas já haviam partido. Era muito tempo. Na verdade, era pra sempre. Nunca mais íamos voltar a ser como éramos antes. Será que eu vou conseguir aguentar? Sinto que qualquer coisa que esteja na minha cabeça, está virando um real tormento e a cada dia que passa, me sinto mais triste por não tê-las por perto. Mesmo aqueles dias bonitos e ensolarados que sempre me deram tanta alegria e felicidade não me afetam mais positivamente. Meu coração fica apertado e duro de saudade. Elas são apenas pequenas sementes em um mundo gigante, me pergunto se elas já estavam realmente prontas para crescer e florescer.

Durante um dia meio chuvoso, estou dando uma volta e um vento maluco começa a me empurrar em direção a um lago que tem aqui perto. Eu tento me debater e voltar para a direção para a qual estava indo, mas não consigo, a força é maior.

Chegando lá, vejo uma semente na beira do lago parecendo estar caindo nele. Não posso deixar isso acontecer, se não ela vai perder todo o seu futuro. Corro até ela na maior rapidez sem minhas pernas de gigante, e aí, cacete, ela tá caindo muito rápido! Chego na beira do lado e rapidamente a pego e a coloco em terra firme. Ela me olha aliviada e me agradece, diz que está longe de tudo e de todos que conhece e ainda não se acostumou direito com as coisas, como esse vendaval.

Meu deus, é como um clique na minha cabeça, tudo faz sentido agora, se eu não deixasse as minhas meninas irem para longe, elas nunca poderiam passar por situações em que precisariam de esforço de si próprias e pedir ajudar de pessoas diferentes, porque sempre teriam a mim. Agora vejo que independente de qualquer saudade sentida por mim, foi bom porque mesmo assim meu amor por elas falou mais alto e deixou elas irem embora.

Isso é essencial. Para qualquer um que quiser crescer, é 100% necessário que este encontre suas paixões e seus desejos em qualquer lugar do mundo. É difícil ir para longe da sua zona de conforto, mas é exatamente isso que te faz crescer.

Eu me lembro como se fosse ontem quando eu tive que voar para longe. Deu medo, mas se não fosse por isso, não estaria refletindo sobre tudo nesse exato momento.

UMA MÃE FELIZ!

Marina Peccin

Uma luz se acende.

— Empurra! — Grita uma voz masculina.

A mulher berra.

O homem atrás dela a abraça.

— Nasceu!

A mãe sorri de alívio e o pai atrás dela chora de alegria. Ansioso para ver seu filho, o homem espia por cima da maca, procurando por seu bebê.

Que choque!

Sem acreditar, vira-se para a mulher, que olhava entre os braços do médico e continuava com o olhar cintilante, aguado e um sorriso de um canto ao outro do rosto.

O homem não se aguenta. Olha inconformado para a mulher, vira-se de costa e, passado, sai do quarto e fecha a porta.

A mãe parece nem perceber e, hipnotizada, estende seus braços para finalmente ter seu filho no colo.

Com uma melancia nas mãos, sorri deslumbrada!

Assim, no dia 20 de setembro de 2004, com 37 semanas, 10 quilos e 30 centímetros, nasceu “Tony”.

Encantada, a mãe balançava, sacudia e acariciava as bochechas de sua lustrosa e doce melancia recém-nascida.

Depois de poucos dias, a mulher e o bebê já estavam liberados para sair do hospital. A mãe vestiu a melancia com o mais lindinho macacão amarelo, que coube, mas ficou meio “esgarçado”.

Nossa! Como seu bebê era lindo e saudável!

Chegando em casa, a mãe solo teve de dar um jeito de cuidar de seu filho. Vira e mexe, saía com a melancia dentro de um carrinho e ia para

o parque, para o trabalho, para o salão de beleza, academia e ao andar na rua, nem reparava nos estranhos olhares que recebia.

A mãe e o bebê faziam tudo juntos, como aquela mulher era feliz!

Certo dia, na comemoração de um mês do Tony, resolveu chamar Jhonny e Jam para sua casa. Iam conversar, almoçar, comer um bolo e botar o papo em dia. Seus melhores amigos iam finalmente conhecer seu tão amado filho.

Ao entrarem na casa, foram recebidos pela amiga, toda arrumada para a ocasião especial. Estava linda, brilhando de felicidade. Jhonny e Jam a entregaram uma sacola com presentes, ela agradeceu, deixou a lembrancinha no sofá e desceu para a portaria buscar o frango assado do almoço que havia acabado de chegar do restaurante.

Jhonny e Jam estavam com sede! Resolveram ir até a cozinha buscar um copo de água. Jam avista então, uma suculenta melancia inteira, em cima do cadeirão do bebê.

A amiga já havia organizado o almoço inteiro! Seria educado da parte deles, os convidados, como forma de ajuda e gratidão, deixar a sobremesa cortadinha, servida, já prontinha para quando a amiga voltasse.

Jam então, orgulhosa da sua ideia, já imaginando o (constante) rosto feliz da amiga ao ver a vasilha com frutas, pega a melancia e coloca sob uma tábua, pega um facão na gaveta e pedindo ajuda entrega nas mãos de Jhonny, que levanta a faca e com força corta a melancia ao meio.

A mãe chega em casa com a travessa cheia de comida. Vai em direção à cozinha para deixar o frango em cima da mesa e encontrar os convidados. Ao passar pela porta, fica pasma; parada, imóvel, feito uma estátua, com os olhos arregalados de pavor. Ouve-se o estilhaçar da travessa de vidro que cai no chão. Seu filho estava morto, decapitado, em cima da bancada da cozinha, e a faca, cheia de sangue nas mãos de Jhonny.

BEBÊ?!

Martin Vilela

O noticiário mostrava o assunto do momento, o estupro de uma jovem adulta, mas o que ela esperava? A saia dela era muito curta, as mulheres têm que aprender que os homens têm necessidades e não dá para ficar os provocando. Me chamo Lucas, sou bem mulherengo, ou melhor, cafetão, mulheres são mais um jogo no meu ponto de vista.

Ontem à noite minha namorada terminou comigo, eu e minha amante fomos jantar fora como comemoração. Quando eu ia entrar no restaurante, vi um traveco passando, que nojo, se eu quisesse ver esse tipo de gente eu ia pro puteiro e não para o restaurante. No restaurante, vi também um casal de bichinhas, já estava me irritando de ter que ver tanta gente estranha em uma noite.

Voltei pra casa e chamei minha segunda amante, fodi ela e mandei ela para casa. Dormi. Acordei e fui me arrumar para a academia, mas algo não estava certo, meu peitoral estava maior e caído, estranho. Fui para a academia e entrei no banho na volta. O dia foi esquisito, estava com os hormônios à flor da pele, muita raiva e muita vontade de comer doce.

Durante a madrugada, acordei sangrando. Me desesperei e fui ao banheiro, mas logo percebi pelo espelho que meu peitoral estava imenso, igual aos seios de uma de minhas amantes que eu não lembrei na hora. Fui me lavar do sangue, mas tirei a cueca para entrar no banho e... Nem fudendo, eu tinha uma vagina, onde estava meu pênis? Que merda, então quer dizer que eu menstruei? Que virei um traveco? Eu tinha virado uma mulher, um jogo apenas. Então quer dizer que transgêneros e mulheres eram iguais aos machos? Fui dormir para ver se era um sonho, por mais que eu sabia que não era.

Saí de casa no dia seguinte e fui malhar. No caminho, só conseguia pensar na minha vagina, eu mijei sentado, sentada, sei lá. Percebi um

homem me seguindo, ele já me seguia faria alguns minutos. Depois de cinco minutos, ele me alcançou e me arremessou em um carro. Tirou nossas duas roupas enquanto eu me contorcía e... Não podia acreditar.

Após o trauma, saí correndo pra casa desesperada, estava chorando igual maluco, mas parei na farmácia para comprar um teste de gravidez, que cagaço de ficar gravida, aliás o estuprados nojento nem usou camisinha.

Eu estava grávido. Meu pânico foi de 100 a 1000, fui ligar para minha atual namorada, porque precisava transar, mas ela iria rir de mim, porque assim como eu, ela odiava travecos, transgêneros, na verdade. Então tive uma ideia, o aborto. Me tornei o que jurei destruir, a favor do aborto.

Cheguei na clínica depois de 30 minutos no Uber, a clínica era bem discreta. Aliás, o aborto era ilegal. Perguntaram meu nome, eu disse Lucas, mas riram e pediram meu nome de verdade. Inventei e disse Alice. Depois de uma hora de espera fui chamado. Me deram uma anestesia e acordei depois de um tempo. Os médicos erraram e tive uma hemorragia interna, mas sem bebê. Apaguei e não acordei.

EXÍLIO DIONISIACO

André Dittmar

Cortar, vender, comprar, consumir e se divertir. Sua vida vivia em função dessa rotina, essa era a vida de um solitário lenhador que vivia em exílio no bosque.

Possuía um carro velho cuja única era a de comprar alimentos e transportar suas mercadorias, um machado que, apesar de seu intenso uso, parecia afiado como novo e uma velha cabana. Nela, havia um depósito para comida, uma cama e, bem no meio da sala, uma tora de madeira sobre um pequeno pedestal.

Todo dia acordava cedo e logo ia em direção das altas estruturas de madeira que, apesar de alguns chamarem de árvores, em sua visão, eram apenas potencias fontes de renda. Após horas reunindo o máximo possível da mercadoria, usava seu carro para ir à cidade e vender. Voltava pra casa, já alimentado e fedendo fast-food.

No entanto, vale se notar que não tinha nenhum centavo em mãos. Havia ele gastado todo dinheiro com comida? Não, acho improvável. Havia ele então comprado roupas novas? Não, acho improvável. Ele estava acompanhado de um saco de cogumelos, cogumelos estes que seriam futuramente triturados e, cogumelos esses que seriam, após triturados, dissolvidos na água. Esse simples chá de cogumelos, cogumelos esses vindos de um saco sujo, cogumelos estes que foram triturados e, cogumelos esses que foram dissolvidos na água após serem triturados, serviria de distração para nosso lenhador por horas.

— Éí, Vitor! Vitor Chen!

O homem rapidamente se virou como se já soubesse da origem da voz antes mesmo dela se anunciar.

— Finalmente você acordou, hein amiguinho!

— Eu que o diga! Você que acordou dessa realidade chata em que você vive!

— Está ficando difícil comprar esses cogumelos, cogumelos estes foram triturados por mim e, que após isso, dissolvidos na água ... Aquelas altas estruturas de madeira estão se esgotando

— Eu já disse pra você ... elas se chamam árvores! Afinal, na teoria, elas são minhas primas kikikikiki

— Bahahaha — O homem ria grosseiramente. Sua risada solitária tomava conta da casa.

— Você sabia que não são apenas árvores que podem gerar dinheiro? Se as árvores já se esgotaram, você pode vender suas roupas, seu machado e muitas outras coisas.

— Mas eu tenho esse machado á tanto tempo...

— Você prefere ele do que a mim?

— Não, de jeito nenhum, vou vender oque tenho amanhã!

No dia seguinte, ele rapidamente pegou seu machado e se dirigiu em direção a cidade. No entanto, apenas voltou para casa no final da tarde sem seu carro e sem seu precioso machado. A única coisa que o acompanhava era um novo saco de cogumelos, visivelmente a razão de toda sua empolgação.

— Ei, Vitor! Vitor Chen!

— Finalmente você acordou amiguinho!

— Você que acordou dessa realidade chata em que vive!

— Só você mesmo para salvar meu dia — Disse o homem triste.

— Por quê? O que aconteceu?

— Eu vendi o machado, assim como você falou... Mas no caminho de volta, meu carro foi roubado e eu não tinha como me defender sem ele. — O homem rapidamente mudou sua feição ao lembrar da cena.

— Bom, mas veja só! pelo menos você tem a mim! Kikikiki

— Verdade! Bahahaha — Rapidamente abriu novamente um sorriso bobo e banguela no rosto.

— Mas agora eu não consigo mais nenhum cogumelo sem o auxilio do meu tão bom e velho machado...

— Olhe à sua volta homem! Você esta rodeado de cogumelos! Você vive em uma floresta que apesar da baixa taxa de árvores , não deixa de fecundar milhares de cogumelos diferenciados.

— Verdade Bahahaha!

No dia seguinte, logo pela manhã, coletou o máximo de cogumelos possíveis. Triturou-os um por um. Um cheiro forte rapidamente preencheu a casa, mas o lenhador lembrou do conselho de seu melhor amigo e sem pensar mais, tomou o chá.

Eram venenosos.

OS ACHADOS DE PERDIDOS

Laura Lang de Mattos

— Onde eu estou? — O homem fala olhando ao seu redor, percebendo que está em um lugar coberto de paredes, sem nenhuma porta ou janela.

— Mas que lugar é esse? Como cheguei aqui?

— Ninguém sabe como chegamos aqui — um homem com roupas de palhaço surge das sombras.

— Quem é você?

— Eu... Eu não sei quem eu sou.

— Ninguém sabe — Quando o palhaço fala isso, surgem mais três indivíduos: Um construtor, uma bailarina e um cavaleiro de armadura.

— Mas o que é isso? De onde vocês surgiram?

— Nós estamos aqui já faz um tempo.

— Quem são vocês?

— Não sabemos.

— Não sabemos onde estamos.

— E não sabemos como chegamos aqui.

— Por que isso está acontecendo? Quem somos nós? Onde nós estamos? O que nós somos?

— Nenhum de nós sabe. Acordamos... e estávamos aqui... na escuridão.

— Somos coisas sem nome e sem memória.

— Não sabemos quem erámos ou o que somos e o que seremos.

— Por quanto tempo vamos ficar aqui?

— Ninguém sabe a resposta.

— Deve ter alguma explicação para isso. Eu quero sair daqui!!!

— Todos nós queremos.

— Já tentamos de tudo.

- Já fizemos todas as teorias possíveis sobre como chegamos aqui.
- Nós podemos ser parte do sonho de alguém.
- Ou talvez, sejamos loucos, e isso é uma ilusão.
- Isso só pode ser um pesadelo.
- De quem? Seu? Meu? Do construtor? De quem é esse pesadelo?
- Já tentei de tudo, não consigo achar nenhum jeito de sairmos daqui.
- Já falamos, não tem como sair.
- Mas não é possível, será que ninguém está procurando por nós? Somos pessoas!!! Deve ter alguém que se importa.
- Será que somos pessoas?
- Somos seres perdidos dentro de um buraco escuro!
- É isso! Talvez aqui seja um lugar para os abandonados, os não amados os...
- Esquecidos.
- ...
- Oi, tudo bem? Meu filho esqueceu o casaco ontem, será que dá pra dar uma olhada se ele está perdido por aqui?
- Claro, só um minuto...
- Aqui não está...nem aqui... que caixa é essa?
- Hum...desculpe, só são uns brinquedos que esqueceram outro dia.
- Bom, sinto muito não achamos nada, você deve ter esquecido em outro lugar.

MIDNIGHT

Ana Carolina Juliasz

Meu nome é Roxie, tenho 22 anos, sou uma rata da espécie chamada “Ratazana”. Tenho pelos brancos e olhos azuis. Trabalho em uma casa de *strip* chamada Midnight. Moro sozinha em um apartamento no centro da cidade. Sou de uma classe social alta. Meus pais são donos de muitas empresas milionárias, porém, eu não quis seguir o ramo da família. A casa de *strip* em que eu trabalho é uma das mais famosas da cidade. Ela fica perto de um bairro grã-fino, o único “problema” é que essa casa é frequentada por pessoas que estão envolvidas com a máfia ou tráfico de drogas.

— Pode nos contar o que ocorreu naquele dia? — disse uma voz, saindo da caixa de som da sala.

Era sábado de manhã quando eu mandei uma mensagem para minha amiga que trabalhava comigo. Ela já não me respondia fazia uns dias. Eu não estava preocupada com ela, pois toda vez que ela sumia era por uma causa séria. O nome da minha amiga é Melissa. Ela era da mesma espécie que eu, sua pelagem é cinza com bolinhas brancas, seu olho também era cinza claro. Eu sempre reparei que ela gostava de se “meter” com as pessoas mais perigosas da casa. Como ela era uma amiga com quem eu me importava bastante, sempre ficava reparando nela e onde ela se metia. Já tive que tirá-la de muitas enroscadas, e ela nunca aprendia que não podia se meter com aquela gente.

Durante a tarde, eu aproveitei para fazer umas comprinhas e ir ao mercado. Por volta das nove da noite, eu peguei minha moto, e fui para a *Midnight*. Como era época de carnaval, a casa resolveu fazer uma noite com o tema de carnaval. Eu acabei resolvendo ir de sereia, porque era o ser místico que eu mais gostava. Chegando lá, fui direto para o “camarim” me arrumar com as outras meninas. Reparei que Melissa não estava lá, então resolvi perguntar para as outras meninas se elas

sabiam o que estava acontecendo com ela. Ninguém sabia sobre ela. Ela tinha realmente desaparecido daquela vez. Tava com vontade de chorar na que hora, mas não podia, pois ia borrar toda a minha maquiagem e meus olhos iam inchar. Fui para a barra de pole dance fazer meu “show”. O caminho do camarim até o palco era meio constrangedor, por conta dos olhares.

Comecei a dançar. Quando eu danço todos param e olham para mim. Até que uma mão me pegou pelo braço e me puxou para baixo. Esse braço pertencia a um rato preto de olhos verdes, lindo por sinal, chamado Dante. Ele olhou diretamente nos meus olhos e falou que nós tiramos que conversar. Puxei meu braço de volta, olhei com uma cara feia, virei de costas e voltei a dançar. Depois de um tempo, resolvi virar para traz para ver se ele ainda estava lá. E sim, ele ainda estava lá. Dessa vez ele estava de pé, com os braços cruzados me encarando profundamente. Ele percebeu que eu estava olhando para ele, então só mexeu a boca dizendo “Melissa”. Fiquei em choque no momento que até escorreguei da barra e acabei me queimando. Então recolhi o dinheiro do palco e sai correndo atrás de Dante, que já tinha saído dali. Os homens começaram a me vaiar, mas eu nem liguei para isso. Corri atrás dele até uma sala onde não tinha tanto barulho.

Antes de mais nada, perguntei sobre o que ele sabia. Ele respondeu super calmo que sabia onde estava a Melissa. Então acabei perguntando como ele sabia disso. Há um bom tempo atrás ele tinha se metido com um cara que é traficante, e a partir daquela época tinham se tornados grandes inimigos. Depois de saber disso fiquei nervosa, e perguntei quem era e como podíamos chegar até ele. O nome desse traficante era Remir, um rato cinza, que muitas vezes usava um chapéu cinza, para esconder uma cicatriz de faca no olho. Ele era dono de uma das maiores empresas de tráfico de drogas do país, o nome do negócio dele era Linguinni. Nós acabamos passando a noite conversando sobre esse sujeito. Até que percebemos que íamos precisar de ajuda de vocês para encontrá-lo. É isso.

— Muito obrigada pelo seu depoimento senhorita Roxie. A senhora já pode se retirar e pedir para o Dante entrar. — disse uma voz vinda de traz do espelho.

O MENOR ROMÂNTICO

Felipe Donato

Esta é a primeira vez que estou começando os meus relatos, mesmo estando preso neste lugar há algum tempo. Muitos de minha espécie achariam minha história hilária, faz tanto tempo que nem me lembro mais como vim parar neste quadrado de madeira feito pelos gigantes. Sei que estava em uma das expedições normais que sempre fazia para buscar comida e acabei preso. Portanto, era do meu cotidiano passar pelas civilizações dos gigantes; afinal, eles sempre estão por todo lado, e sempre querendo nos matar. A propósito, só para deixar registrado, sou a formiga Antony Flik, vai que eu fique mais louco e esqueço meu próprio nome.

Eu percorri este lugar inteiro. Nos primeiros dias de solidão, o local era interessante, nele há várias coisas esquisitas que eu não tenho a menor ideia do que são e para o que servem. Por um tempo foi uma boa distração, mas me enganar com o mundo gigante não ia acabar com meus outros problemas. Também, a fome era bem difícil de lidar, achava umas migalhas ali e aqui, mas nunca realmente alguma coisa nutritiva. Estranhamente, sei que um dia só parei de sentir fome, talvez tenha adquirido um poder.

Confesso que sinto saudade lá de fora, da brisa, do vento, da grama, do azul do céu, até mesmo de minhas explorações. Estas saídas do formigueiro não eram fáceis por conta dos gigantes. Porém, era prazeroso ter aquela adrenalina no corpo, o sangue pulsando forte, a cabeça a mil, o coração acelerado, pensar se o que se está fazendo é a ação certa, e por fim, aquela dúvida sobre se a cada exploração você iria voltar para seu lar e reencontrar a sua musa divina que sempre orgulhosamente servi. Deste modo, aprendi a não temer a morte.

Para não enlouquecer de vez, tive que fazer um cronograma para meus dias. Primeiramente, pensei o seguinte: a fome já não me

incomoda mais, desta maneira, risco de meu roteiro o meu antigo e principal trabalho de buscar comida. Assim, o resto do dia ficava nesta seguinte ordem: dormir até o mais tarde possível, afinal depois de tanto trabalhar no formigueiro é bom ter um descanso comprido. Logo, quando eu acordava ia dar uma volta para me exercitar e despertar meus músculos. Então, quando terminava minha caminhada, gostava de arrumar as coisas esquisitas e ver o que eu conseguia usar para tentar transformar este espaço em meu lar.

Após cumprir minha pequena rotina, ia visitar o buraco do parceiro cupim para ver se ele tinha algo novo, mas ele nunca me deixava passar pelo buraco e sempre falava umas coisas estranhas. Por consequência, eu passei a não dar muita bola para ele, era um ser meio grosseiro. Deste jeito, decidi criar meus amigos imaginários com uns pedaços de esquisitices que achei por aí, passei assim a contar meu dia para eles antes de dormir, pois necessitava conversar com um suposto alguém.

Agora meu mundo é outro, aqui as coisas não são como o formigueiro onde havia vários de mim. Aqui, às vezes, só aparece o cupim de cara estranha que nunca entendo o que fala. Me sinto tão só... O tédio sempre preenche o ambiente.

Engraçado, em um dos meus dias de solidão e tristeza, sonhei que minha rainha tinha me buscado e me levado para um lugar que não era meu lar, mas era aconchegante e me encheu de esperanças. Onde ela me levou era incrível, o formigueiro do paraíso, me senti como se estivesse deitado em nuvens. O sonho pareceu até real, juro, senti uns arrepios. Quando acordei, me senti estranho; estava puro e limpo, parecia que não tinha preocupações em minha vida, fome e cansaço eram inexistentes, era como se eu fosse eterno. Não sei ao certo o que aconteceu comigo, mas se for a morte, é o que dizem: “a morte, assim chamada, é algo que faz as formigas lamentarem, sendo que passam metade da vida dormindo e a outra trabalhando”. Enfim, chego ao final do meu primeiro relato, adeus.

VIVENDO MEU SONHO

Lorena Rosenblit

Eu não aguento mais isso, não aguento mais, é toda vez a mesma coisa! Pelo menos dessa vez tinha aquele cachorro-quente que eu adoro lá no céu. Mas o de ontem foi sinistro, nunca pensei que no inferno teria aquelas bolas de fogo igual nos filmes e naquela série que eu adoro. Enfim, melhor eu me levantar logo da cama e ir pra escola; terceiro ano não tá fácil pra ninguém.

Aula de biologia. Que saco! Não vou nem falar que queria estar dormindo na minha cama, porque vai que eu sonho com aquilo de novo, igual todas as noites: atravesso a rua da escola e logo na esquina entro naquele táxi amarelo que está parado no ponto, ele acelera e a chuva que cai não colabora, até que o carro derrapa e pronto, tudo preto. Aí, depois que fica tudo preto, abro os olhos e me deparo com um telão na minha frente, tem dias que nele está escrito “bem vindo ao céu” e outros dias “bem vindo ao inferno”; logo em seguida, eu conheço um dos dois.

Acabou a aula. Graças a Deus. Agradei o professor e saí da sala de aula. Até que eu escuto alguém me chamando: “E aí, Renatinho?! Bora jogar uma bola lá em casa hoje? O Lucas e o Adriano também vêm”. Obviamente, não recusei o convite.

Chegando em casa, dei de cara com minha mãe carregando as compras do mercado, me ofereci para ajudar e logo depois subi pro meu quarto, pensando se era dia de ir pro céu ou pro inferno. Apaguei e graças a sei lá quem, foi dia de ler “bem vindo ao céu”. Será que consigo controlar pra onde eu vou? Pelos meus cálculos, isso é possível. Notei que nos dias em que eu faço boas ações vou para o céu, já nos dias em que faço coisas ruins, vou para o inferno.

Agora que eu consigo controlar isso, não tenho mais preocupações. Cheguei na escola e era dia de prova (de química, ainda!), eu não fazia

ideia do conteúdo, e nem meu amigo que estava sentado ao meu lado. Ele logo me olhou e disse sussurrando: “Aí Renatinho, vamos atrapalhar a aula pro professor não ter tempo de dar a prova pra gente!”. Sem nem pensar antes, eu apoiei a ideia. E foi assim que fizemos. Gritamos e atrapalhamos a aula inteira, e no fim deu certo, não sobrou tempo pra prova.

Na saída da escola, recebo uma mensagem da minha mãe dizendo que não poderia me buscar. Logo, saio e vou atrás de um táxi para voltar pra casa, o carro é amarelo. Que tédio. Pra piorar, ainda tenho aula de inglês logo mais e o dia ainda tá feio; chuva que não para, não dá nem pra jogar bola. Peço pro motorista acelerar, pois não posso me atrasar para o inglês. Do nada tudo preto. “Bem vindo ao inferno”.

TONHÃO

Pedro Ferros

- Tonhão, vem comer, a janta tá pronta!
- Pera, mãe. Acabei de começar a partida de Fortnite.
- Não ligo, vem logo e pausa esse jogo. A comida vai esfriar.
- Já te disse mil vezes que jogo online não tem pause!
- Se você não aparecer na mesa em cinco minutos eu não vou deixar você ir nessa festa de hoje.

Seu amigo Jorge então diz:

— Melhor você ir, não quero ir à festa sozinho.

— Ok! Chego na sua casa às 19:00.

Chegando na casa do seu amigo, ambos se deparam com uma garrafa do pai do Jorge. Animados para a festa, decidem começar os preparativos lá mesmo.

Duas doses logo de cara.

— Nossa, Jorge! Esse negócio é forte.

— Também, né? Você nunca tinha bebido antes.

— Acho que com isso eu vou tem coragem de chegar na Júlia.

Três doses.

— Desde quando o Jorge tem irmão gêmeo?

Duas Doses.

— Os personagens de Fortnite vieram pra essa festa? Nossa como eu não tinha visto que o Jorge tinha três irmãos?

— Essa festa da insana Tonhão!

— Você viu que bater nos personagens de Fortnite dá mais XP?

— Quais personagens? Tá maluco? Olha a Júlia, chegou nela já?

— Ainda não... Preciso pegar mais Shield para me curar mais.

— Não tô te entendendo cara.

— Tô indo pegar mais XP, até mais.

VIVENDO E APRENDENDO

Nicolas Man

Será que vale a pena eu ir a essa festa?

Eu nunca fui a nenhuma festa antes e nem amigos eu tenho, apenas jogo vídeo game e estudo, sou um completo nerd.

O que vou fazer nessa porra de festa?

E eu fui, depois de toda essa dúvida, eu fui à festa. Posso dizer que não foi dos melhores momentos da minha vida, mas com toda certeza foi uma experiência bizarra.

O mais estranho de tudo é que neste exato momento, mesmo não lembrando de 90% da festa, estou na porcaria de uma viagem com umas pessoas que eu nunca tinha visto antes. Não lembro nem de ter sequer avisado o papai e a mamãe.

Mano, como eu vim parar na Europa?

De qualquer jeito, não estou nem aí também, estou aqui tranquilo, conversando e bebendo tanto, mas tanto, com umas pessoas muito estranhas.

Passo dias e noites jogando futebol, com umas pessoas excelentes que, pensando bem, até acho que são realmente jogadores, não estou nem dormindo direito, são dias e noites acordado. Não tenho a menor ideia de como estou aguentando e nem como estou jogando, eu achava que nem sabia jogar bola.

Eu realmente não estava mais aguentando o futebol, então, chamei “meus novos amigos” para jogar um vídeo game, e que saudade que eu estava deste negócio.

O bagulho era meio diferente, o jogo também era meio diferente, mas fomos jogando, era um jogo meio que sobre a vida, dia a dia, festas...Literalmente a vida de uma pessoa dentro do videogame, e, enquanto eu jogava normalmente a porcaria da TV começou a soltar umas luzes muito fortes me puxando para dentro do jogo. Do nada,

realmente do nada, fui parar em uma festa e lá estavam alguns dos meus poucos amigos que eu tinha. Fui correndo falar com o João e perguntei a ele se estava a fim de jogar uma bola, e o João já bêbado, respondeu: mas você nem joga futebol, e depois da festa ainda?! Vai ser quase de manhã, exclamou ele rindo da minha cara.

PARA: VITOR FUMASSE

Antônio Soutello

2026, Julho

Para: Vitor Fumasse

De: Rodrigo Silva

É, desde que cheguei aqui, obviamente minha vida mudou totalmente, os minutos e o tempo passam muito devagar. Meus dias são muito monótonos, acordo por volta das 7:30 da manhã, vou ao refeitório e na grande maioria das vezes como bolacha de água e sal e um copo de leite puro. Por volta das 11:00, temos uma hora para o banho de sol e depois voltamos para a cela. Falando nisso, meu companheiro de cela é muito gente boa, então não fico sozinho ou mal acompanhado nunca.

Nosso almoço é mais ou menos por volta das 13:00 e a janta umas 20:30. Quando cheguei aqui, me forçaram a tirar minha franja, então estou careca, mais magro e estou sempre com o macacão laranja com o meu número “018”.

Falando mais sobre minha vida nesse INFERNO, a comida é péssima, e tenho certeza que os guardas têm seus preferidos, colocam muito mais comida no prato do P.H., que é um fortão que pegou perpétua.

E falando nesse filho da pxxx, você não sabe o que ele fez esses dias. Tomamos banho de terça, quinta e domingo. Só um parêntese, já falei que odeio a comida desse lugar? Bom continuando, hoje quando estou escrevendo essa carta é uma quarta-feira, no banho de quinta da semana passada, todos já haviam ido embora do vestiário (imaginei eu), então, quando estava quase terminando meu banho (não lembro se já citei que não gosto da comida daqui? Foda-se, continuando a história...) deixei meu sabonete no chão e me abaixei para pegá-lo, pois achei que estava sozinho.

(Segurança chama Rodrigo Silveira)

Bom, depois continuo essa história, tenho que voltar para a cela e minhas pernas estão doendo muito; então, estou passando bastante tempo de pé, inclusive agora. Só para finalizar
(segurança começa a ficar estressado e o chama novamente)
Já te falei que ODEIO a comida daqui?
De seu melhor amigo Rodrigo Silveira
Para Vitor fumasse

DEPRESSÃO GEOGRÁFICA

Artur Vilela

Lá estava eu na aula de geografia do Amadeu. Juro que eu fico putaço, eu nunca vou precisar saber o que é uma depressão geográfica. Bateu o sinal e o moleque em que eu quero meter porrada veio falar comigo. Eu congelei. Ele me disse que era para a gente se encontrar na escada de incêndio para resolver conflitos. Vai rolar porrada (?). Quando eu cheguei lá, fiquei pensando: ele é muito maior que eu, tenho 15 anos e nunca briguei, por que que a gente se odeia mesmo?

Enfim, ele chegou estendendo o braço em direção a mim e do nada vi uma luz azul forte vindo de cima. Apareci numa cabine telefônica com umas máquinas sinistras. Do nada, um cara aparentemente gente boa me disse que eu tinha sido abduzido por aliens porque não sabia o que era uma depressão geográfica.

O maluco inicialmente raspou $\frac{1}{2}$ da minha sobrancelha esquerda, me deu um tapa na cara usando uma enguia elétrica viva e me levou para a cidade em que moram esses extraterrestres. Fui andando e vi o moleque que eu não gosto, o Paulinho. Saí correndo em sua direção para ver se ele sabe de algo que aconteceu, mas quando cheguei perto dele, eu me caguei de medo do bíceps desse cara e fui embora. Fui até um bar tomar uma breja e me sentei em uma mesa com dois alienígenas. Um se chama Tyler Durden (ele não é meu alter-ego) e o outro FK112!2ac. Chamei eles de T e F. Eles me perguntaram se existia alguém de quem eu não gostasse nada e eu citei o Paulinho. Eles me disseram que treta não dá em nada além de machucados internos e externos.

Eu os xinguei e eles começaram a me ameaçar, eu saí correndo sem pagar. Eu saí na rua à procura do homem e o T e F saíram correndo atrás de mim e me sequestraram e falaram que por não respeitar os mais velhos, eu teria de fazer o que eles pedissem por um dia. Na hora,

o T falou: Você não fala sobre o C**** d* L***, eu entendi a referência. Eles falaram que iam me levar numa festa intergaláctica e cheirar pó de miojo estelar sabor bolacha recheada. Eles também pediram para eu sair na porrada com o Paulo ver se eu ia sair machucado ou não. Eu apertei a mão deles e topei fazer essas coisas.

Cheguei à festa e fui falar com o Paulo que estava no barzinho. Na hora, ele estendeu a mão para mim e me deu um abraço. Olhei para T e F e eles estavam em choque. Eu perguntei o motivo e ele me disse que era porque eu não tinha amigos de verdade e que ninguém realmente se importava comigo. Eu disse que minha namorada, minha mãe e meu melhor amigo. Ele só disse que minha namorada me traía com meu melhor amigo. Virei de costas e eu estava machucado internamente e perdi aposta com meus amigos aliens. Eles disseram que me avisaram e disseram que iam me levar de volta para casa se eu soubesse o que era uma depressão e eu expliquei direitinho.

Fui para a cabine e me disseram que eu tinha um último pedido. Falei que queria só ver as pessoas que se importassem comigo pro resto da vida. Voltei para a Terra, não tinha ninguém. Meu problema sempre foi acreditar que era amado, mas eu sempre estive vivo em um caixão a sete palmos do chão com alguma expectativa de um dia sair.

A CURA

Bianca da Mata

Entre o século XV e XVI, um grupo de portugueses liderado pelo general Carmões foi designado a fazer uma expedição pela galáxia afora com o intuito de coletar recursos médicos para Portugal, que nessa época passava por uma pandemia de gripe lubacroniana, que vinha de uma raça alienígena inseto, causando coceira em todos.

O general Carmões era baixo, usava roupas ajustadas para seu corpo e em seu tórax estavam suas medalhas espaciais que havia ganhado nas guerras. Sua esposa, Coralina, teve o contágio da doença e ele não podia ficar perto dela. Chateado com a situação, Carmões teve a ideia de pegar sua nave e partir pelo espaço atrás da cura para a doença. Por sorte, ele tinha um mapa, que conseguira em uma lojinha de preciosidades que mostrava o local exato do planeta Lubawaba, cujo nome anos depois foi mudado para “Marte”.

Então, com seus olhos brilhando diante da ideia que teve, deu um salto e disse. — Maaaass pá, minha esposa está salva!

Deu a notícia para seus tripulantes, que insistiram em partir viagem junto com ele, mas o general disse:

— Não será uma missão fácil e estamos indo contra o governo, esta missão me foi dada a partir de mim mesmo, quero ser lembrado por este arco galático marcante!

Após entrarem na nave, partiram em viagem rumo ao planeta, que até então nunca tinha sido explorado por um humano. Tudo estava indo bem, quando um de seus tripulantes se deparou com um objeto estranho vagando no espaço escuro, tinha um formato circular e brilhava conforme a luz do sol batia em sua direção. Era como um disco, mas em tamanho menor, e tinha gravuras em sua parte externa.

O capitão gritou:

— Soltar garra mecânica! — E então um de seus soldados soltaram

a garra de metal que pegou o CD bem no ponto exato, para que não houvesse ranhuras.

Quando o objeto entrou pela escotilha, um de seus soldados pegou o disco e disse em alto e bom som.

— Aqui gene, tá escrito “Breno Mort, tal cá tum bumbum”.

O capitão, olhando com uma expressão de quem comeu e não gostou, disse:

— Me dá isso aqui, seu idiota! Deixe que eu leio.

Abismado com a falta de escolaridade do seu subordinado, o capitão leu em alto e bom som, exibindo o seu latim:

— Estúpido! A pronúncia correta é “Bruno Mars, talking tô the moon”!

— Onde está meu CD? Onde será que eu o pus?

Enquanto o general se questionava, uma voz no painel de controle fez um som e na tela aparecia “Alerta”.

O clima da nave ficou frio, e o general disse com clareza: — chegamos. Ponham os trajés.

Quando o general entrou na nave com a planta, seu capataz estava com uma expressão de tristeza no telefone. O capitão, animado e alegre, disse:

— Mas que cara de velório é essa? Alegria! Conseguimos a cura!

FÔLEGO

Helena Mariutti

Eu não sei por que fiz aquilo. Nem sei direito como/por que fui parar naquele lugar. Eu só posso ter tido algum tipo de crise de meia idade desesperadora para fazer uma viagem daquelas. Gastei a maior grana. E o pior: eu não lembro de quase nada.

Só me lembro de acordar com uma voz grossa e um dedo fino me cutucando: “cara, levanta daí”. Mais alto e o cutucão mais forte: “cara, levanta daí!”. Eu estava deitado na grama daquele lugar esquisito. Realmente não sei por que eu decidi viajar para aquele fim-de-mundo. Meio da floresta, festivais de cantores alternativos e rituais de cura interna. Isso não tem nada a ver comigo!

Foram três dias de retiro. Três dias de pura tortura. Um dos “guias espirituais”, um esquisitão barbudo que andava de saia longa e sem camisa disse que seria meu mentor. Logo nas primeiras horas de retiro, o cara me ofereceu um chá para restaurar minha alma, seja lá o que isso queira dizer... Enfim, nem pensei, só bebi o negócio. Estava tentando fazer aquele inferno ser o menos desagradável possível e simplesmente concordei com tudo que aquele maluco falava ou pedia.

Tomei a cumbuca inteira daquele negócio nojento. Definitivamente não recomendo. Logo depois de dar goles desesperadamente rápido, o maluco me avisou que não era pra beber tudo. Fui descobrir que era algo pra dividir com todo mundo. Mas não entendi tamanha preocupação do homem. Seus olhos arregalados me assustaram, mas como ele era um maluco nem liguei. Fui avisado que eu poderia ter algumas alucinações. Continuei sem me importar com nenhuma palavra que saía da boca do maluco.

Agora não tinha mais volta. Não senti nenhum efeito.

O lugar começou a lotar estava me sentindo meio encurralado com calor, com frio, senti um gosto ruim na minha boca e de repente minha

Língua estava completamente seca, minha garganta estava queimando, meus olhos pesando e ardendo. Senti vontade de vomitar e comecei a tossir descontroladamente. Meus olhos lacrimejavam e minhas mãos formigavam e soavam, o calor aumentava o ar passava quente pelas minhas narinas e meu pulmão, minha roupa começou a me incomodar, tirei a camisa, morri de frio, coloquei a camisa fiquei dividido entre o frio e o incômodo, escolhi incômodo, vesti a camisa, meus pés estavam grudados no chão o núcleo terrestre aquecia a sola do meu sapato, olhei em volta, a multidão tinha sumido, ouvia um barulho ensurdecedor no meu ouvido, coloquei minhas mãos sobre minhas orelhas para tampar o barulho, elas estavam geladas, tudo ficou preto, abri os olhos, as cores estavam mais vibrantes, as árvores se mexiam, toquei meu rosto e não senti nada, olhei em volta e as caras das pessoas estavam levemente derretendo, o calor ainda aumentava e eu ficava cada vez mais cercado e encurralado, as pessoas não falavam mais minha língua, decidi andar fui para algum lugar mais vazio onde eu pudesse respirar, comecei a andar, todo mundo estava esbarrando em mim ou na verdade será que era eu que estava esbarrando neles? Não tenho certeza na verdade cheguei não sei onde cheguei mas cheguei me senti sendo puxado para baixo novamente, perdi o fôlego vi um lago, fiquei com vontade de fazer xixi, meu coração estava acelerado .tinham patos dentro do lago tudo ficou engraçado, os patos me encaravam com uma cara feia, me senti leve, meus dentes rangiam, vi um homem vestido com pele de urso, eu estava cheio de energia, de repente estava de noite, uma música estranha começou a tocar, eu não conhecia aquela cantora, de repente cantei a música inteira, vi uma casa de madeira pegando fogo, eu pulava sem parar, comecei a andar sem rumo de novo, me perdi do lago dos patos, andei em círculos, pulei gritei depois me deparei com um lugar completamente vazio sem lagos sem atos sem árvores, parecia que o tempo não passava, ainda bem que eu tinha um relógio, olhei o relógio, não reconheci os números nele estampados, senti sono, estava ofegante, as palmas das minhas mãos coçavam, comecei a correr muito, rapidamente estava energético, voltei para o camping, encontrei o maluco, sua barba tocava o chão, ele deu uma risada, minha respiração pesava, olhei em volta, todos se pareciam com ele, fiquei com medo, senti sono de novo. Deitei no chão.

Acordei com uma voz grossa e um dedo fino me cutucando “cara, levanta daí”. Mais alto e o cutucão mais forte: “cara, levanta daí!” Senti uma luz forte incomodando meus olhos. Abri. Era o sol. Estava de dia. Olhei no relógio extremamente confuso, eram oito da manhã, do último dia do retiro. Graças a deus. Levantei do chão. Eu me cocava inteiro. Aquela grama venenosa daquele lugar venenoso... Procurei minha barraca. Peguei minhas coisas. Fui embora. Não falei com ninguém. E até agora não me lembro de absolutamente nada que me aconteceu naqueles três dias insanos.

COMO COLOCO PARA FORA

Flora Mazzucchelli

Ai como eu amo a vida. Não estou dizendo que é perfeita. Mas que é uma delícia, é. A minha então... vish! Na minha vida, tenho a Mamã, o Papaiê e o Auau. Cada um deles tem um papel importantíssimo. Desde o começo, Mamã e Papaiê já me mostraram que foram colocados no MEU mundo para mim, e só. Às vezes também pro Auau. Quando minha barriga começa a roncar, Mamã já está me colocando no MEU trono rosa (que fica na ponta da tábua com quatro pés, logicamente) e me dando o que ela chama de “papa delícia”, que realmente é muito bom. Nas horas em que sinto um desconforto estranho, vejo que meu Papaiê já está esquentando a água da MINHA piscina de bolhas particular. Descobri também que se eu chorar, os dois desabam. Fariam qualquer coisa pra me fazer parar. Eu choro, e meus problemas somem.

Por isso achei estranha essa manhã. Agora há pouco acordei com um ventinho gostoso e comecei a me sentir mal. Dei uma resmungadinha e Mamã já apareceu.

— Angelina, meu amor, como está minha princesinha?!

Não sei como ela faz isso. Ela e Papaiê. Eu só consigo “falar” aqui dentro, dentro da cuca. Mas eles, aaaa eles são danados. Não precisavam chorar, gritar ou apontar, apenas falam... pra fora! Pra mim é magia negra.

— Marizaaaaa, a bebê acordou? — ouvi isso de Papaiê, mas ele nem tava no quarto. Tô falando, magia negra.

— Ahã! Vem cá Roberto, rápido! Tô preocupada. Angelina tá estranha.

Óbvio que eu tô estranha, ora bolas! Parece que tem uma bomba na minha barriguinha e vocês não estão me ajudando!

— Roberto, tô falando sério. Oito meses e nunca vi essa cara aqui. Tô preocupada, Roberto, acho que ela vai chorar!

Comecei a chorar. E o pior: nada. Sei que os dois estavam tentando (o máximo deles até). Já esquentaram a piscina, e nada. Já arriscaram o “papá delícia”, e nada. Esfregaram minha naninha predileta no meu rosto, e nada. Até a pepeta não me ajudou, quando colocaram na minha boca só senti desconforto. Não aguento mais chorar, a bomba parece que tá crescendo!

Quando o Auau começa a latir alto e Papaiê percebe que a Mamã já tá pingando (ela por acaso entrou na piscina?), os dois decidem me tirar daquela confusão e me colocar no troninho móvel. Não gosto desse. Ele não é rosa, é tudo escuro e não consigo ver Papaiê e Mamã. Mas agora isso pouco importa. Quero é saber o que está acontecendo com a minha barriguinha.

Quase que do nada estou em uma sala branca. Tudo muito claro, muito branco e com um cheiro muito ruim. Decido chorar só um teco mais alto. Aí que começa a bagunça de verdade.

Entram na sala tipo Papaiês e Mamãs, que não são O Papaiê e A Mamã, porque estes nunca vi na vida. No que eles chegam, tudo fica mais intenso. É agora, a bomba vai explodir.

Berro como nunca berrei antes e quase caio do colo de Mamã, bem quando um dos “sei lá o quê” de roupa branca está falando uma coisa para fora.

Não consigo mais. Quase ouço o tictac da explosão e sei que não vou aguentar. Caço dentro de mim tudo que já ouvi Papaiê e Mamã falarem um para o outro. Sei que preciso falar para fora, mas como faço? E o que falo?

AiAiAiAiAi minha barriguinha. Começo a espernear e sinto toques no meu corpo. Não quero que me toquem, QUERO QUE ISSO PASSE!

Nesse exato momento eu descobri. Não sei como e, honestamente, nem tento saber, apenas solto para fora o mais alto possível:

— COCÔÔÔÔÔÔÔ — e tudo fica preto.

A FESTA

Isabela Jazzar

Era uma casa de campo tradicional, não muito longe da cidade, janelas e portas grandes e altas... Fazia frio como de costume. Entrei no quarto da minha namorada que estava penteando o cabelo enquanto lia algo em frente ao espelho, ela me viu pelo reflexo:

— Pode entrar, Aurora — ela disse e eu entrei.

Assim que comecei a me aproximar, Laura guardou rapidamente as coisas que estavam em cima da mesa que eu não consegui identificar.

— Sério? Laura, você tem 24 anos, estamos juntas há quase uma no e você ainda tem segredinhos adolescentes?

— Não é brincadeira, Aurora. — Ela retrucou — São coisas de família.

Eu acabei nem respondendo, apenas saí para dar uma volta no jardim, quando na porta de entrada ouvi minha “sogra” dizer: “onde você está indo? Tome cuidado, querida, você pode ralar o joelho”. A princípio, eu estranhava frases como essa, mas depois de tanto tempo vivendo nessa casa, já era até “normal”. O jardim estava todo decorado, haveria uma festa no final de semana, eu odiava festas, mas fazia isso por Laura. Aliás, eu suportava muita coisa para ficar ao lado dela, parecia que ela fazia um tipo de magia que me prendia intensamente a ela independente de outras coisas.

A festa finalmente chegou, mas eu desci para o jardim um tempo depois de todos os convidados chegarem, assim teria que ficar por menos tempo ao lado deles. No momento em que passei no jardim já conseguia ouvir as pessoas murmurando “é ela!” — “olha lá! Que linda...” — como se eu fosse a atração principal da festa. E o pior é que eu não conhecia nem um terço daquelas pessoas.

Um tal de Senhor B. se aproximou e perguntou se poderia me ajudar a chegar até onde o resto das pessoas estava. Era literalmente andar em linha reta. Recusei educadamente e segui meu caminho.

Encontrei Laura dentro de uma rodinha de pessoas e me juntei a elas. Todas vestiam o mesmo tom de cinza, ou preto. O grupo mudou de assunto quando me aproximei, como se estivessem falando de mim. Ouvi todo tipo de pergunta, “de onde você vem?” — “você se vira bem na vida?” — “quem são seus pais?” — “gostou da casa?... A última frase me tocou, eu odiava a casa, nunca me senti confortável lá mas eu nunca fui embora por causa da Laura.

Resolvi sair dar minha caminhada habitual no jardim, ainda era possível ouvir as pessoas perguntando coisas para mim como se eu estivesse lá, na roda. Passei pelo mesmo caminho de sempre, dei a volta na garagem, passei pelo laguinho e finalmente cheguei nos fundos da casinha. Era lá que ficavam as tralhas da família. Na casa não havia fazenda, porém, uma mulher de cabelo cacheado trabalhava no feno.

— Boa tarde... quem é você?

Não ouvi resposta.

— Está tudo bem? O que você faz aqui?

Silêncio.

— Tá me ouvindo?

Ela se virou subitamente e me encarou. Percebi que eu a conhecia de algum lugar.

Era EU!

Tínhamos exatamente as mesmas características, mas ela parecia estar “fora da ar” — ou sob um controle maior. Eu não sabia o que fazer.

— Vai! — minha cópia disse — se você finalmente sair daqui eu também saio! Corre antes que sintam sua falta por muito tempo.

Eu tinha saído havia apenas dois minutos da festa.

— Pense um pouco, querida Aurora, você não tem a sensação de que tudo te controla? Você está sendo tratada como um animal. — Ela disse mais uma vez em um tom extremamente sério e melancólico, parecia até um robô.

Eu apenas me virei e corri o mais rápido que pude... em quem mais eu poderia confiar, senão em mim mesma?

Eu (ela) estava certa.

Corri em direção ao terreno vazio atrás de tudo. Estava tão rápido que não sei se não percebi, mas trombei com algo que não podia ver. Corri na mesma direção, mas não conseguia sair daquele ponto. Como

se eu estivesse em uma bolha invisível.

Resolvi voltar para a festa e sair pela porta da frente usando qualquer desculpa. Fui em busca de Laura. Cheguei perto da área dos convidados e percebi que todos que saíam pela porta principal desapareciam, praticamente se desintegravam. Minha namorada percebeu que eu havia descoberto coisas que eu não deveria.

Escuro. Silêncio.

A ILHA ENFEITIÇADA

Henrique Hochmann

André um jovem aventureiro, alto e magro, estudante de biologia, adorava viajar nas férias em seu veleiro atrás de experiências novas e ficou sabendo que em uma ilha do litoral norte de São Paulo vivia um curandeiro que fazia muitos milagres.

Seu sonho era conseguir curar seu pai, que tinha uma doença grave.

Estava navegando, mas o tempo virou, o mar subiu e o vento o jogou nessa ilha rapidamente.

O lugar era lindo, cheio de coqueiros, flores coloridas, pássaros cantando, areia fofa e água cristalina, um verdadeiro paraíso.

Chegando lá, ficou encantado com tanta beleza.

Começou a explorar a ilha, mas de repente alguns índios apareceram e começaram a dançar em volta dele. Levantavam tochas, gritavam e por um momento pensou que não voltaria mais para casa. André sua-va muito, o suor escorria pelo seu rosto pálido e de olhos arregalados.

Os índios o levaram pela mata e caminhavam sem parar e sem avistar o lugar aonde estavam indo, podia ouvir ao longe o som de um apito.

André adorava aventura, mas naquele instante sentiu que algo errado estava acontecendo.

Apareceram macacos, eram muitos deles, cobras e alguns coelhos. Foi quando avistou um castelo enorme feito de palha e um pajé sentado no centro de uma sala.

O pajé o convidou para dormir lá e sem opção teve que aceitar. Os índios o levaram para o quarto e André entrou num corredor com pelo menos 20 quartos.

Estranhou, mas não tinha opção. Naquela noite, não conseguiu dormir, ouviu o som de um apito e foi tentar ver o que acontecia naquele lugar. Saiu no corredor e havia alguns quartos com as portas um pouco abertas.

Olhou pela fresta da porta e no primeiro quarto, viu duas crianças brincando e chorando. No outro, um homem de aproximadamente 50 anos, batendo a cabeça na parede, e no quarto que tinha a porta maior, uma mulher loira e linda dando risada olhando no espelho. Mas como em um lugar tão tranquilo e lindo podia acontecer coisas estranhas? Pensou ele ... Aquelas pessoas faziam parte de uma mesma família?

Queria muito conhecer o curandeiro e pela primeira vez voltar logo para sua casa.

Na manhã seguinte, André, que mal conseguira dormir, foi levado à sala do pajé, onde vários índios dançavam em volta dele, balançando um chocalho.

Mas como André iria embora? O que estava acontecendo?

Quando começou o som de um apito, André sentiu muita tontura, desmaiou e ficou caído no chão.

Acordou em seu quarto e naquele momento não lembrava quem era e nem de onde tinha vindo. Falava palavras sem sentido e andava de um lado o outro.

A ilha era linda ,mas enfeitiçada. André não conseguiu a cura de seu pai e acabou vivendo num dos 20 quartos daquela casa.

PERSONALIDADE DO CÃO

Veridiana Astiz

A gente se conheceu num dia frio de julho. Eu estava lá na Rua Benedito Calixto, naquelas feirinhas que tem aos sábados, observava as pessoas, um passatempo, e ficava imaginando e criando histórias e vidas de cada uma delas. Até que passou ele, o meu, só meu, homem que se apaixonou por mim na mesma hora, e eu por ele. Ficamos por um tempo trocando olhares, brincando um com o outro, criamos uma conexão, algo que nunca havia sentido por alguém.

Ele era solitário, morava sozinho, apartamento grande, bem decorado, mas tudo escuro, cores predominantes eram preto e cinza. Ele tinha bastante cabelo, era alto e moreno, fios lisos e macios. Imagino que ele trabalhe com algo bastante importante, sei porque algumas semanas após termos nos conhecidos, fui morar com ele, um charme, não? Mas enfim, meu homem ficava horas sem dar sinal de vida, só voltava tarde para casa, chegava desanimado, quieto; até me ver. Eu alegrava a ele e ele a mim. Acho que foi uma luz na vida dele, nós somos almas gêmeas.

Foram meses assim, cheio de risadas e muito amor envolvido. A gente se fazia muito bem, nós nos fazíamos companhia. Nos desentendíamos de vez em quando e na maioria das vezes ele era controlador e odiava quando eu fazia coisas “erradas” (na concepção dele). E enfim, chegou o dia que eu mais temia. Eu o esperava todo dia, ansiosamente. 10:45 da manhã ele saía, voltava por volta das 16:30, e às vezes vinha almoçar, ou só passava para me ver, me dar um beijo, e depois ir embora. Não voltou. Passaram-se algumas horas, parei de contar quantas, até certo ponto, mas ele chegou com uma cara de sonso, se desculpou, passou a mão em meu rosto, me deu um beijo e se direcionou para o quarto. Queria sair de lá naquela noite, sair andando, para que quando acordasse ficasse me esperando igual a como o esperei. Não fiz, não vale a pena deixar meu amado preocupado, mesmo que ele tenha me

deixado nervosa, eu o amo, e não quero mudar nossa relação. Pessoas cometem erros, não é?

Está acontecendo, 2 dias não e 1 sim ele voltava à tarde da noite, todas as semanas. E quando chegava na manhã, agia como se nada tivesse acontecido, tomávamos nosso café da manhã ouvindo música de jazz do Chat Baker e de fim de semana íamos andar um pouco no bairro. Passei a perceber algumas coisas e cheguei à conclusão de que não sou a única. Sim, com certeza havia alguma outra no pedaço, que estava dominando a cabeça do meu homem, mas para isso precisava de uma comprovação.

As semanas continuavam sendo do mesmo jeito. Comecei a ser mais atenciosa com ele, dar mais carinho, demonstrar mais afeto e ser mais chamativa, para ver se o tonto tinha um pouco de decência, vergonha na cara e peso na consciência.

Não aguentei mais. Foi numa quinta-feira, estava prestes a escurecer e fui caçar esse homem. Já estava cansada dessa hipocrisia e burrice dele. Queria ver se eu achava com quem ele estava. Dei um jeito de sair daquilo que ele chama de casa, desci as escadas de incêndio, cheguei no térreo, garagem, portão e estava fora. Cheguei até a esquina, na nossa praça favorita, ah, quantos momentos bons que já tivemos aqui... Até que eu o vi, o meu, só meu homem, ou não mais, brincando e acariciando uma cadela imunda. Eu tinha certeza, meu instinto nunca falhou. Ela era uma Golden Retriever igual a mim, mais velha, mais feia e mais suja. Nem fiz escândalo, nem tinha que gastar energia para falar com aquele cretino. Deu. Não vou mais servir para essa vida de segunda opção.

A CONFIANÇA ANIMAL

João Cunha

Oi, meu nome é Bob, sou um cachorro, pelo menos agora. Tenho sete anos, sou parte de uma família de humanos muito feliz, todos me amam igual eu os amo. Tenho certeza de que o papai é o que mais me ama, mesmo minha irmã sempre querendo me agradar, ele sempre está correndo atrás de mim, só porque peguei emprestado o chinelo dele. Minha família sempre faz tudo por mim, me limpam, brincam comigo e me levam pro parque, que por sinal é meu lugar preferido, lá posso ficar correndo e brincar com meus amigos cachorros e humanos. Teve um dia que um amigo até me levou para casa, mas papai me buscou e brigou com ele, não entendi o motivo disso.

Eu tinha a vida perfeita, mas em uma noite, minha vida virou um caos completo.

Na tarde desta noite que falei, eu tinha acabado de ir ao parque, então estava exausto. Quando chegamos em casa, fui logo para minha cama, mas antes de me deitar, estava me sentindo estranho com se algo estivesse em minha barriga. Não dei bola, pensei que fosse fome, mas estava com mais sono, então fui dormir. Não consegui dormir direito, parecia que estava crescendo.

Depois de um tempo, minha mãe entra no quarto e começa a gritar:

— Roberto!!! Tem um homem em nossa casa. Ele está na cama do Bob.

— Como assim, Helena?? — perguntou papai a mamãe, que se aproximava.

Quando tomei a consciência e fui tentar falar com eles, meu pai me deu um soco com que até fiquei tonto e caí. Só me lembro dele me colocando pra fora de casa e ligando para a polícia. Quando escutei as sirenes, dei um pulo e saí do jardim de casa em direção ao parque, já que é um lugar cheio de amigos que podem me ajudar, mas indo

para o parque, estava tropeçando muito, não sabia o motivo, estava estranho o jeito que corria, mesmo sendo como ando sempre.

Chegando ao parque, percebi que tinha escapado, mas não sabia aonde ir lá, porque só vou quando tem luz. Mesmo assim, entrei e fui seguindo em linha reta, torcendo para que encontrasse algo. Durante essa caminhada, tentei entender o que estava acontecendo, notei que não tinha mais minhas patas peludas, mas sim mãos humanas tipo as de papai. Foi aí que encontrei em um banheiro e vi um espelho. Quando me olhei percebi que não era Bob, o cachorro, e sim Bob, o humano. Naquela hora, comecei a surtar, não sabia o que fazer, eu só queria ir para casa e virar Bob, o cão, de novo.

Depois de surtar, percebi que tinha dois humanos vindo em minha direção. Achei que eram amigos e poderiam me ajudar, mas quando chegaram em mim, começaram a gritar comigo. Não me lembro o que aconteceu, mas sei que não respondi e eles começaram a me bater. Isso seguiu por uns minutos, até que mordi os dois, cheguei a arrancar um do dedo de um, aí eles pararam e foram embora. Fiquei lá, atirando no chão, após tudo isso fechei os olhos e só abri quando vi uma luz vindo.

No momento em que vi a luz, tirei as últimas forças para sair de lá, dei uma volta no parque e consegui achar o lugar onde entrei. Saí do parque e fui voltando para casa correndo, desta vez foi mais fácil, pois imitei papai correndo atrás de mim.

Ao chegar em casa, bati na porta e comecei a sentir a mesma sensação de antes, agora mais forte, comecei a me sentir fraco. Quando caí no chão, senti que estava encolhendo e escutei minha irmã chamando nossos pais:

— Papai! Mamãe! O Bob voltou.

Não escutei mais nada, apenas acordei depois de volta em minha cama. Até hoje não sei se foi um sonho louco ou se foi real. Só sei que foi a pior e a mais louca noite que já vivenciei de minha vida.

CORROMPIDOS PELO AMOR

Manuela Moraes

A sociedade corrompe as criaturas essencialmente puras e por isso e diversos outros fatores, procuro não absorver os princípios humanizados. Era um sábado de manhã, sentia cheiro que me deixava faminto dos pães de queijo, escutava a manutenção da obra na minha rua e via, ainda que de longe, os pássaros se entrelaçando. O sentimento eterno dos sábados estendia as minhas motivações externas e internas desse dia fazendo com que me animasse ao máximo com a produtividade e produção em um ritmo acelerado. No mais, aos sábados, as funções dos meus donos eram minimizadas, o trabalho árduo era interrompido e assim me davam relevância, introduzindo atividades como passear na praça e me liberar à interação com meus amigos vizinhos, sempre com certa cautela e receio de encontrar Pet — a cachorra que considerava quase que minha arqui-inimiga, cuja dona era oposta à minha.

Margaret era minha humana favorita no mundo. Seus cabelos cacheados e seus traços compunham o corpo de uma obra. Sua personalidade era centrada, congruente com suas atitudes. Mais do que isso, era doce e companheira. Já Robert era um grande trabalhador de chefia e possessivo, distorcendo muitas vezes a realidade dele e dos outros. Por mais autônomo que fosse, apreciava as mulheres por saberem exatamente como satisfazê-lo.

A praça costumava ser um programa meu e de Margaret. Esse cenário exaltava diversão e entusiasmo, além de me trazer sensações de pertencimento. Era um lugar que, sobretudo, gostava de exaltar as figuras visuais e a natureza à minha volta, ainda que não fosse do meu costume reparar e refletir em espectros do tipo. As saídas se encaixavam no nosso cotidiano na parte da manhã, o que de certa forma, deixava os sábados ainda mais longos e atraentes. Nesse dia em específico, os meus donos demoravam a sair de casa e enquanto

isso eu esperava na porta balançando o rabo e mostrando meus dentes afiados e sorridentes.

Já havia passado do horário habitual e a espera era contínua. Escuto às vezes gritos e batidas na porta, então suspeito do que poderia estar acontecendo, por mais que ainda fossem plenas dez da manhã (10AM).

— Você é insensível! — diz Margaret. — Nunca mais fale da Juliet!

— Margaret, você está distorcendo as coisas! Me deixe com minha essência e minhas vontades. — Retruca Robert, demonstrando um incômodo com o posicionamento de sua mulher.

Isento minha curiosidade. Passo a procurar um jeito de chamar atenção, como faço quando estou carente. Entro na porta e pego o papel da pia com a boca, bagunçando o trajeto do banheiro até a sala. Minha dona é metódica e segue uma rotina sempre igual. Prevejo que ela pude se estressar ainda mais com a situação, e assim ocorre.

— Eu não aguento mais ninguém. Não aguento mais seu pai, maldito romântico e machista, ao mesmo tempo. Onde já se viu falar com a vizinha que é sua ex? Já se relacionou? Não fala rapaz!!! Não aguento mais você também, Big. Que falta de ética! Você quer tirar meu direito de conforto. — Margaret fala olhando no fundo dos olhos.

Observo como essa fala sai em um tom de desabafo profundo. Observo como ela sai rapidamente bufando e impondo um escape do cenário. Sigo Margaret até a porta, seus passos são apressados e ansiosos, reparo que ela ignora minha presença, o que faz da minha serotonina do sábado se desanime em certa medida, devido à expectativa / realidade criada.

No passeio perto da praça, observo colegas meus que, acompanhados por suas donas, demonstram felicidade. O som dos carros mesclado com barulhos no asfalto perturba um tanto, e nunca tinha antes reparado. Os humanos ao meu lado falam e agem com tamanha complexidade... Sinto uma estranheza e lanço um olhar para a praça. Margaret estava visivelmente abalada, parecia séria e triste. De instantes em instantes, pega no celular e logo em seguida desliga, produzindo uma tensão.

De repente, reparo no seu rosto, na parte das olheiras enchendo de gotas de lágrimas que pouco a pouco caíam e agora estavam acumuladas. Margaret limpa lambendo seu choro e segue na rua saindo da

praça sem motivação. Acompanho seus passos e me desanimo, entrando em sua melancolia. Na porta de casa, encosto meu corpo e abano o rabo, esperando que ela abra para mim.

Atrás de mim, ou ainda do outro lado, estava Margaret, encostada na calçada e com glúteo na rua. Atravesso o mais rápido que consigo para chegar perto e escuto em um tom bizarramente alto:

— BIG.

Olho para o lado e um carro com imenso porte chega na minha direção, inconsciente de seu estado. Retorno rapidamente para trás e só consigo enxergar o carro passando por cima de algo. Margaret estava lá, ou melhor, alguma representação sua restava. Poças de sangue e o peito para cima ficam em evidência. Tento latir o mais alto possível, não acreditava que estava presenciando a infelicidade de existir. Meu corpo paralisa e depois me choca.

Corro por trás do carro e me aproximo da porta da frente, perto do volante coloco o focinho e olho para frente: Juliet acabava de sair do carro. Juliet me fez sentir repúdio e raiva em níveis incontroláveis. Algo que jamais poderia ter sentido. No seu banco, uma série de entorpecentes demonstrava seu estado inadequado e tenebroso. Me sinto nada e sinto tudo no mesmo segundo.

Sábados são meus dias temidos agora. Nunca mais tive coragem para ter contato humanizado e temo qualquer interação. Ter sentimentos me trouxe os piores traumas que poderia ter sentido. Agora sou neutro e controlável.

— Hoje é dia de passear. — Juliet entra no canil e fala junto com Robert.

Sinto por mim em ter sido corrompido.

CONFIE SEMPRE EM VOCÊ

Mathias Zylberkan

Já faz 50 anos, lentos e calmos como sempre, meu maldito pai esbarrou em mim no meio da imigração. Hoje, com o casco todo fxxido, morrendo de fome, estou perdido no vasto oceano. Sem amigos e família, o sentimento vazio de tristeza, solidão e culpa me consomem. Aqui, onde sozinho me encontro, tenho apenas canudos para me alimentar. Todo dia passam peixes de barrigas cheias e lares para ir. Com o máximo de humildade, peço apenas um grão de suas comidas e como resposta, me olham sem pudor e com ódio. Sem me dar um mísero bom dia, me xingam e se quer me ajudam. Meu sonho é poder um dia encontrar um lugar a que possa pertencer, como esses peixes, com felicidade de sobra. Diferente deles também quero ser. Apesar de felizes, são arrogantes, ignorantes e pretensiosos.

Em um certo dia, uma das tilápias parou para conversar comigo. Minha primeira reação foi xingá-la, porém, calma e sincera, ela me acalmou. A bela moça não queria me machucar e sim ajudar-me a me reerguer para ter uma vida tranquila. Ela me deu um tanto de algas para me alimentar, algo que me acontece pela primeira vez. Quando esbanjou sua bela voz, até me assustei:

— Você não pode desistir de seu sonho, estou aqui lhe ajudando da forma que posso! — Disse a tilápia com uma harmonia sem igual.

— Obrigado, por você, irei atrás do meu desejo — Eu afirmei com um tom gaguejante.

Não tive outra opção que não fosse me apaixonar profundamente nela.

Mais tarde, no mesmo dia, um peixão maluco veio cobrar minha pessoa. Sem entender nada fiquei assustado com a tonalidade do moço. Acordo no dia seguinte, todo o alimento me dado pela tilápia havia sumido. Quando olhei para minhas pernas, estavam todas roxas

e meu casco não estava mais ali. Cheio de raiva me recordo que o peixe me espancou afirmando que eu teria me relacionado com a mulher dele, quando na verdade ela apenas tinha fornecido comida. Lá estava eu de novo, do zero, sem comida, lar e ninguém para amar.

Um ano depois, na mesma situação de merda, vejo alguém se aproximando. No momento que chega perto, reconheço, era a tilápia. De primeira ideia, queria bater nela até a morte, porém pensei duas vezes e a perdoei. Novamente ela me deu algas e pediu desculpas como se tivesse se lamentando para d'us.

“Os dias se passaram, pelo menos não estou mais passando fome!”

Essas foram as últimas palavras de Jerry, mal sabia o coitado que o objetivo da tilápia e seu malvado marido era matá-lo. A alga dada a ele foi envenenada com um substrato de canudo velho. Pior morrer sem conquistar o próprio sonho foi falecer sabendo que a pessoa que você amava te matou sem piedade e com a única coisa que comia todo dia:
O CANUDO

PESO PENA

João Pedro Rossi

— OOO Patrick! Se aquieta e vem aqui me ajudar a montar sua ficha do torneio — O que tava acontecendo com aquele pia? Era sempre quietinho — Tô indo, professor, tava passando uma notícia importante na tevezinha do motorista. — Ele falava desviando o olhar, tava esquisito. Bem esquisito.

— Nome? — Você sabe, né, professor? — que moleque desgraçado, tava parecendo o Chaves falando. — Categoria? Tamo na pena ou na mosca? — Na mais alta né, tô fortinho. — Altura? — 1,62 — Peso? — Não lembro. — Não LEMBRA? — Não. — Só se acalma moleque, tá todo esquisito. — Tô preocupado por causa da notícia, falava de um monte de roubo no lugar que a gente tá indo. — Não vai acontecer nada, só fica calmo.

O campeonato era em outra cidade, o Patrick tava ansioso demais para aquilo e esse negócio de roubos só piorou a situação. — Nosso ônibus vai chegar no lugar daqui uma meia hora, tenho esse tempo mais uma horinha para acalmar esse menino.

— Eae Patrickão, já tem noção de com quem você vai lutar? — Não? Acho que ainda não soltaram as chaves, mas fica tranquilo, sou sempre o melhor no ringue, eles que tem que se preocupar, foda-se quem eu tiver contra. — É isso, Patrickão! Mas e essa notícia, o que falava? — Ah, falava que o lugar que a gente tá indo tá cheio de roubos, principalmente nos ginásios, e já tenho meio que trauma com isso, agora se eu ficar muito tempo sem r... — CHEGAMOS, depois me conta Patrick, mas a agora foca na luta e vai dar certo.

O lugar era uma arena estadual, devia ser uma poliesportiva e hoje tava sediando esse campeonato sub-18 de boxe. Esse menino que eu tava treinando é bem disciplinado, nunca vi ele assim, ainda acho que é por causa do campeonato ser grande, essa parada de roubo é mó balela, só uma desculpinha.

Descendo no lugar, a gente foi direcionado para um vestiário, tinha mais uns 7 jovens e todos, sem exceção tavam em melhor forma. Não tinha chance de o Patrick trocar com eles. — ooo Patrick, são todos sem técnica, só têm tamanho — Cochichei no ouvido dele, acho que nem ouviu, tava vidrado em um loirinho, ele devia ser um playboyzinho de cidade grande, só a mala dele devia comprar meu carro. Mas porque o Patrick estava tão vidrado nesse menino? Ai que vontade de mijar. — Patrick, vou ali só tirar a água do joelho e já volto. — Ele só fez que sim com a cabeça.

Que medo. Deixei-o lá sozinho, alguma coisa pode dar errado? O banheiro era singelo, um cheiro de fim de feira, os mictórios entupidos, portas sem travas, torneiras pingando, e tinha um submarino na privada da segunda cabine. Mas um xixizinho dava pra fazer ali. Os vereadores devem ter passado a mão no orçamento do estádio.

— SEGURANÇA! VEM AQUI, ESSE CARA É LOCO!

Que merda era essa, tinha alguém se esgoelando lá fora, mas, vinha dos vestiários, puta que pariu. Fui correndo para ver o que tava acontecendo.

— Solta meu relógio, seu louco, por isso que você tava me olhando? Era isso né, seu merda.

O playboy tava se pegando com o Patrick.

— Que merda é essa, Patrick? Que que você tá fazendo? Solta o relógio dele.

— Não vou, é meu agora. Ele bobou.

— Como assim? — Falo junto com o loirinho.

— É eu, é meu agora, eu peguei — Ele falava tão calmamente que não tinha um pinga sequer de ironia, mentira ou qualquer coisa, aquele relógio na cabeça dele era realmente dele.

— Tá maluco, Patrick, nunca foi dessas coisas! E agora virou o que? Ladrão?

— Não, claro que não, foi só pra me acalmar, viu? Agora consigo lutar suave, agora que eu peguei o relógio pra mim.

É, tive que voltar pra casa depois disso, não teve luta e nem campeonato pra mim, só um B.O. Meu aluno era realmente perturbado. Algum transtorno com nome complicado, celomaníaco, clemaníaco, não lembro, mas era de fato louco.

KARATE OLD

Vinicius Fantinel

Hoje eu, Mateus Chen e Vitor Chaminé vamos efetuar um dos maiores roubos que o bairro dos Jardins já presenciou. Somos jovens, fortes, vindos da favela e estamos planejando esse assalto há uns 3 meses, não havia como dar errado, um asilo cheio de velho rico e bobo.

Estamos a 52km dos Jardins. Nos encontramos dentro da minha casa, sentados no sofá, torcendo para o nosso timão escapar do rebaixamento no Brasileirão.

O jogo acabou por volta das 18:00, estávamos devastados pela derrota; cabia a nós apenas torcer para o Santos, aquele time de velho, perder e ser rebaixado ao invés de nós. Ainda tínhamos 1 hora até sair de casa. Como o destino final era longe, precisávamos sair cedo. Mateus ia dirigir, eu ia ficar na contenção e Vitor era míope.

19:03, horário em que saímos, 20:22, a hora em que chegamos. Durante o caminho, vimos diversas viaturas rondando o bairro, nunca havia visto aquilo, “que bom que nenhuma nos abordou” disse Vitor. Passamos pela portaria e fingimos ser netos de um coroa chamado Rodrigo Chen, o velho estava capenga, coitado, todo torto, caído e andava com andador. Ele estava no quarto 204, um dos mais próximos do refeitório, era lá onde iríamos fazer todos os véios de refém. Entramos no quarto, amarramos a perna, os braços fracos e colocamos uma mordaca na boca de Rodrigo e deixamos ele lá.

Chegamos no refeitório e demos a ordem para TODOS pararem o que eles estavam fazendo e viessem devagar um a um entregar os seus pertences a nós e se sentarem rente a porta. Uma senhora de cabelos brancos começou a rir, abaixou a cabeça e veio até a porta. Quando fui amarrar suas mãos, a maluca da véia me deu um chute nas bolas, fiquei até sem ar. Após isso todos sem exceção vieram correndo até a porta, pareciam que tinham 20 anos. Um louco parou de correr, deu

um mortal para trás e voltou na nossa direção. Quando percebemos, já estávamos todos de barriga no chão, amarrados e sendo levados em carrinhos em direção à portaria. Do fundo do corredor, já dava para ver umas luzes vermelhas piscando. Era a polícia. Mateus olhou para nós dois e disse: “é, fomos em cana.” Não tinha mais o que fazer, só imaginar como iríamos contar a história para os nossos companheiros de cela e para o delegado. “Sé louco tio, fomo assaltar uns véio, no asilo, mas os cara era uns faixa preta no karatê, saíam dando mortal, chute cruzado e os caralho”.

Em conclusão deu merda, 4 anos de cadeia para cada um ou uma fiança de 80 mil, mas não tínhamos esse dinheiro.

QUE BICHO É ESSE?

Pedro Gabriel Chiea Gomes

Após chegar em casa da escola, Leo estava muito cansado e decidiu se deitar em sua cama. Havia passado mais um dia sem falar com ninguém. Mesmo que estudasse em uma escola extremamente grande, ele não tinha a capacidade de falar e nem ficar com alguém. O único momento em que Leo era feliz era quando ele lia e via suas séries de super-heróis da Marvel e D.C.

Ele tinha uma vida muito tranquila, tirava notas boas, era um filho bom, conseguia ser razoavelmente bom nos esportes, mas era solitário. Sempre sentira que faltava alguma coisa em sua vida, mas nunca conseguia decifrar o que poderia ser. Ele tinha um melhor amigo virtual que morava em outro estado, o que não os impedia de conversar. Leo sempre falava o que sentia e suas vontades de fazer algo para mudar o mundo, igual um herói.

Talvez esse buraco em sua vida fosse a falta de “capacidade” de mudar o planeta. Ele sempre comentava com seu amigo virtual que mesmo que ele já tivesse 18 anos, não conseguia parar de ter a crença de que ele teria poderes.

Uma coisa que o deixava extremamente chateado era o fato de a taxa de assaltos em sua cidade estar crescendo cada vez mais. Havia uma praça perto de casa em que o Leo adorava se sentar e ver a paisagem enquanto lia seus quadrinhos.

Certa tarde, estava sentado no banco de praça e começou a observar um bicho estranho que estava voando (quase parado no ar) bem em frente à sua cara e que brilhava de um jeito que ele nunca havia visto igual. No momento em que ele piscou os olhos, o bicho sumiu e ele começou a sentir algo no pescoço como se tivesse sido picado.

No mesmo dia, mais para o fim da tarde e começo da noite, Leo começou a se sentir estranho, mas era um estranhamento diferente,

como se ele estivesse se sentido incrivelmente bem e poderoso. Ligou rapidamente para seu amigo e contou do ocorrido e o que ele estava sentindo. Seu amigo começou a rir e perguntou e Leo havia usado algum tipo de droga, mas ele simplesmente disse: “Acho que finalmente tenho o que é preciso para salvar o mundo” e desligou antes mesmo do amigo conseguir terminar de falar “acho que você precisa fud...”.

Leo, se sentindo o máximo, saiu no escuro da noite.

Após três dias, ele acordou meio zozado e dentro de um quarto que ele nunca tinha visto antes, quando de repente entra um médico e fala: “Que bom que você acordou, Sr. Silva (Leo)”. Leo pergunta o que aconteceu e o médico diz: “Há dois dias você foi trazido para cá, pois você havia tido uma reação alérgica sobre algum veneno que você ingeriu, isso nem é tudo, você foi espancado por três assaltantes após você achar que tinha poderes e tentar impedi-los de roubar uma lojinha”.

SOCIEDADE

Bernardo Pinto

Seguia uma rotina robotizada, como qualquer trabalhador de grande cidade, baseando-se em pegar o transporte, trabalhar e voltar para casa com condições desfavoráveis. Daniel era como qualquer cidadão, era só mais um, com os seus gostos, rotina, vício em apostas; um homem comum, morador das grandes metrópoles. Mas Daniel tinha uma questão: ele constantemente tinha sentimentos de raiva diante da sociedade, sempre queria se excluir dela ou excluí-la dele. Isso era visto na sua rotina, na convivência no mesmo ambiente com outras pessoas; seus ataques de raiva e ansiedade eram nítidos, ele demonstrava um certo desconforto.

A sociedade robotizada era a maior angústia para Daniel. Aquela convivência não fazia sentido. As pessoas eram as mesmas, todos os dias, os mesmos rostos, mesmos humores, mesma vestimenta, a momento algum havia uma mudança. A vida para Daniel se baseava em um jogo de cartas, nunca acaba, só alguém perde.

Na vida, Daniel tinha uma sensação de ser perdedor, de que tudo que fazia era um constante erro. Essa impressão era recorrente. Eram perguntas que, conforme os dias se passavam, ficavam mais distantes de uma resposta concreta.

O contato com outros gerava um transtorno, uma sensação de raiva inexplicável, apenas pela convivência, pelo pressentimento de que em volta havia pessoas vazias como ele. Porém, elas ignoravam o que havia à sua volta, apenas ocultavam o sistema operacional em que viviam.

Aquilo, pessoas ignorando o que acontecia em volta, todos os grandes erros extremamente normalizados... aquilo não era normal. Eles não eram normais, todos seguindo padrões fictícios em um modelo político que colonizou a espécie humana.

Até que um dia, o transporte quebrou, o padrão se rompeu, o sistema falhou. Isso deixaria a mente de Daniel confusa e ao mesmo tempo, com uma sensação de ódio contínuo. Só pensava em como um aspecto tão pequeno rompe uma sociedade tão grande, dependente de um sistema robotizado.

A cabeça de Daniel explodiu, não existia mais “um normal”. Ele começa a agredir fortemente a todos, apenas pelo fato de estarem lá, de participar desse sistema ridículo. Quando alguém rompe o sistema, vêm pessoas para “corrigir” esse rompimento: no caso, a polícia. Daniel olhava com cara de desprezo e continuava o que estava fazendo; se ele não conseguia se excluir da sociedade, ele iria excluí-la dele.

Por essa agressão, ele foi punido como um cidadão que não segue padrões. Levou um tiro que provocou alucinações, mas ele simplesmente ignorou a punição e começou a debochar de todos, mesmo sangrando. Ele apenas caminhou, fugindo dos padrões, ignorando a todos, procurando uma maneira de mudar, realizando seu maior objetivo, sair do padrão.

O JOGO

Lucca Eid

Em uma tarde de domingo, começa o jogo mais esperado. Jogadores novos, todos com uniforme certo, padrão Fifa. Eles jogam naquele campo há um tempo, sempre se reúnem para dar um show, a torcida cerca o estádio, muita gritaria, adrenalina, coração a mil. Os jogadores dos dois lados querem ganhar, vale a vaga deles, e sempre querem jogar mais, sempre saindo triste e nervoso quem perde.

Começa a partida, a bola está em jogo, os dois times atacam muito, o time azul consegue marcar, um a zero. A bola volta para o campo, um bate e rebate, os zagueiros tentando fazer gol, os atacantes com fome de gol. Sai mais um, tudo igual na partida, amarelo empata. As emoções à flor da pele, a torcida gritando, falando, comentando e os jogadores ouvindo tudo. Começa uma tempestade, o campo não molha nem os jogadores e o clima, ao invés de esfriar, fica mais quente. Partida pegando fogo, o meia do azul se machuca. Drama. Não tem reserva, o time azul, com um a menos, toma pressão, as bolas passam bem mais fácil com o buraco que tem ali, barulho da chuva e o amarelo faz mais um gol, 2 a 1, o time azul já reclamando que estão com um a menos e é muito injusto.

Depois do gol do amarelo, o azul quebra um amarelo, eles começam a bater boca, mas o jogo segue. Depois disso, o azul empata, 2 a 2, saem vários gols em sequências, 3 a 2, 3 a 3, e a torcida gosta, todos falando muito, pareciam comentaristas e estavam atijando os jogadores, que começaram a se irritar de volta contra a torcida. Os chutes estavam mais fortes, dava para ver e sentir a raiva, o azul fez 4 a 3 e todo o drama é reforçado, o amarelo está querendo ganhar e está no fim do jogo. A torcida se cala e outro jogador do azul se machuca. Os jogadores daquele campo estavam realmente podres. No fim do jogo, medidas extremas têm que ser tomadas e gol de goleiro é bem difícil, então vale 2, né?

O amarelo marca um gol de goleiro e acaba o jogo. Os jogadores do azul destruíram o campo inteiro, levantaram, jogaram-se no chão e chutaram, a mesa de pebolim fica esvaçada. Depois de se acalmarem, os amigos se cumprimentaram e ficou tudo certo: as duas pessoas do azul tomaram suspensão por destruir a mesa que era nova, mas bem ruim. Depois dessa derrota, ficaram umas semanas sem jogar pois não tinha mesa e a torcida estava muito assustada. A chuva não molhara nada pois estavam em lugar fechado; assim terminava um grande jogo, tudo de cabeça para baixo.

GÊMEOS

Pedro Olmos

— Ei Mat, o que a gente vai ter na escola hoje?

— Não me lembro irmão, mas provavelmente vai ser algo tranquilo. Parece que depois da pandemia do ano passado, tudo ficou mais fácil, nem se parece mais com uma escola particular. Você também acharia de boa se ao menos tentasse estudar. Coloca essa sua cabeça ruiva pra pensar moleque, nós já temos 16 anos.

— Nós somos gêmeos, o que você tá falando, você também é ruivo!

— E daí? Você só faz besteira com aqueles dois, não sei como ainda não deu merda pra vocês

— É porque a gente pensa muito bem! Você vai ver, um dia eu vou destruir aquela escola. E você podia me ajudar, né? Ao invés de ficar só estudando o dia inteiro

— Não vou discutir com você sobre isso. Vamos entrar.

Mateus e João eram conhecidos como os gêmeos flamejantes. Passando pelo corredor da escola, trocaram um papo com Ryan e Felipe, gêmeos do ano acima. Papo normal de escola, de antes de bater o sinal. No canto do pátio, estavam Kevin e Kaíque, os gêmeos do gatilho. Estavam fumando cigarro.

— Cara, eu tenho muito medo daqueles caras, ninguém nunca mexe com eles, né Kaíque?

— Não mesmo, e acho melhor você nem pensar nisso, João. Aqueles dois têm 20 anos, mas ainda estão no meu ano. Eles são envolvidos com organizações criminosas.

— Porra! Eles repetiram 3 anos? O que é isso minha gente, tô fora!

Entrando na sala de aula, as primeiras pessoas que veem são os professores, Rodrigão e Ronaldão. Os dois passavam um ar maligno, mas eram muito amáveis, todos gostavam deles.

— E aí, Rodrigão, beleza?

— João, esse é o Ronaldão — sussurrou Mateus.

— É o Ronaldão, moleque! Nunca mais me chama pelo nome daquele idiota.

— Que é isso, Ronaldão? Não fala assim do seu irmão, poxa. E desculpa aí, é que vocês são muito idênticos.

A caminho de suas carteiras, só se via as gêmeas patricinhas, chamando atenção da sala toda, Débora e Clara.

— Nossa senhora, só de olhar pra essas metidas, já fico com raiva.

— Dessa vez eu concordo, irmão. Todo dia elas vêm encher meu saco pra eu passar cola das lições de casa. Não aguento mais essas idiotas.

Sentados no fundão, estavam os amigos dos flamejantes: Fabrício e Lucas, os gêmeos exaltados; André e Yuri, os gêmeos rajada e Guilherme e Silva, a dupla dinâmica.

— E aí, João! Qual vai ser a aula que você vai prestar atenção hoje? Acho que nenhuma né? Igual todos os dias, seu burro.

— Muito engraçado Andrézinho, seu chen, fica quietinho que o Ronaldão quer falar.

— É o Rodrigoão, moleque! Você nunca aprende!

— Foi mal!

— Chen, o que é chen cara, uma palavra que você inventou, burrinho? — gargalhava André junto com seu irmão

— Chen é um xingamento em chinês, significa que você é um idiota do caralho!

No intervalo, João sempre ia fazer besteira com os gêmeos exaltados. Era um cabeça oca completo, nunca pensava em nada. Por outro lado, Mateus era calculista, sempre pensava em tudo, até demais. E estava sempre de olho no irmão.

Lá se foi João, explodir uma bombinha do lado da sala das diretoras, junto com Fabrício e Lucas. Mas dessa vez foi diferente. Eles esperaram que as diretoras entrassem em reunião. Os exaltados armaram a bombinha e João foi acender.

— Vai logo João, acende e vamos sair correndo.

O garoto acendeu e, nessa hora, a porta se abriu. Os três moleques saíram correndo. Só ouviram a explosão e os gritos das diretoras.

Foi aí que tudo deu errado, João tropeçou no meio do corredor. Caído no chão, nele tropeçaram os gêmeos exaltados. Bem em cima de

Kevin. Haviam quebrado seus óculos novinhos. O repetente já virou um soco na cara de Fabrício sem nem pensar e seu irmão, Kaíque, veio correndo para ajudar e enforcou o Lucas.

— Que porra é essa, seus moleques de merda! Quebraram os meus óculos, vocês tão fodidos.

Kevin sacou um canivete. Sim, realmente um canivete, no meio de toda a escola. Partiu pra cima de Fabrício, que gritou:

— Foi ele! Ele colocou o pé pra gente cair! — apontava para João

— O quê?? Mas que merda, Fabrício!

Correndo pela escola, os garotos ruivos se encontraram. João estava ofegante e desesperado, fugiu dos irmãos gatilho por toda a escola.

— Mat! Pelo amor da nossa mãe, me ajuda! Deu merda, Mat, deu merda! Pensa em alguma coisa por favor! Rápido! O Kevin tá vindo!

— Deixa eu pensar...

O garoto parou. Parecia que tinha desligado. Estava pensando em todas as possibilidades.

— Mat! Vau logo, nós não temos tempo para isso

Não respondeu, Mateus estava muito concentrado

— Mat! Vamos!

— Cala a boc...

Mat caiu no chão. Havia tomado uma facada de Kevin pelas costas.

— Peguei você, seu merdinha!

— MAAAT! QUE PORRA É ESSA SEU RETARDADO! VOCÊ MATOU ELE!

— Ué, não era você? Impossível. Eu confundi os dois. Que merda, MERDA! — gritou Kevin

— SEU FDP!

O garoto pulou sobre Kevin e começou a socá-lo. O repente estava rindo Kaíque chegou, empurrando a multidão que os cercava. Um gêmeo aleatório pensou ter sido outra pessoa e empurrou de volta. Essa pessoa empurrou outro, que empurrou outro.

Virou um caos. Todos estavam se batendo, todos eram gêmeos. Não importava quem fosse, tomava um soco na cara. Virou um inferno. Taram fogo em tudo. Queimaram papéis higiênicos e espalharam por todo o lugar. Virou um apocalipse.

A escola havia sido destruída.

CALOS

Mateus Perazzo

- Boa tarde.
- Boa tarde é o caxxxxo!
- Japonês estressado.
- Repete pra você ver!
- ...

Esse é Bruce Chen, e esse é um diálogo comum no seu cotidiano. Ele é um homem estressado que nunca está de bem com a vida. Ele odeia tudo e todos à sua volta, a única coisa de que ele gosta é treinar e lutar Kung-fu. Ele trabalha em um posto de gasolina e com o pouco dinheiro que ele ganha ele paga a mensalidade do dojô e algumas coisas para ele comer.

Bruce, ao terminar seu expediente, vai para seu dojô. Seu mestre, Yujiro, diz a ele:

- Você irá entrar em uma nova fase de seu treinamento.
- O que eu tenho que fazer, mestre?
- Nessa etapa você terá que fazer o calejameto de seus punhos.
- Calejamento?
- Sim! Sempre que você acordar, irá socar a parede de sua casa por uma hora!
- Com a mão nua?
- Sim! Sem reclamações!

Bruce então vai para onde ele dorme passar a noite. Ele não tem uma casa, ele dorme em um lugar abandonado em um colchão que achou no lixo. Chegando lá, antes de se deitar na cama, decidiu dar um soco na parede para testar. Ele sentiu uma dor terrível e ficou se perguntando como passaria por esse treinamento. Ele então acordou no outro dia e partiu com ódio para a parede. Ele começa a socá-la com toda sua força e velocidade. No começo estava doendo bastante;

porém, ele parou de sentir sua mão. Ele percebe que a casa estava tremendo, mas ele não ligou e continuou o treino...

Após acabar, ele partiu em direção ao seu trabalho. Ao chegar lá, ele percebeu que esquecera as chaves para abrir a lojinha do posto, então ele olhou para sua mão e começou a socar a porta. Ele quebrou tudo e entrou como se tudo estivesse normal. Termina o seu serviço e foi mandado embora.

Em seu dojô, Bruce contou para seu mestre:

— Mestre, eu estou muito forte em apenas um dia de treino!

— Vá com calma, ou irá se perder na ganância por poder.

— Eu quero mais, mestre! Agora!

— Silêncio!

Quando o mestre Yujiro disse isso, Bruce relembra de seu chefe o despedindo e então a raiva que ele tinha tomou conta dele. Ele dá um soco que apaga seu mestre. Ele então vai até a bolsa deste e rouba algumas pílulas. Volta correndo para sua casa, está com os olhos arregalados e uma cara de louco, querendo poder. Então toma as pílulas de seu mestre e desmaia. Ele começa a ter pesadelos onde todos estão o xingando, centenas de pessoas em uma roda em volta dele xingando-o e menosprezando. Ele avista Yujiro no meio da multidão, e então ele acorda, todo suado e com calor. Começa a escutar uma voz, a parede ganhou vida! Está com o rosto de Yujiro.

— Vai, seu fracote! Oque vai fazer agora?

Bruce então se recompõe e começa a socar a parede com toda sua força.

— Está fazendo cocegas! Você é um fraco!

Bruce aumenta a velocidade e a força à medida que sua raiva aumenta.

— Você é um frango! Nunca vai me derrotar

Bruce soca mais forte ainda.

— É tudo que você tem? Seu fracassado!

Um tremor enorme acontece e tudo começa a tremer.

— Agora é minha vez.

A casa começa a desmoronar e cair em cima de Bruce. Ele tenta fugir, mas não consegue e acaba morrendo esmagado pela parede com o rosto de seu mestre.

OS GÊMEOS ATRAPALHADOS

Pedro Brasileiro

O galo canta, o Sol já está de pé, Antônio e Carlos acordam juntos e pulando. Os meninos têm energia para uma maratona. Com 11 anos, os gêmeos já são bem altos e se viram sozinhos, isso se dá principalmente pelo fato de os pais cuidarem da fazenda da família grande parte do dia, juntos, saem correndo da casa e vão direto para o galinheiro, pegam 2 ovos e começam a preparar seu café da manhã, enquanto Antônio cozinha Carlos arruma a mesa.

Devidamente sem fome, os meninos foram em direção a área do gado, já que lá ficavam sentados conversando, nem eles sabiam o porquê, mas aquele lugar lhes dava sentimento de proteção e segurança. Foi então que o pai os chamou, falou para eles regarem a plantação. Animados pegaram cada um balde e resolveram fazer isso do jeito mais divertido possível, jogar água no outro enquanto corriam pela plantação. A água acabou. Cansados, sentaram-se, estavam de frente para uma linda árvore de flores rosas, se apaixonaram, foram se aproximando, quando Antônio ouviu um barulho semelhante a passos em folhas secas vindo da mata, recuou, com medo falou o que ouviu para Carlos, que não ligou, seguiu em frente, como se fosse empurrado pelo laco com o irmão. Antônio o seguiu, toda a luz forte do Sol foi cortada pela fechada mata em que eles tinham acabado de entrar. Com isso, ficaram aflitos, até que voltaram a olhar com olhos de crianças exploradoras e repararam em coisas que nunca tinham visto antes, cogumelos vermelhos, teias de aranha enormes, pegadas sinistras, plantas coloridas, cheiros novos. O som se repetiu, desta vez mais alto, paralisaram, um olhou para o outro, os olhares diziam muito, era como estivessem realmente conversando pelo olhar. Começaram a recuar, um passo para trás, outro passo, mais um passo, ouviram um barulho de algo quebrando, Carlos havia pisado em um galho. O som se repe-

tiu, daquela vez parecia estar na frente dos garotos. Antônio olhou novamente para Carlos, mas desta vez o olhar era outro, um olhar de desistência, falta de confiança, era como estivesse falando para o irmão que estavam em um caminho sem volta. Carlos recebeu o recado, se desesperou, deu outro passo para trás, Antônio o imitou, o arbusto perto deles se mexia, mais um passo para trás, o barulho estava perto, mais um, uma respiração foi ouvida, bateram em algo atrás e ouviram um som muito alto. Abriram seus olhos desnorreados, se olharam e rapidamente viram que havia uma onça morta na frente e em cima seu pai, com uma cara fria, pálida, como se estivesse morto por dentro. Se olharam novamente, desta vez para ver se aquilo realmente tinha acontecido, levantaram o olhar para o pai e lhe abraçaram. Voltaram para casa tensos, ninguém falava nada. O pai, congelado. Entraram subiram e se deitaram em suas respectivas camas, assim depois de uns 10 minutos Antônio olhou para Artur, que olhou de volta, e sugeriu que voltassem lá para explorar mais.



CONTOS

2^a série — Ensino Médio

2022